

APOIO À VISITAÇÃO DO SÍTIO SERRA DA ESTRELA NO  
CONCELHO DE MANTEIGAS

ROTA DOS POIOS BRANCOS

INVENTARIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E REFERENCIAÇÃO  
CARTOGRÁFICA DE ELEMENTOS ECOLÓGICOS  
SIGNIFICATIVOS E DE PONTOS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO  
RELEVANTE NO CONCELHO DE MANTEIGAS

FAUNA

CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS



# ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA


## FAUNA

### Rota dos Poios Brancos

Código	Nome Científico	Nome Comum	Estatuto de Conservação
001.00	<i>Bubo bubo</i>	Bufo-real	Quase Ameaçado
002.00	<i>Bufo bufo</i>	Sapo-comum	Pouco Preocupante
003.00	<i>Buteo buteo</i>	Águia-de-asa-redonda	Pouco Preocupante Espécie Protegida
004.00	<i>Circaetus gallicus</i>	Águia-cobreira	Quase Ameaçado
005.00	<i>Chondrostoma polylepis</i>	Boga-comum	Pouco Preocupante
006.00	<i>Corvus corax</i>	Corvo	Quase Ameaçado
007.00	<i>Corvus corone</i>	Gralha-preta	Pouco Preocupante
008.00	<i>Elaphe scalaris</i>	Cobra-de-escada	Pouco Preocupante
009.00	<i>Emberiza hortulana</i>	Sombria	Informação Insuficiente
010.00	<i>Falco peregrinus</i>	Falcão-peregrino	Vulnerável
011.00	<i>Galemys pyrenaicus</i>	Toupeira-de-água	Vulnerável Espécie Protegida
012.00	<i>Garrulus glandarius</i>	Gaio-comum	Pouco Preocupante
013.00	<i>Genetta genetta</i>	Gineta	Pouco Preocupante Espécie Protegida
014.00	<i>Geomalacus maculosus</i>	Lesma	Não Catalogada
015.00	<i>Hieraaetus fasciatus</i>	Águia de Bonelli	Em Perigo
016.00	<i>Lacerta monticola</i>	Lagartixa-da-montanha	Vulnerável
017.00	<i>Lepus granatensis</i>	Lebre	Pouco Preocupante
018.00	<i>Lutra lutra</i>	Lontra	Pouco Preocupante Espécie Protegida
019.00	<i>Martes foina</i>	Fuinha	Pouco Preocupante Espécie Protegida
020.00	<i>Milvus migrans</i>	Milhafre-preto	Pouco Preocupante Espécie Protegida
021.00	<i>Monticola saxatilis</i>	Melro-das-rochas	Em Perigo
022.00	<i>Monticola solitarius</i>	Melro-azul	Pouco Preocupante
023.00	<i>Mustela nivalis</i>	Doninha	Pouco Preocupante Espécie Protegida




ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA		FAUNA	Rota dos Poios Brancos
Código	Nome Científico	Nome Comum	Estatuto de Conservação
024.00	<i>Mustela putorius</i>	Toirão	Informação Insuficiente
025.00	<i>Natrix natrix</i>	Cobra-de-água-de-colar	Pouco Preocupante Espécie Protegida
026.00	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Coelho bravo	Quase Ameaçado Espécie Protegida
027.00	<i>Otus scops</i>	Mocho-de-orelhas	Informação Insuficiente
028.00	<i>Podarcis hispanica</i>	Lagartixa-ibérica	Pouco Preocupante
029.00	<i>Prunella collaris</i>	Ferreirinha-alpina	Quase Ameaçado
030.00	<i>Psammodromus algirus</i>	Lagartixa-do-mato	Pouco Preocupante Espécie Protegida
031.00	<i>Rana iberica</i>	Rã-ibérica	Pouco Preocupante Espécie Protegida
032.00	<i>Strix aluco</i>	Coruja-do-mato	Pouco Preocupante Espécie Protegida
033.00	<i>Sus scrofa</i>	Javali	Pouco Preocupante
034.00	<i>Tyto alba</i>	Coruja-das-torres	Pouco Preocupante
035.00	<i>Vipera latastei</i>	Víbora-cornuda	Vulnerável
036.00	<i>Vulpes vulpes</i>	Raposa	Pouco Preocupante

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.001.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	AVES	<b>Família</b>	STRIGIDAE
<b>Ordem</b>	STRIGIFORMES	<b>Género</b>	<i>Bubo</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Bubo bubo</i>	<b>Nome comum</b>	Bufo-real
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>Apresentam a cabeça e o dorso castanho avermelhado ou pardo com muitas manchas castanhas escuras; olhos grandes e alaranjados; parte inferior da face e garganta de cor branca; bico preto; a parte inferior é de cor castanha amarelada, com manchas longitudinais muito escuras e largas sobre o peito, sendo o ventre raiado por manchas semelhantes mas menos largas; patas fortes, cobertas de plumas até à base das unhas; cauda curta com barras transversais escuras. Peso e dimensões: asa - 42 a 48 cm (macho) e 45 a 49 cm (fêmea); envergadura 150-180 cm; peso - 2,00 a 2,70 Kg (macho) e 2,50 a 3,26 Kg (fêmea). Dimorfismo Sexual: acentuado; as fêmeas têm maiores dimensões que os machos; é relativamente fácil distinguir o sexo de cada ave quando observados os dois elementos do casal ao mesmo tempo. Vocalizações:piar «uu-ju», «juu-ú» e «bu-ju» muito forte e característico; o piar da fêmea é particularmente mais forte. Longevidade: máxima conhecida de 21 anos.</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>O Bufo-real tem uma distribuição muito alargada, ocorre na Europa e Ásia, nas zonas subárticas e subtropicais, e no Norte de África. Em Portugal ocorre sobretudo em áreas inacessíveis e de relevo relativamente acentuado, sendo as zonas mais remotas do interior aquelas onde o Bufo-real é mais comum. É mais frequente na faixa mais raiana de Trás-os-Montes, Beiras interiores, Alentejo e Algarve, com as melhores e mais contínuas populações a localizarem-se na bacia do rio Guadiana, nas bacias do Douro e Tejo internacionais e ainda nas serras do Sul (Barrocal algarvio e Caldeirão)</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Encontra-se nos vales alcantilados de grandes rios e ribeiras, mas também nas encostas declivosas de serras, nidificando em regra em escarpas e outros afloramentos rochosos, mesmo que de pequena dimensão. A vegetação imediatamente circundante aos locais de ninho é quase sempre constituída por matos e matagais, mais ou menos densos e contínuos e com ou sem arvoredo. Caça em terrenos desarborizados ou de arvoredo não muito denso, com</p>		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.001.00</b>
	cerealicultura tradicional, restolho, pastagem e matos, bem como ainda ao longo dos vales e margens dos rios onde nidifica. É uma espécie nidificante essencialmente rupícola, mas poderá criar em árvore, no chão ou em edifícios.		
<b>Alimentação</b>	Alimenta-se de mamíferos de pequeno e médio porte (ratos, ratazanas, lagomorfos e carnívoros), aves de tamanho médio, e com menor frequência aves de rapina, répteis, anfíbios, peixes e cadáveres. Pode por vezes ocorrer canibalismo, jovens mais fracos podem servir de alimento aos pais e irmãos. Caça essencialmente de noite, começando logo após o pôr-do-sol; no período estival tem também alguma actividade crepuscular.		
<b>Reprodução</b>	Espécie monogâmica, a relação do casal é permanente. Ambos os progenitores cuidam das crias. Crias nidícolas. Mostra fidelidade à área de nidificação durante vários anos, mais do que um ninho pode ser utilizado dentro do mesmo território, no entanto prefere apenas 1 ou 2 ninhos No nosso país nidifica entre Dezembro e Junho.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Comportamento territorial. O macho entre Dezembro e Janeiro - reclama o território de reprodução do casal, através da emissão de poderosos sons, audíveis até 5 km.		
<b>Voo</b>	Forte e poderoso.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de conservação PT Continente</b>	NT – Quase Ameaçado.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro			I
Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna			II
Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro)			II-A
<b>Factores de Ameaça</b>	Linhas eléctricas de transporte de energia; perseguição/abate; redução das populações de coelho-bravo; utilização de venenos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Monitorizar o impacte das linhas eléctricas de transporte de energia; ampliar as sanções legais para os prevaricadores em matéria de perseguição/abate de espécies protegidas; fiscalização e vigilância nas áreas de nidificação; elaborar e implementar planos de gestão nas ZPE'S; promover a manutenção e valorização do mosaico agro-florestal nas áreas classificadas; estabelecer programas de recuperação das populações de coelho-bravo; compatibilizar a gestão cinagética com a conservação da espécie, em zonas de caça; Implementar um programa nacional de erradicação do uso de venenos; dinamizar campanhas de sensibilização ambiental; estabelecer sistemas eficazes de monitorização da população nas áreas problemáticas e/ou especialmente importantes para a população nacional.		
<b>Observações/comentários</b>	A espécie tem vindo lentamente a adaptar-se à presença humana, tendo recentemente sido encontrada a nidificar perto de vilas e quintas, e até em aterros sanitários nos subúrbios de grandes cidades.		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.002.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AMPHIBIA	Família	BUFONIDAE
Ordem	ANURA	Género	<i>Bufo</i>
Nome Científico	<i>Bufo Bufo</i>	Nome Comum	Sapo-comum
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Robusto, com membros fortes e cabeça larga e curta. As glândulas parótidas situadas lateralmente da cabeça, com os bordos oblíquos entre si. Membros curtos e robustos, com quatro dedos anteriores e cinco nos posteriores. As parotóides são muitas vezes delimitadas por linhas ou bandas escuras. Pele verrugosa no dorso e flancos, e granulosa no ventre. Coloração dorsal variável, podendo encontra-se tonalidades acastanhada ou bege. Ventralmente, possui uma coloração esbranquiçada com manchas escuras dispersas.</p>		
Distribuição	Toda a Europa excepto a Irlanda e algumas ilhas mediterrânicas. Desde a Sibérias até ao Norte de África, Marrocos Argélia e Tunísia.		
Habitat	Áreas agrícolas, zonas de montanha, montados e bosques de caducifólias.		
Alimentação	Alimentam-se essencialmente em centopeias, escaravelhos, moscas, borboletas, lesmas, minhocas e mesmo outros anfíbios.		
Reprodução	<p>Reproduzem-se na altura das chuvas primaveris. Os machos são os primeiros a alcançar as zonas onde existe água. As fêmeas apresentam nest altura ovários grandes e repletos. Existe em média 5 machos para cada fêmea.</p> <p>Uma fêmea poderá depositar entre 2000 a 8000 ovos esférios e escuros, envoltos num longo cordão gelatinoso que pode ter vários metros de comprimento.</p>		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.002.00</b>
<b>Comportamento</b>	Possui actividade noturna, no entnato em dias húmidos e chuvosos apresenta alguma actividade diurna, caminhando lentamente dando saltos pequenos. Durante o Inverno a sua actividade diminui, preferindo esconder-se nos seus refúgios ou enterrarem-se.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Estável.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna.		III	
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração dos locais de reprodução e dos seus habitats; perseguição pelo Homem.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Informar e sensibilizar o publico para a importancia da especie bem como da conservacao do seu habitat; Realização de estudos de monitorização e biologia das espécies.		
<b>Observações/comentários</b>			

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.003.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	ACCIPITRIDAE
Ordem	ACCIPITRIFORMES	Género	<i>Buteo</i>
Nome Científico	<i>Buteo buteo</i>	Nome Comum	Aguia-de-asa-redonda
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Tem entre 51 a 5cm de comprimento e 110 a 130cm de envergadura de asas. A sua plumagem é de cor diversificada, de indivíduo para indivíduo e conforme a estação do ano. Os adultos passam uma fase em que apresentam a parte inferior do corpo e asas mais clara, podendo ser quase branca. É notável uma característica banda transversal branca no peito e manchas escuras nas juntas carpais. A cauda apresenta quase sempre listas transversais. Cabeça pequena e cauda curta.</p>		
Distribuição	<p>Pode ser encontrada por toda a Europa, incluindo o território português, e é ainda encontrada até à Ásia Central.</p>		
Habitat	<p>Florestas, pequenos bosques nas imediações de terrenos descampados, campos de cultivo, prados ou pântanos.</p>		
Alimentação	<p>Alimenta-se de roedores, coelhos e até mesmo de mamíferos maiores que se encontram doentes ou que foram mortos por outros predadores. Pode também ingerir insectos, répteis e aves de pequeno tamanho.</p>		
Reprodução	<p>Nidifica em árvores altas nas florestas ou bosques, nas montanhas e em escarpas rochosas. A postura desta ave é de 2 a 4 ovos, que eclodem cerca de 34 dias após a postura.</p>		
Tipo de Ocorrência	<p>Res – Residente.</p>		





<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.003.00</b>
<b>Comportamento</b>	Normalmente não formam bandos, mas podem ser observados vários indivíduos juntos aquando de migrações ou em habitats óptimos. Executa com frequência curtos voos picados, aparentemente para treino.		
<b>Voo</b>	Voa com batimentos lentos e em círculos planados.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante. Espécie Protegida.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
Convenção de Bona.			II
Convenção de Washington (CITES).			II A
<b>Factores de Ameaça</b>	Electrocussão, abate e cativeiros ilegais, pilhagem de ninhos, incêndios florestais e atropelamento.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Sensibilização ambiental; medidas de protecção contra incêndios florestais; medidas de preservação do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.004.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota do Glaciar		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	ACTINOPTERYGII (OSTEICHTHYES)	<b>Família</b>	CYPRINIDAE
<b>Ordem</b>	CYPRINIFORMES	<b>Género</b>	<i>Chondrostoma</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Chondrostoma polylepis</i>	<b>Nome comum</b>	Boga-comum
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>A boga é uma espécie de tamanho médio, com corpo alongado e boca inferior. A boca é rectilínea sendo o lábio inferior grosso formando uma lâmina córnea bem desenvolvida. A barbatana dorsal é pequena. A barbatana anal tem 9 raios ramificados. Coloração Dorso e flanco são verde-escuros e o ventre é branco - prateado.</p>		
<b>Distribuição</b>	Global endémica da região central da Península Ibérica.		
<b>Habitat</b>	Albufeiras, Cursos de água: A boga-de-boca-recta ocupa os troços médios dos tributários de maiores ordens e no rio principal, surgindo em zonas com corrente mas também em barragens. Existe uma associação entre a boga e zonas com elevada cobertura riparia.		
<b>Alimentação</b>	Aparentemente esta espécie alimenta-se quase exclusivamente algas e detritos. Ocasionalmente ingere cladóceros, copépodes, quironomídeos, efemelídeos, hidropsíquídeos, baetídeos e ermicídeos. Em barragens alimenta-se de detritos.		
<b>Reprodução</b>	Estas espécies efectuem migrações de reprodução entre Março e Junho para as zonas mais a montante dos cursos de água. Os ovos são depositados em substrato de cascalheira, no fundo do rio, onde aderem às pedras ou a matéria vegetal.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Esta espécie é conhecida por ter comportamentos agressivos.		
<b>Voo</b>	-		





Inventariação, diagnóstico e referenciação cartográfica de elementos ecológicos significativos e de pontos de interesse paisagístico relevante no Concelho de Manteigas

<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>	<b>FAUNA</b>	<b>N.005.00</b>
--------------------------	--------------	-----------------

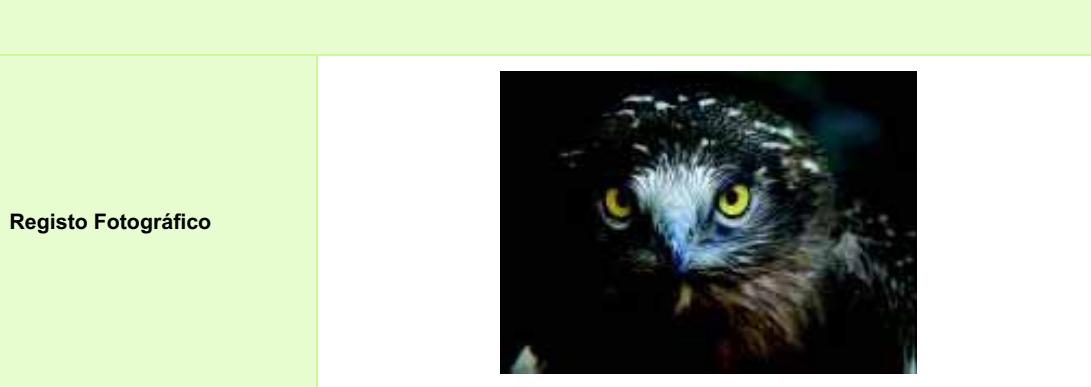
**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>

**CARACTERIZAÇÃO GERAL**

<b>Classe</b>	AVES	<b>Família</b>	ACCIPITRIDAE
<b>Ordem</b>	ACCIPITRIFORMES	<b>Género</b>	<i>Circaetus</i>

<b>Nome Científico</b>	<i>Circaetus gallicus</i>	<b>Nome Comum</b>	Águia-cobreira
------------------------	---------------------------	-------------------	----------------



**Identificação**

Águia de grande dimensão, de cabeça notoriamente grande (nem sempre perceptível em voo) e algo desproporcionada com o resto do corpo. Partes inferiores muito pálidas, abdómen quase branco com barras grosseiras, contrastando com o peito e a cabeça de coloração cinzenta acastanhada. Cauda com três listras equidistantes.

**Distribuição**

A distribuição da águia-cobreira durante a nidificação estende-se desde o Sudeste e Sudoeste Europeu, Norte de África, Médio Oriente e Ásia. No Paleártico Ocidental, encontra-se na Albânia, Andorra, Bielorrússia, Bulgária, Croácia, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estónia, França, Grécia, Hungria, Itália, Letónia, Lituânia, Moldávia, Polónia, Portugal, Roménia, Rússia, Turquia e Ucrânia. No Paleártico Ocidental é essencialmente migradora e inverna na África sub-sariana, à excepção de alguns indivíduos que na estação fria são observados na Europa do Sul e Norte de África.

**Habitat**

Frequenta habitats com agricultura tradicional e pastoreio extensivo, onde as presas são abundantes, como matas secas e abertas, habitats mediterrânicos rochosos (garigue), pastagens pedregosas, terra inculta ou áreas abertas com arvoredos e sebes. No Centro e Norte de Portugal ocorre predominantemente em áreas onde o coberto florestal forma manchas de maior dimensão, dando preferência ao pinhal para nidificar, tanto nas zonas planas das matas nacionais litorais, como nas zonas serranas.

**Alimentação**

A águia-cobreira alimenta-se quase exclusivamente de répteis, particularmente cobras e também lagartos.

**Reprodução**

A águia-cobreira é solitária e territorial. Não é colonial mas, mesmo quando ocorre em pequeno número, os casais tendem juntarem-se numa mesma área



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.005.00</b>
	para nidificar, deixando muito espaço favorável por ocupar. Se, no entanto, os ninhos se encontrarem pouco distantes uns dos outros (menos de 2 km de distância) um dos pares força o outro a abandonar o ninho. Espécie monogâmica. Ambos os progenitores cuidam e alimentam as crias que são nidícolas.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Nidificante estival. MigRep – Migrador reprodutor.		
<b>Comportamento</b>	Não têm medo de víboras ou de outros répteis venenosos, apesar de não ser imune às suas mordeduras. Consegue matar a sua presa sem prejuízo próprio. Engole-as pela cabeça, ficando por vezes a cauda dependurada no bico. As presas maiores são divididas em pedaços mais pequenos antes de serem consumidas.		
<b>Voo</b>	Voo deslizando. Plana em círculos com as asas planas, peneira ou fica imóvel no ar através de pequenos ajustes nas asas.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	NT – Quase Ameaçado.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>	<b>Anexo</b>		
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro.	I		
Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna.	II		
Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona.	II		
Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro).	II-A		
<b>Factores de Ameaça</b>	Redução da área de pinhal, devido a corte ou a fogos florestais e conseqüente reconversão; Intensificação agro-pecuária, rotações mais intensas das culturas, irrigação e constituição de densos cobertos forrageiros, ou a reconversão de olivais e pomares velhos, afectam a disponibilidade das suas presas preferenciais bem como a sua acessibilidade; linhas de transporte de energia; abate; destruição e roubo de ninhos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Políticas florestais de reordenamento, gestão e repovoamento florestal e de prevenção de incêndios; promover espaços florestais diversificados, tanto ao nível dos cobertos arbóreos como de outros, e prevenir a ocorrência dos grandes incêndios florestais; manual de Boas Práticas Florestais com vista à conservação das aves de rapina e do seu habitat, para além de outros valores naturais; reflorestação com folhosas naturais e a conservação dos bosques e bosquetes de carvalhos; reconversão para eucaliptal das antigas áreas de pinhal deve ser desencorajada; campanhas de educação ambiental; reforçar a fiscalização e tornar a aplicação da lei mais efectiva; urge realizar estudos sobre biologia e ecologia da espécie; Investigar sobre os níveis e efeitos de pesticidas e metais pesados realização de censos ou programas de monitorização periódicos; avaliar e a seguir regularmente a população da espécie.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>	<b>FAUNA</b>	<b>N.006.00</b>
--------------------------	--------------	-----------------

**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>

**CARACTERIZAÇÃO GERAL**

<b>Classe</b>	AVES	<b>Família</b>	CORVIDAE
<b>Ordem</b>	PASSERIFORMES	<b>Género</b>	<i>Corvus</i>

<b>Nome Científico</b>	<i>Corvus corax</i>	<b>Nome Comum</b>	Corvo
------------------------	---------------------	-------------------	-------



<b>Identificação</b>	O corvo é o maior de todos os corvídeos, chegando quase aos 70 cm de comprimento. Tem um bico forte e curto, e uma «barba» hirsuta, que o distingue da gralha, que é também mais pequena. Tal como esta, é inteiramente negro.
<b>Distribuição</b>	O corvo é uma espécie holártica, com uma distribuição alargada por toda a Europa. Em Portugal Continental encontra-se distribuído de norte a sul, sendo mais abundante nas zonas menos povoadas do interior que no resto do país e encontrando-se ausente em algumas zonas da costa.
<b>Habitat</b>	Ocorre em zonas agrícolas e pouco povoadas, tanto em planície como em planalto ou em zonas montanhosas; nidifica em escarpas, na costa ou no interior, e em árvores isoladas. No Baixo Alentejo, de Inverno, o corvo evita zonas com povoamentos florestais muito extensos, como sejam pinhais e eucaliptais e áreas com perturbação muito intensa.
<b>Alimentação</b>	É principalmente necrófago, mas também mata pequenas aves e mamíferos, numa dieta que inclui ainda ovos, caracóis e cereais.
<b>Reprodução</b>	Nidifica bastante cedo (Fevereiro, Março) em saliências rochosas ou árvores. A postura inclui de 3 a 6 ovos, com um período de incubação de 21 dias.



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.006.00</b>
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Tímido e cauteloso.		
<b>Voo</b>	Voo com batimentos comeditos mas fortes. Paira frequentemente e nunca mantém as suas asas levantadas no voo. Excute frequentemente reviravoltas quando brinca.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>			
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	<p>NT – Quase Ameaçado.</p> <p>Fundamentação: Espécie com população reduzida, que se admite poder ser inferior a 10.000 indivíduos maduros); apresenta declínio continuado do número de indivíduos e tem todos os indivíduos concentrados numa única subpopulação. Na adaptação à escala regional desceu uma categoria, por se admitir que a população em Portugal poderá ser alvo de imigração significativa e não ser de esperar que a imigração das regiões vizinhas possa vir a diminuir.</p>		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna			III
<b>Factores de Ameaça</b>	Utilização de venenos, o abate ilegal (nomeadamente por confusão de identificação com a gralha-preta <i>Corvus corone</i> ); Perseguição directa; Intensificação da agricultura.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Não estão previstas medidas de conservação específicas para esta espécie. Beneficiará, no entanto, com o aumento de vigilância e com a manutenção de áreas de agricultura e pastoreio em moldes extensivos.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>	<b>FAUNA</b>	<b>N.007.00</b>
--------------------------	--------------	-----------------

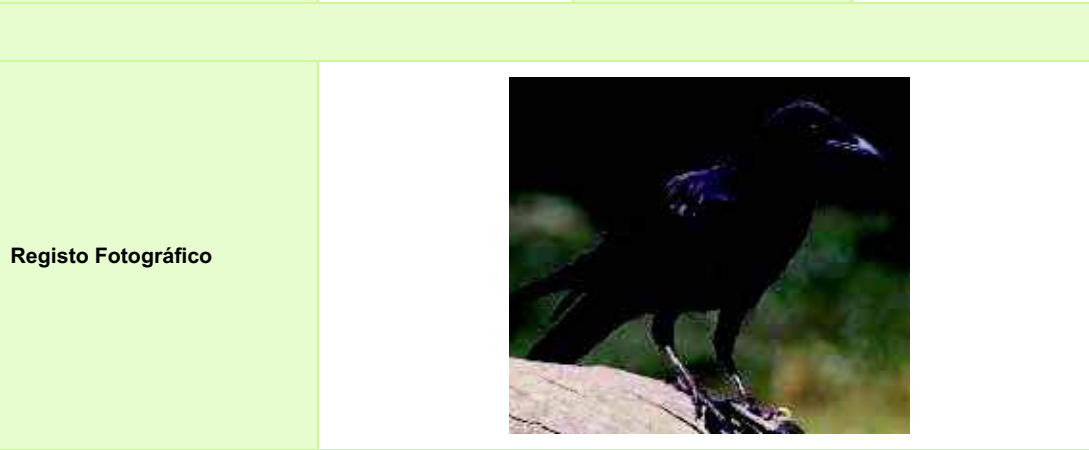
**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>

**CARACTERIZAÇÃO GERAL**

<b>Classe</b>	AVES	<b>Família</b>	CORVIDAE
<b>Ordem</b>	PASSERIFORMES	<b>Género</b>	<i>Corvus</i>

<b>Nome Científico</b>	<i>Corvus corone</i>	<b>Nome Comum</b>	Gralha-preta
------------------------	----------------------	-------------------	--------------



<b>Identificação</b>	Espécie totalmente preta, bico preto e forte. Confundidas com corvos, distinguem-se pelo seu menor tamanho, cauda quadrada e vocalizações longas.
<b>Distribuição</b>	Todo o Continente Europeu, o Norte de África e a Ásia Central, incluindo a Sibéria.
<b>Habitat</b>	Pode ser encontrada numa grande variedade de habitats, zonas de bosque pouco arborizado, campos agrícola, estradas e mesmo aterros sanitários.
<b>Alimentação</b>	Omnívora.
<b>Reprodução</b>	Atinge a maturidade sexual aos dois anos de idade. Vive em acasalamento permanente tendo um comportamento bastante territorial. A postura é de 3 a 5 ovos e ocorre durante os meses de Abril e Maio.
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.
<b>Comportamento</b>	Espécie que denuncia a sua presença pelas suas vocalizações roucas. Oportunista procura alimento em locais de acesso fácil (aterros sanitários).
<b>Voo</b>	Suave e silencioso (quando se aproxima da vítima esta não se dá conta da sua presença).






<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.007.00</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			D
Lei nº 173/99 de 21 de Setembro (Lei da Caça), regulamentada pelo DL 201/2005 de 24 de Novembro			-
<b>Factores de Ameaça</b>	-		
<b>Medidas de Conservação</b>	-		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.008.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	REPTILIA	Família	COLUBRIDAE
Ordem	SQUAMATA	Género	<i>Rhinechis</i>
Nome Científico	<i>Elaphe scalaris</i>	Nome Comum	Cobra-de-escada
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Cobra robusta e de grande tamanho. Cabeça larga, bem diferenciada do resto do corpo, com focinho pontiagudo e proeminente relativamente à mandíbula inferior. Olhos pequenos, com pupila arredondada e íris de cor castanha-escura. Dorso com duas linhas escuras longitudinais, sobre uma coloração de fundo acastanhada, amarelada ou ligeiramente rosada. Apresenta pequenas manchas escuras na cabeça e na zona de sutura das escamas labiais, e possui frequentemente uma banda escura desde a parte posterior do olho até à comissura da boca. Ventralmente, apresenta tons esbranquiçados, acinzentados ou amarelados, sobre os quais podem aparecer manchas escuras.</p>		
Distribuição	<p>É uma espécie frequente na comunidade alentejana. Também vive na maior parte da Península Ibérica, na zona mediterrânica francesa até Itália e no norte de África.</p>		
Habitat	<p>Habita numa grande variedade de biótipos, ocorrendo preferencialmente em áreas secas e expostas. Encontram-se em zonas de matos, clareiras de bosques caducifólios ou de pinhais, e campos agrícolas, podendo ocorrer também em meios rurais e urbanos, sobretudo em muros de pedra, ruínas ou telhados de habitações.</p>		
Alimentação	<p>A sua dieta baseia-se no consumo de micromamíferos, diversos répteis (sobretudo a lagartixa-mato-comum, a lagartixa-de-dedos-dentados e o sardão), juvenis de coelho-bravo e lebre e várias aves, destacando-se neste caso a sua acção predadora sobre os ninhos.</p>		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.008.00</b>
<b>Reprodução</b>	Final da Primavera até meados do Verão. As fêmeas depositam entre 4-24 ovos, debaixo de pedras, tocas abandonadas ou mesmo em buracos por si escavados. Durante a incubação, as fêmeas têm alguns cuidados com a postura. A eclosão surge 1-3 meses depois.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	É uma espécie de hábitos essencialmente diurnos, mas durante os meses mais quentes pode exibir também alguma actividade crepuscular e nocturna, sobretudo em busca de alimento ou de um par para acasalar. Passa por um período de inactividade invernal. Extremamente voraz, ao encontrar um ninho de roedores é capaz de engolir um deles enquanto mantém mais duas ou três crias semi-estranguladas com o corpo, as quais engole de seguida, uma a uma, com inusitada rapidez.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			III
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat; atropelamentos; destruição/perturbação de indivíduos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Campanhas de educação ambiental; protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.009.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	EMBERIZIDAE
Ordem	PASSERIFORMES	Género	<i>Emberiza</i>
Nome Científico	<i>Emberiza hortulana</i>	Nome Comum	Sombria
Registo Fotográfico			
Identificação	Identifica-se pela cabeça esverdeada, com um "bigode" amarelo e pelo ventre avermelhado, sendo que a plumagem dos machos é mais vistosa durante a época de reprodução.		
Distribuição	A área de nidificação da espécie estende-se deste o Norte do Mediterrâneo ao círculo ártico e até à Ásia Central. Em Portugal distribui-se principalmente no Centro e Norte do Continente, geralmente em altitudes superiores a 800m.		
Habitat	Mosaico paisagístico de urzais e pastagem em zonas de montanha, normalmente com blocos de pedra.		
Alimentação	A sua alimentação consiste essencialmente de sementes, grãos, insectos e larvas.		
Reprodução	Nicho em forma de taça, no solo por baixo de uma moita onde são postos 4 a 6 ovos encubados pela fêmea.		
Tipo de Ocorrência	Migrador reprodutor.		
Comportamento	Portugal ocorre sobretudo em zonas de altitude, frequentemente de difícil acesso, o que, juntamente com o facto de ser pouco tolerante da presença humana, explica que seja por vezes difícil de observar, apesar de não ser rara. É uma das espécies estivais mais tardias em Portugal, e prefere zonas abertas, frequentadas por gado e com a presença de rochas.		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.009.00</b>
<b>Voo</b>	Ondulante.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	DD – Informação insuficiente.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			III
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			A-I
<b>Factores de Ameaça</b>	Alterações nas paisagens rurais onde ocorre, incluindo perda de sebes arbóreas, arbustivas e redução da diversidade de cultivos, são os principais factores de ameaça descritos a nível europeu. Os potenciais factores de ameaça em Portugal não são conhecidos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	São necessárias estimativas mais fiáveis da sua abundância e distribuição, bem com estudos sobre a sua ecologia.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.010.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	AVES	<b>Família</b>	FALCONIDAE
<b>Ordem</b>	FALCONIFORMES	<b>Género</b>	
<b>Nome Científico</b>	<i>Falco peregrinus</i>	<b>Nome comum</b>	Falcão-peregrino
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	Destaca-se por ser o maior falcão em Portugal. De asas largas, cauda curta, com uma coloração escura na parte superior da cabeça em forma de barrete. patas amarelas, as barras transversais finas (no adulto) e o espesso "bigode".		
<b>Distribuição</b>	Distribuição quase mundial (com excepção da Antártida), que, nidifica na maioria dos países da Europa nomeadamente Albânia, Alemanha, Andorra, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Croácia, Dinamarca (incluindo a Gronelândia), Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Lituânia, Luxemburgo, Noruega, Polónia, Portugal, Reino Unido (incluindo Gibraltar e Ilha do Homem), República Checa, República da Irlanda, Roménia, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia e Ucrânia.		
<b>Habitat</b>	Nidifica em arribas marítimas, também em ilhas rochosas ou em precipícios em zonas montanhosas, e ao longo de vales de rios. Dado a sua adaptabilidade, e em situações sem perturbação, encontra-se por vezes em estruturas construídas pelo Homem altas e inacessíveis, como torres, ruínas, antenas e pontes. Evita zonas com intensa actividade humana, ou florestas densas, pântanos com vegetação densa, extensas áreas de planície e zonas agrícolas, e áreas abertas e extensas de água. Requer extensos campos abertos para caçar, incluindo biótopos estepárias, zonas húmidas e arribas costeiras. Caça também nas proximidades de encostas escarpadas e falésias aproveitando a surpresa e o desnível para alcançar as suas presas em voo. No Inverno o Falcão-peregrino está associado a zonas abertas com abundância de presas, o que no Baixo Alentejo corresponde geralmente às proximidades de zonas húmidas (estuários, vales de rios e barragens). Dormem de noite em sítios abrigados, em superfícies rochosas, e às vezes recorrem também a árvores. De Inverno utilizam, longe dos locais de nidificação, rochas ou edifícios altos, incluindo igrejas, antenas, pontes. Antes da postura, o casal dorme junto no		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.010.00</b>
	penhasco escolhido para nidificar e durante a incubação o macho dorme noutra lugar.		
<b>Alimentação</b>	Caçador solitário que ataca outras aves, em geral pombos ou pássaros, que derruba com as garras em voo picado e mata com o bico. É o animal mais rápido do mundo, com velocidade de mergulho que chega a atingir 320 km/h.		
<b>Reprodução</b>	Espécie monogâmica e solitária, a relação é sazonal podendo, por vezes, durar toda a vida. Ambos os progenitores cuidam e alimentam as crias, no entanto cabe à fêmea a maior parte do trabalho. Crias nidícolas. O processo de nidificação desenvolve-se normalmente entre Março e Julho.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Residente (uma parte da população é migratória invernante sendo proveniente das populações do norte da Europa).		
<b>Comportamento</b>	Pousa em campo aberto, levanta voo e pousa no solo.		
<b>Voo</b>	Voo normal não muito destacável Batimentos rápidos e relativamente profundos, velocidade moderada.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de conservação PT Continente</b>	VU – Vulnerável.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
	<b>Designação</b>	<b>Anexo</b>	
	Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro	I	
	Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna	II	
	Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona	II	
	Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES)		
	Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro)	I-A	
<b>Factores de Ameaça</b>	Aumento da utilização de agro-químicos; perseguição humana; pilhagem de ninhos e o roubo de juvenis; perturbação humana; abandono e alteração de diversas práticas agro-pecuárias tradicionais; colisão e electrocussão; degradação dos habitats; doenças dos pombos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Regular o uso de pesticidas e promover a utilização de substâncias mais facilmente degradáveis, cujo impacto ambiental não seja tão nefasto sobre as espécies; aumentar eficácia dos meios e esforços de fiscalização e vigilância nas áreas de nidificação durante os períodos de nidificação; restringir o acesso às áreas de nidificação; elaborar e implementar planos de gestão nas ZPE'S mais importantes para a espécie; promover a manutenção e valorização do mosaico agro-florestal; corrigir e sinalizar os traçados e apoios da rede de distribuição de electricidade que sejam muito perigosos para a espécie; promover campanhas de sensibilização ambiental e de conservação da fauna; sensibilizar os agricultores para a adopção de boas práticas agrícolas; estabelecer sistemas eficazes de monitorização da população; colaborar em programas internacionais de conservação e estudo da espécie;		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.011.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	TALPIDAE
Ordem	INSECTÍVORA	Género	<i>Galemys</i>
Nome Científico	<i>Galemys pyrenaicus</i>	Nome Comum	Toupeira-de-água
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>A toupeira-de-água é um pequeno mamífero semi-aquático que, na sua morfologia, evidencia algumas características adaptativas ao seu modo de vida. Quando em movimento, à superfície da água ou em imersão, o seu corpo é fusiforme com o proboscis, na parte anterior, e a cauda longa, na parte posterior, acentuando ainda mais essa forma; se o animal se encontra a flutuar ou a seco, parece uma pequena bola de pêlo. A cabeça encontra-se no seguimento do corpo, sem pescoço definido. Os olhos são muito reduzidos. Não existem pavilhões auriculares. O proboscis é um prolongamento negro musculoso, capaz de variados movimentos, terminado por uma zona ligeiramente alargada, onde se abrem duas grandes narinas. Numerosas vibrissas distribuem-se na zona mentoniana. As patas anteriores são pouco desenvolvidas mas com unhas fortes nos seus 5 dedos. Possuem fiadas de pêlos mais longos e claros nas duas margens da pata. As patas posteriores são robustas e munidas de membrana natatória, unindo os 5 dedos. Apresentam unhas fortes e uma fiada de pêlos longos e claros na margem da pata. A cauda é longa e escamosa, terminada por uma zona achatada verticalmente e munida de uma fiada de pêlos mais claros. A pelagem é densa, entre o castanho-escuro e o negro, mais clara no ventre do que no dorso. Encontra-se permanentemente oleosa, graças à produção intensa de substâncias pelas glândulas cutâneas. É bastante difícil distinguir machos e fêmeas, mesmo por observação cuidada dos órgãos genitais. Estudos baseados em classes de desgaste ou na deposição de camadas de cimento dentário indicam uma longevidade máxima aproximada de 4 anos.</p>		
Distribuição	Ocorre no Norte e Centro da Península Ibérica e Pirinéus.		
Habitat	Os pequenos cursos de água montanhosos e sub-montanhosos são os habitats mais característicos da toupeira-de-água, correspondendo a secções de fácies salmonícola ou de transição salmonícola-ciprinícola. No entanto, a		






<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.011.00</b>
	espécie tem sido ocasionalmente localizada em troços mais a jusante, onde a velocidade da corrente, um elemento julgado essencial na sua escolha, é bastante mais diminuta.		
<b>Alimentação</b>	Mamífero insectívoro constituindo os macroinvertebrados aquáticos bentónicos a base da sua alimentação.		
<b>Reprodução</b>	Sabe-se pouco sobre o acasalamento e a reprodução da espécie. Estima-se a gestação em cerca de 30 dias e em 3 ou 4 o número de nascidos em cada uma delas. O período reprodutor deve acontecer entre Fevereiro e Maio, pois em Julho encontramos já indivíduos juvenis nadando nos cursos de água.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Apresentam dois grandes períodos de actividade, um diurno e outro nocturno. Os animais fazem curtas pausas na margem alternando com períodos de movimentos dentro de água. Atendendo ao modo como estes animais se distribuem ao longo do corredor do rio, eles parecem essencialmente solitários e fugidios. Contactos esporádicos asseguram a descendência.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Em regressão.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	VU – Vulnerável.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			B II, IV
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat, aproveitamentos hidroeléctricos; assoreamento; destruição da vegetação ripícola; destruição de abrigos; destruição/perturbação de indivíduos; extracção de inertes; florestação/desflorestação; introdução de espécies exóticas; isolamento geográfico; pesca/captura accidental; poluição industrial; poluição urbana; pressões turísticas; regularização de sistemas hídricos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Controlo da poluição; controlo de espécies exóticas; ordenamento florestal passagens para a fauna; protecção da vegetação ripícola; protecção de abrigos / dormidas; protecção de linhas de água; protecção do habitat; recuperação dos habitats.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.012.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	CORVIDAE
Ordem	PASSERIFORMES	Género	<i>Garrulus</i>
Nome Científico	<i>Garrulus glandarius</i>	Nome Comum	Gaio-comum
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>É uma grande ave dos bosques, com cauda comprida, asas arredondadas e plumagem muito característica. Tem um comprimento de 33 a 36 cm e um peso de 140 a 190 g. Tem uma coroa malhada de preto e branco, um bigode preto, dorso e ventre castanho rosado. As asas e a cauda são pretas, com o uropígio e parte interna das asas brancas, ambos muito visíveis em voo. Apresenta uma mancha azul iridescente, com riscas finas pretas e brancas, nas grandes coberturas primárias, muito característica.</p>		
Distribuição	Europa Ocidental até ao noroeste africano, Ásia continental e sudoeste asiático. Suécia, Noruega e Polónia.		
Habitat	Bosques.		
Alimentação	Omnívoro (Bolotas, frutos de faias e de bagas de diferentes espécies, insectos, ovos, lagartos, rãs, ratos e musaranhos).		
Reprodução	Postura de 3 a 6 ovos. O casal reveza-se no choco durante 16-19 dias. As crias são alimentadas por ambos os pais e geralmente estão completamente cobertas de penas entre os 21 e os 23 dias de idade.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Destemido, curioso mas também alerta. Pousa em campo aberto, saltita,		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.012.00</b>
	esvoaça, levanta voo tanto na vegetação como no solo.		
<b>Voo</b>	Voo laborioso e directo.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			D
Lei nº 173/99 de 21 de Setembro (Lei da Caça), regulamentada pelo DL 201/2005 de 24 de Novembro.			-
<b>Factores de Ameaça</b>	A desflorestação e a perseguição humana constituem os dois principais factores de ameaça para esta espécie.		
<b>Medidas de Conservação</b>	-		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.013.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	VIVERRIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Genetta</i>
Nome Científico	<i>Genetta genetta</i>	Nome Comum	Gineta
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Carnívoro de médio porte cuja pelagem acinzentada do corpo apresenta uma série de manchas negras que aparentam formar linhas longitudinais. É relativamente comum a observação de indivíduos melânicos, cujas manchas negras apenas se observam aquando de uma análise mais pormenorizada. A cauda, de tamanho semelhante ao do corpo, apresenta anéis negros que alternam com o cinzento da pelagem.</p> <p>A sua presença é mais facilmente detectada através dos seus indícios de presença: pegadas e latrinas. Nas pegadas podem identificar-se 4 pequenos dedos, visto que o quinto só raramente pode ser visualizado (ver Dimensões). As garras semi-retrácteis apenas podem ser observadas em condições especiais de substrato.</p>		
Distribuição	<p>Norte e no Centro de África, no Médio Oriente e na Europa, principalmente em Portugal, França e Espanha. No entanto, o seu território parece estar a alastrar mais para Norte.</p>		
Habitat	<p>A geneta é considerada generalista em termos de habitat estando associada à existência de bosques fechados, zonas rochosas ou escarpadas, cobertura arbustiva densa e a proximidade de pontos de água. Demonstra grande aptidão para aproveitar os recursos disponíveis local e temporalmente ocorrendo em habitats humanizados com carácter agrícola como as zonas do</p>		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.013.00</b>
	litoral oeste ou montados no Alentejo.		
	Na zona atlântica em Portugal, associa a espécie a zonas florestais ou de matos altos mas também a áreas agrícolas desde que um mínimo de cobertura arbórea ou arbustiva esteja presente.		
<b>Alimentação</b>	Carnívoro generalista, tem como base de alimentação os roedores e aves. Alimenta-se também de répteis, frutos e insectos, consoante as características do habitat e a altura do ano.		
<b>Reprodução</b>	Reproduz-se ao longo de todo o ano com dois picos em Abril - Maio e Agosto - Setembro. As ninhadas, com uma média de 2 - 3 crias, deixam a toca ao fim de 8 semanas. Aos 6 meses são desmamadas e ficam completamente independentes aos 12 meses de idade. Atingem a maturidade sexual aos 2 anos.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	NInd - Não-indígena.		
<b>Comportamento</b>	Hábitos crepusculares ou nocturnos, repousando durante o dia no interior de árvores, normalmente de idade avançada e com grande diâmetro, em silvados ou sob rochas. As latrinas, local de acumulação de excrementos, localizam-se preferencialmente em locais elevados que se destacam na paisagem (rochas, árvores, telhados de habitações, etc.). Estes locais podem ser revisitados durante vários meses ou anos por um só indivíduo ou por vários, atendendo à sua localização em relação ao território.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna.		III	
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).		B V	
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat; atropelamentos; caça; controlo de predadores.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Fiscalização da caça e protecção do seu habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.014.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	GASTROPODA	Família	ARIONIDAE
Ordem	-	Género	<i>Geomalacus</i>
Nome Científico	<i>Geomalacus maculosus</i>	Nome Comum	Lesma
Registo Fotográfico			
Identificação	A lesma é um gastrópode que possui manchas brancas ou amarelas.		
Distribuição	Distribuição predominantemente atlântica, ocorrendo no Norte e centro de Portugal (Confirmada somente nos Sítios Peneda/Gerês e na Serra da Estrela), Noroeste de Espanha (Galiza, Leon, Asturias, Santander e País Basco) e Sudoeste da Irlanda.		
Habitat	A espécie prefere solos ácidos, sendo mais frequente em áreas de montanha graníticas e longe da influência humana. Encontra-se em meios terrestres muito húmidos, sobre pedras, muros ou árvores cobertos com líquenes ou musgos, sendo o coberto arbóreo dominado por castanheiros ( <i>Castanea sativa</i> ) e carvalhos (nomeadamente <i>Quercus robur</i> , <i>Q. suber</i> e <i>Q. lusitanica</i> ). Pode ainda ocorrer em zonas mais abertas, em pastos hidrófilos próximos de cursos de água oligotróficos. Escondendo-se durante o dia nas fissuras das rochas ou do solo ou por baixo das cascas das árvores. Na Irlanda, no Inverno, pode ser encontrada durante o dia, quando chove, apresentando um período de estivação durante parte do Verão.		
Alimentação	Alimenta-se de uma ampla variedade de líquenes, algas, musgos e fungos.		
Reprodução	Atinge a maturidade sexual por volta dos dois anos de idade. Em Espanha foram observadas cópulas na Primavera e no Outono. Na Irlanda, a postura ocorre no Outono. Esta espécie mantém-se e reproduz-se em cativeiro, pelo que podem ser estabelecidos programas de reprodução em cativeiro para		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.014.00</b>
	reintrodução. No entanto, os requisitos de habitat não são suficientemente conhecidos, o que pode comprometer qualquer reintrodução. Pode viver mais de sete anos em cativeiro.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Espécie autóctone. Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Em Portugal e Espanha é uma espécie estritamente crepuscular/nocturna. Os adultos são muito activos quando chove e em noites de muita humidade, enquanto os juvenis podem também ser observados ao crepúsculo.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Não há dados que permitam avaliar a sua tendência populacional.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	Não Catalogada.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>	<b>Anexo</b>		
Decreto-Lei nº 140/99, de 24 de Abril, com a redacção que lhe é dada pelo Decreto-Lei nº 49/05, de 24 de Fevereiro, transposição da Directiva Habitats (92/43/CEE), de 21 de Maio.	B-II e B-IV		
Decreto-Lei nº 316/89, de 22 de Setembro, transposição da Convenção de Berna.	II		
Recomendação nº 35 (1992) do Conselho da Europa/Convenção de Berna (conservação de algumas espécies de invertebrados listados na Convenção).	II		
<b>Factores de Ameaça</b>	A destruição de florestas de folhosas; a poluição resultante da utilização de pesticidas e fertilizantes.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Fundamental promover estudos sobre esta ocorrência da espécie; preservar a floresta autóctone naturalmente bem desenvolvida; incentivar práticas agrícolas extensivas; reduzir a utilização de agro-químicos na agro-pecuária e silvicultura; elaboração dos estudos de impacto ambiental; fiscalizar o cumprimento das medidas de minimização e compensação prevista nas avaliações de EIA; informar e sensibilizar o público; desenvolver campanhas de sensibilização e educação ambiental.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.015.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	ACCIPITRIDAE
Ordem	CICONIFORMES	Género	<i>Hieraaetus</i>
Nome Científico	<i>Hieraaetus fasciatus</i>	Nome Comum	Águia de Bonelli
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Águia de tamanho médio, com uma envergadura que varia entre o 1,5m e 1,8m, e com peso entre 1500 a 2400 g. Em adulta com plumagem escura nas asas, branca na parte inferior do corpo, e com mancha branca típica no centro do dorso. Tem uma banda negra na extremidade da cauda. Os juvenis têm uma plumagem totalmente distinta, com asas castanho-escuras e restante corpo em tons castanhos amarelados, cor de mel. Ao longo de 4 anos, vai adquirindo os padrões da plumagem adulta. Os sexos distinguem-se sobretudo pelo tamanho, cerca de 20 cm de diferença em termos de envergadura.</p>		
Distribuição	<p>Nos países europeus mediterrânicos, noroeste de África, sudoeste e sudeste da Arábia, Paquistão, Índia, norte da Indochina e sul da China e nas pequenas Ilhas de Sonda. Em Portugal ocorre numa porção considerável do território continental, que compreende as serras do sudoeste, parte do Alentejo, da Estremadura e das Beiras interiores e Trás-os-Montes. Salvo nas serras do sudoeste e no Tejo e Douro internacionais.</p>		
Habitat	<p>Vales encaixados de ribeiras e rios e instala os seus ninhos principalmente em escarpas e noutros afloramentos rochosos e caça nos terrenos agro-pastoris, montados de azinho e matagais das redondezas. Pode também ocupar habitats florestais ou de matagal arborizado e que nidifica maioritariamente em árvore – grandes sobreiros e eucaliptos. Os juvenis e os adultos não reprodutores concentram-se em áreas de assentamento localizadas, constituídas sobretudo por cerealicultura extensiva e, em menor grau, por zonas húmidas.</p>		






<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.015.00</b>
<b>Alimentação</b>	Alimenta-se mamíferos de médio porte (Coelho-bravo) e aves (Perdiz-vermelha e columbiformes), com menor frequência de répteis. Caça normalmente sozinha podendo também fazê-lo em pares.		
<b>Reprodução</b>	Ambos os progenitores cuidam das crias, existindo no entanto uma divisão de tarefas. O macho providencia o alimento durante a nidificação e a fêmea cuida das crias. Crias nidícolas. Em geral cada casal possui vários ninhos que utiliza de forma alternada. Nidificação decorre entre Janeiro e Junho, produzindo 1 a 2 crias.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Espécie monogâmica, altamente territorial. Utilizam as árvores e zonas rochosas para, nidificar, observar o território e descansar.		
<b>Voo</b>	Voo planado em círculos abertos e lentos.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	EN – Em Perigo.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
	<b>Designação</b>	<b>Anexo</b>	
	Decreto-Lei n.º 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves (79/409/CEE de 2 de Abril) - Anexo I e Espécie de Conservação Prioritária no espaço europeu.		
	Convenção de Berna.	II	
	Convenção de Bona.	II	
	Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES).	II/C1	
<b>Factores de Ameaça</b>	Colisão e electrocussão; perseguição humana; rarefacção das populações de coelho-bravo; alteração de diversas práticas agro-pecuárias tradicionais; perturbação humana; incêndios florestais; degradação dos habitats; mortalidade de juvenis; falta de sensibilidade ambiental.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Corrigir e sinalizar os traçados e apoios da rede eléctrica; monitorizar o impacto das linhas eléctricas; sanções legais em matéria de perseguição/abate de espécies protegidas; aumentar fiscalização e vigilância nas áreas de nidificação; elaborar e implementar planos de gestão nas zpes; promover a manutenção e valorização do mosaico agro-florestal; programas de recuperação das populações de coelho-bravo; compatibilizar a gestão cinegética com a conservação da espécie em zonas de caça; estabelecer acções de gestão e ordenamento florestal; recuperar, repovoar, manter e proceder ao acompanhamento sanitário de pombais; erradicação do uso de venenos; reforçar e construir suportes e ninhos; proceder ao tratamento de tricomoniose; campanha de sensibilização e educação ambiental; sistemas de monitorização da população; colaborar em programas internacionais de conservação.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.016.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota do Glaciar		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	REPTILIA	Família	LACERTIDAE
Ordem	SQUAMATA.	Género	<i>Iberolacerta</i>
Nome Científico	<i>Lacerta monticola</i>	Nome Comum	Lagartixa-da-montanha
Registo Fotográfico			
Identificação	Lagartixa de tamanho médio e de aspecto robusto.		
Distribuição	A espécie ocorre em Portugal Continental e no Norte de Espanha, sendo um endemismo ibérico confinado à Cordilheira Cantábrica, Galiza e Serra da Estrela. Em Portugal, está restrita ao Planalto Central da Serra da Estrela, ocorrendo desde os 1 400 m de altitude até ao cume do Planalto (1 993 m). Contudo, está ausente ou ocorre em baixas densidades, no sector Este deste Planalto (área envolvente das Penhas da Saúde) e a Norte do Planalto (área envolvente das Penhas Douradas).		
Habitat	A lagartixa-da-montanha ocorre fundamentalmente em mosaicos constituídos por áreas de substrato rochoso, associadas a matos de altitude, densos ou pouco densos, frequentemente dominados por urze ou giesta, ou associadas a arrelvados e cervunais, no topo da Serra da Estrela.		
Alimentação	Estudos indicam que a lagarta se alimenta de madressilvas ( <i>Lonicera periclymenum</i> e <i>Lonicera etrusca</i> ), morso-diabólica ( <i>Succisa pratensis</i> ), língua-de-ovelha ( <i>Plantago lanceolata</i> ) e suspiros-roxos ( <i>Scabiosa</i> spp.) e ainda ervados-prados ( <i>Knautia arvensis</i> ), <i>Centaurea</i> sp., <i>Gentiana</i> sp., <i>Primula</i> sp., <i>Digitalis</i> sp. e <i>Veronica</i> sp. Por outro lado, o adulto é oportunista na escolha das fontes de néctar, alimentando-se de um variado número de flores.		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.016.00</b>
<b>Reprodução</b>	As fêmeas atingem a maturidade sexual aos três anos, efectuando uma postura por ano, com 2 a 11 ovos, variando em função das condições ambientais. O ciclo reprodutor dura cerca de 3 a 4 meses, estando o início sujeito a oscilações das condições climáticas, após um período inactivo invernal de 5-6 meses. A época de reprodução decorre entre Abril e Junho iniciando-se a postura cerca de um mês depois.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	A lagartixa-da-montanha utiliza os afloramentos rochosos como locais de refúgio, hibernada e termorregulação. Os machos adultos defendem territórios de tamanho variável, dependendo da densidade da população. Na Serra da Estrela oscilam entre 90 e 200 m <sup>2</sup> , em Guadarrama e Gredos variam entre 8,5 e 442 m <sup>2</sup> .		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	VU – Vulnerável.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Decreto-Lei nº 140/99, de 24 de Abril, com a redacção que lhe é dada pelo Decreto-Lei nº 49/05, de 24 de Fevereiro, transposição da Directiva Habitats (92/43/CEE), de 21 de Maio de 1992.			B-II e B-IV
Decreto-Lei nº 316/89, de 22 de Setembro, transposição da Convenção de Berna.			II
<b>Factores de Ameaça</b>	Destruição e fragmentação do seu habitat; a elevada concentração espacial da população; a concentração espacial dos efectivos num tipo de habitat muito específico; perda da variabilidade genética; a crescente utilização das áreas de montanha para actividades de recreio e lazer; construção de infra-estruturas; os incêndios ocorridos nos últimos anos na serra da estrela; queimadas efectuadas para obtenção de pastos para o gado.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Previna a destruição, fragmentação ou degradação dos habitats essenciais à espécie; reserva biogenética; ordenar as actividades de recreio e lazer; realizar estudos de impacte ambiental; manter práticas de pastoreio extensivo; ordenar a expansão urbanoturística; elaboração dos estudos de impacto ambiental; informar e sensibilizar o público para a conservação da espécie e seu habitat; monitorização desta população; a monitorização ao nível genético.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.017.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	LEPORIDAE	Família	LEPORIDAE
Ordem	LAGOMORPHA	Género	Lepus
Nome Científico	<i>Lepus granatensis</i>	Nome Comum	Lebre
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Apresentam um segundo par de dentes incisivos mais pequenos, localizados imediatamente atrás do primeiro par de incisivos na mandíbula superior, a existência do lábio superior fendido (lábio leporino) e um maior desenvolvimento dos membros posteriores relativamente aos membros anteriores. Possuem um coração de grande tamanho e um esqueleto mais leve que o dos coelhos. A sua coloração com várias tonalidades de castanho acinzentado no dorso e uma cor branca ou muito clara na região ventral. Muda o pêlo no Inverno, para uma cor branca possuem as orelhas mais compridas e as patas traseiras mais longas.</p>		
Distribuição	<p>Em Portugal, a lebre encontra-se disseminada por todo o território, embora apareça com mais frequência na planície alentejana. Os leporídeos são nativos de todo o mundo, excepto da Oceania. A sua introdução neste continente foi uma catástrofe ecológica que afectou diversas populações de marsupiais de forma irreversível. São considerados uma praga na Austrália e Nova Zelândia</p>		
Habitat	<p>A lebre prefere os pousios e as terras cultivadas, sobretudo planas, húmidas e pouco cobertas.</p>		
Alimentação	<p>Animais herbívoros, que se alimentam sobretudo de gramíneas.</p>		
Reprodução	<p>Normalmente tem uma a três ninhadas por ano; o período de gestação é de 42 a 44 dias e a ninhada é constituída por uma ou duas crias (raramente três), com cerca de 100 g de peso, que, ao contrário dos coelhos, nascem já de olhos abertos e com pêlo, sendo amamentadas até às três semanas. Alcançam o peso de adulto aproximadamente aos 150 dias. O macho atinge a maturidade</p>		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.017.00</b>
	sexual aos seis meses e a fêmea aos sete/oito meses. Vive um máximo de 9 anos.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	As lebres são essencialmente crepusculares e nocturnas, encontrando-se activas apenas durante a noite, quando estas apresentam uma duração suficiente. Quando as noites são mais pequenas as lebres iniciam e terminam o seu período de actividade ainda durante o dia.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	População variável ao longo do período anual.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
-		-	
<b>Factores de Ameaça</b>	Predadores naturais; caça; utilização de pesticidas e herbicidas.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Aprofundar os conhecimentos sobre a espécie.		
<b>Observações/comentários</b>	A sua posição nos ecossistemas reveste-se de grande importância pois possui como predadores algumas espécies com estatuto de conservação.		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.018.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	MUSTELIFDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Lutra</i>
Nome Científico	<i>Lutra lutra</i>	Nome Comum	Lontra
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>O corpo é alongado e fusiforme, com membros relativamente curtos e pescoço reduzido, embora largo. A cabeça é achatada, com pequenas orelhas e olhos pequenos. O focinho apresenta longos pêlos sensoriais – as vibrissas. A cauda é longa, ligeiramente achatada, e as patas são curtas e vigorosas, com 5 dedos unidos por uma membrana interdigital. A cor do pêlo apresenta-se geralmente castanha escura em quase todo o corpo, à excepção da região do ventre que é mais clara. Possuem por vezes uma mancha clara (creme ou mesmo branca), por debaixo do queixo e que se pode estender até à garganta. Esta espécie apresenta dimorfismo sexual, sendo o macho maior e consequentemente mais pesado do que a fêmea.</p>		
Distribuição	Toda a Europa, no Norte de África e em parte importante da Ásia Ocidental e Central.		
Habitat	Vive em ambientes de água doce, lagoas, rios, canais, pequenas albufeiras zonas de estuário e costa litoral, com abundância de vegetação ripícola.		
Alimentação	<p>A espécie apresenta uma dieta essencialmente piscívora, no entanto longe de ser especialista, sendo o seu regime alimentar frequentemente função da disponibilidade local e sazonal de presas. Este aspecto manifesta-se na marcada variação local e sazonal da sua dieta. Incluem-se no grupo das presas potenciais várias espécies de pequenos mamíferos, aves aquáticas, anfíbios, répteis e vários tipos de peixes, para além de invertebrados como insectos ou crustáceos. O material vegetal é ingerido esporadicamente.</p>		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.018.00</b>
<b>Reprodução</b>	Atingem o estado adulto aos 2 anos. Embora podendo reproduzir-se durante todo o ano, acasalam sobretudo no final do Inverno e início da Primavera. Estas épocas estão directamente relacionadas com a disponibilidade alimentar local. O período de gestação dura cerca de 9 semanas (60 a 63 dias): Nascem 2 a 3 crias que são amamentadas durante cerca de 10 semanas.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Animal essencialmente nocturno ou crepuscular, silencioso e de difícil observação.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
Convenção de Washington (CITES).			IIA
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			B II, IV
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat; aproveitamentos hidroeléctricos; atropelamentos; caça furtiva; destruição da vegetação ripícola; destruição de abrigos destruição/perturbação de indivíduos; extracção de inertes; poluição agrícola; poluição industrial; poluição pecuária; poluição urbana; regularização de sistemas hídricos; vias de comunicação.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Controlo da poluição; fiscalização da caça; fiscalização da poluição; ordenamento piscícola; passagens para a fauna; protecção da vegetação ripícola; protecção de indivíduos; protecção de linhas de água; protecção do habitat, recuperação dos habitats.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.019.00</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	MAMMALIA	<b>Família</b>	MUSTELIDAE
<b>Ordem</b>	CARNIVORA	<b>Género</b>	<i>Martes</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Martes foina</i>	<b>Nome Comum</b>	Fuinha
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>Pequeno carnívoro, com corpo alongado, membros baixos, cauda comprida e espessa. A cabeça larga e mais clara que o resto do corpo, orelhas salientes e arredondadas e o focinho é afilado. Pelagem: coloração castanha (por vezes arruivada) e mancha peitoral de cor clara (de branco a creme), que se estende desde a garganta até à zona inicial das patas anteriores e se divide em duas, por uma lista escura longitudinal. Patas mais escuras que o resto do corpo.</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>Europa Continental não ocorrendo, no entanto, na Escandinávia. Está também presente nalgumas ilhas do Mediterrâneo. Pode ser encontrada em zonas florestais que apresentem linhas de água. Como locais de refúgio utilizam cavidades naturais de sobreiros, azinheiras, carvalhos, silvados e vegetação densa junto a linhas de água e habitações abandonadas.</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Pode ser encontrada em zonas florestais que apresentem linhas de água. Como locais de refúgio utilizam cavidades naturais de sobreiros, azinheiras, carvalhos, silvados e vegetação densa junto a linhas de água e habitações abandonadas.</p>		
<b>Alimentação</b>	<p>A dieta da fuinha varia muito, dependendo da disponibilidade de alimentos. É um predador generalista e oportunista, consumindo principalmente pequenos mamíferos, aves, insectos e ovos. Alimenta-se também de frutos e de desperdícios deixados pelo Homem.</p>		
<b>Reprodução</b>	<p>apesar do acasalamento poder ocorrer em qualquer mês do ano, é mais comum nos meses de Fevereiro a Maio e de Julho a Setembro. Devido à implantação retardada (que pode durar de 3 a 10 meses), as crias geralmente nascem em meados de Janeiro ou início de Fevereiro e só saem das tocas ao fim de cerca</p>		






<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.019.00</b>
	de 8 semanas. A gestação dura cerca de 7 semanas e a ninhada pode ter entre 1 a 5 crias.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	De hábitos solitários, pouco conspícuos e maioritariamente nocturnos, embora, em zonas onde é abundante, seja possível observá-la durante o dia. Desloca-se aos saltos no solo e é boa trepadora. O contacto vocal é muito intenso entre a progenitora e os juvenis.. É territorialista, defendendo o seu território de caça, que percorre pelos mesmos trilhos, em busca de alimento. Dentro do seu território, dispõe de vários refúgios que podem ser cavidades em árvores ocas, montículos de pedras ou construções humanas pouco frequentadas, como estábulos, celeiros e sótãos. Não tem por hábito escavar a sua toca no solo.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante. Espécie Protegida.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna		III	
<b>Factores de Ameaça</b>	Destruição do habitat e a pressão humana; sofre pressão por parte de caça furtiva e captura acidental aquando do controlo de densidades de alguns predadores.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Recuperação e manutenção do seu habitat, sensibilização ambiental.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.020.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	ACCIPITRIDAE
Ordem	ACCIPITRIFORMES	Género	<i>Milvus</i>
Nome Científico	<i>Milvus migrans</i>	Nome comum	Milhafre-preto
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Mede cerca de 55 cm de comprimento e 135-155 cm de envergadura, para cerca de 1 kg de peso. A plumagem é de cor castanha, de tom mais escuro na parte superior das asas, e mais claro na região ventral. Não há dimorfismo sexual evidente mas os machos são em geral menores que as fêmeas. Como em todos os accipitrideos, o bico é recurvado e está adaptado a um modo de alimentação carnívoro.</p>		
Distribuição	<p>O Milhafre-preto tem uma distribuição mundial muito alargada encontrando-se nas áreas temperadas, sub-tropicais e tropicais do Velho Mundo e Australásia. Em Portugal distribui-se por quase todo o país, estando praticamente ausente no Minho, Douro Litoral, Estremadura e da zona sul do Algarve. É abundante no vale do Baixo Mondego, sendo frequente no vale do Tejo e em algumas áreas do Alentejo. No resto do país a sua densidade é variável, sendo função das disponibilidades de habitat.</p>		
Habitat	<p>Pode ser observado em vários tipos de habitats. Vales e terrenos baixos, florestas, escarpas rochosas, sempre nas imediações de rios e lagos.</p>		
Alimentação	<p>Alimenta-se principalmente de presas de pequeno porte, como roedores, lagomorfos, aves terrestres e ouriços-cacheiros, especialmente indivíduos jovens, feridos ou doentes e também peixes, répteis, anfíbios e insectos. É também necrófago regular e frequentador habitual de aterros sanitários. Ocasionalmente consome minhocas, moluscos e crustáceos. Por vezes persegue outras aves até estas deixarem cair o alimento, ou no caso das garças (Ardeidae) até estas expelirem a comida.</p>		
Reprodução	<p>Espécie monogâmica, que mantém o mesmo par durante varia nos anos, embora essa ligação seja aparentemente sazonal nas populações migradoras. A época de reprodução inicia-se em Março, sendo as posturas realizadas geralmente em Abril. As crias (1 a 3) atingem a independência em finais de</p>		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.020.00</b>
	Junho e durante o mês de Julho. Ambos os progenitores cuidam e alimentam as crias. Crias semi-altriciais e nidícolas. As posturas, geralmente de 2 ou 3 ovos, são incubadas durante 31-32 dias e as crias permanecem no ninho cerca de 50 dias.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Nidificante estival.		
<b>Comportamento</b>	Gregário, na maior parte do tempo, solitário ou colonial durante a reprodução. É um migrador por excelência. Inverna em África, a sul do deserto do Sara, onde permanece até meados de Março. Após a sua chegada, inicia, com a sua companheira, os acrobáticos voos nupciais, com abruptas quedas e repentinas mudanças de direcção.		
<b>Voo</b>	Voo baixo e lento.		
<b>Nidificação</b>	Constrói o ninho em árvores de grande porte, em florestas, bosques e também em campo aberto, sempre perto de cursos de água. O ninho é construído de ramos e o interior é forrado com detritos de todo o género, incluindo trapos e papéis. É vulgar encontrar, numa área relativamente reduzida, vários ninhos de milhafre-preto. No fim do mês de Abril, a fêmea deposita 2 ou 3 ovos, cuja incubação dura cerca de 32 dias. Durante este período, nunca abandona o ninho já que o macho se encarrega de a abastecer de alimento. Os juvenis começam a voar ao fim de 6 semanas.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de conservação PT Continente</b>	LC – Pouco preocupante. Espécie protegida.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro			
Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna			II
Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona			II
Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro)			II-A
<b>Factores de Ameaça</b>	Abate directo e envenenamento iscos e carcaças; redução da disponibilidade alimentar; abandono do pastoreio extensivo; utilização de agro-químicos e pesticidas; colisão e electrocussão; incêndios florestais; pilhagem dos ninhos.		
<b>Medidas de conservação</b>	Programa de erradicação do uso de ilegal de venenos na actividade cinegética e no meio rural; ampliar as sanções legais para os prevaricadores; aumentar eficácia dos meios e dos esforços de fiscalização; assegurar protecção e vigilância aos dormitórios importantes da espécie; compatibilizar a gestão cinegética com a conservação de aves de rapina, em zonas de caça; regular o uso de pesticidas e adoptar técnicas de tratamento alternativas; promover a agricultura biológica; promover o estudo do impacte das linhas eléctricas de transporte de energia sobre as aves de rapina; sensibilização e educação ambiental da população rural; estabelecer ferramentas de decisão legal acerca da instalação de traçados eléctricos nas áreas importantes; prevenir de incêndios florestais.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.021.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	TURDIDAE
Ordem	PASSERIFORMES	Género	<i>Monticola</i>
Nome Científico	<i>Monticola saxatilis</i>	Nome Comum	Melro-das-rochas
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Tem o aspecto geral de um tordo. O macho é uma ave colorida facilmente identificável. Apresenta, cabeça e pescoço azuis claro com o dorso mais escuro, uropígio azul-claro e cauda arruivada e parte de inferior de tons quentes alaranjados formando uma mancha peitoral. A fêmea detém poucas características particulares podendo ser facilmente confundida. De cor castanho-claro, muito malhada com crescentes claros na parte superior e crescentes escuros na parte inferior, cirando uma aparência escamosa.</p>		
Distribuição	<p>Distribui-se por grande parte das regiões mais meridionais do Paleártico. Na Europa, encontra-se sobretudo nas regiões mediterrânicas, mas penetra também na Europa Central. Em Portugal nidifica apenas nas terras altas do Norte e do Centro do país. Os núcleos principais encontram-se nas regiões montanhosas mais elevadas e extensas, como sejam o Parque Nacional da Peneda-Gerês e a Serra da Estrela.</p>		
Habitat	<p>Em Portugal, é uma espécie típica de montanha, raramente se encontrando a nidificar abaixo dos 800 metros de altitude. É mais numerosa nos estratos mais elevados das serras nacionais, frequentando zonas rochosas com matos relativamente esparsos e, por vezes, pastagens.</p>		
Alimentação	<p>Alimenta-se de insectos.</p>		
Reprodução	<p>Constrói o ninho em forma de taça num buraco de rocha ou parede rochosa. Postura nos meses de Maio e Junho de 4 a 5 ovos azuis-claro, incubados por 14 a 15 dias.</p>		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.021.00</b>
<b>Tipo de Ocorrência</b>	MigRep - Estival Nidificante.		
<b>Comportamento</b>	Pousa em campo aberto, levanta voo e pousa tanto na vegetação como no solo.		
<b>Voo</b>	Forte e poderoso, directo.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	EN – Em Perigo. Fundamentação: Espécie com população reduzida (entre 250 e 2.500 indivíduos maduros), que provavelmente se encontra em declínio continuado e com todos os indivíduos concentrados numa única subpopulação.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
Convenção de Bona.			II
<b>Factores de Ameaça</b>	As causas do decréscimo generalizado que esta espécie tem sofrido na Europa são mal compreendidas; alteração dos habitats de nidificação, devido à mudança dos usos do solo tradicionais nos habitats de montanha, é, provavelmente, um dos factores de ameaça mais importantes; alterações nos usos da montanha pela redução do pastoreio e a progressiva florestação de áreas elevadas.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Programas de recenseamento e monitorização, assim como através de estudos da selecção do habitat e da identificação de possíveis factores de ameaça; desenvolvimento de acções de florestação ou a construções de infra-estruturas devem ser condicionados nas áreas de nidificação. Embora uma parte importante da população nacional nidifique dentro de áreas protegidas, a maior parte destas carece ainda de planos de gestão e de ordenamento, cientificamente sustentados e devidamente implementados, que tenham em linha de conta as necessidades desta e de outras espécies ameaçadas.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.022.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	TURDIDAE
Ordem	PASSERIFORMES	Género	<i>Monticola</i>
Nome Científico	<i>Monticola solitarius</i>	Nome Comum	Melro-azul
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Tipo tordo. O macho possui uma plumagem azul metálica com asas pretas, o bico é preto, médio e de comprimento médio. As suas patas são de cor preta e de comprimento médio. A fêmea é de cor castanha malhada, com a parte inferior mais clara. O macho tem a plumagem do corpo totalmente azul e as asas pretas, a fêmea é cor-de-ardósia.</p>		
Distribuição	<p>Fundamentalmente mediterrânico. Vulnerável na Europa. De Norte a Sul de Portugal, com descontinuidades que reflectem ausência de habitat favorável.</p>		
Habitat	<p>Vive nos matagais e montanhas do mediterrâneo. Passa o Inverno em altitudes mais baixas. Esta espécie vive geralmente em zonas rochosas, seja em escarpas à beira-mar, seja em vales alcantilados do interior.</p>		
Alimentação	<p>Alimenta-se de insectos e sementes.</p>		
Reprodução	<p>Reproduz-se entre Abril e Junho, tendo duas posturas. Faz o ninho em forma de taça sobre as rochas onde tem uma postura de 4-5 ovos azul-claros.</p>		
Tipo de Ocorrência	<p>Res – Residente.</p>		
Comportamento	<p>É uma ave tímida, que não tolera muito a aproximação de seres humanos. Um cantor melódico e solitário, que se empoleira no cimo de grandes rochas, escarpas e ruínas. Pousa geralmente em locais altos e visíveis, podendo ser facilmente observado à distância. O canto do melro-azul é assobiado, fazendo lembrar o do melro-preto, embora seja um pouco mais rápido.</p>		
Voo	<p>Forte, poderoso e directo.</p>		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.022.00</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
Convenção de Bona.			II
<b>Factores de Ameaça</b>	Abate ilegal, destruição do habitat; utilização indevida de pesticidas.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Sensibilização ambiental; recuperação e manutenção do seu habitat; eliminação da utilização de pesticidas.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.023.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitaçã do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	MUSTELIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Mustela</i>
Nome Científico	<i>Mustela nivalis</i>	Nome Comum	Doninha
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>É o menor carnívoro Europeu de corpo cilíndrico e membros curtos. A pelagem tem cor uniforme sendo castanha no dorso e branca no ventre. As variedades do Norte e Este da Europa ficam brancas no Inverno. Apresenta um dimorfismo sexual acentuado tendo os machos dimensões muito maiores do que as fêmeas.</p>		
Distribuição	<p>Tem uma distribuição bastante vasta. Existe na América do Norte, na maior parte da Ásia e no Norte de África. Apresenta uma distribuição generalizada na Europa, estando apenas ausente na Irlanda, Córsega e Islândia. Foi ainda introduzida na Nova Zelândia e na Austrália com a intenção de ajudar a combater as pragas de coelhos e roedores. Em Portugal é uma espécie comum e tem uma distribuição uniforme de norte a sul do país.</p>		
Habitat	<p>Vive numa grande variedade de habitats, desde pastos até florestas e zonas montanhosas desde que tenha abrigo e presas. Contudo, tem alguma preferência por campos agrícola, especialmente aqueles que se encontram separados por muros de pedras. Geralmente são animais solitários e activos tanto de dia como de noite (alternando algumas horas de actividade com algumas horas de repouso).</p>		
Alimentação	<p>É um animal muito voraz revelando-se um predador especializado em roedores, que pode capturar nas próprias tocas. Alimenta-se de pequenos mamíferos. A sua dieta consiste principalmente de mamíferos, nomeadamente roedores e alguns locais coelhos. Aves, répteis e ovos podem também ser consumidos ocasionalmente.</p>		
Reprodução	<p>As crias nascem entre Abril e Maio, podendo haver uma segunda ninhada em Julho/Agosto se houver alimento com abundância. A gestação dura entre 34 a 37 dias e o número de crias varia entre 4 e 6 indivíduos que atingem a</p>		





<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.023.00</b>
	maturidade sexual cerca dos 3-4 meses.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Animal solitário e activo, tanto de dia como de noite. De movimentos ágeis, deslocando-se aos saltos no solo e trepando às árvores. Detêm um Com um comportamento territorial. Quando caça uma presa aproxima-se desta de forma silenciosa atacando a e imobilizando a com as patas mordendo-lhe a nuca. Uma vez que é de pequena estatura poderá perseguir as presas nas próprias tocas. Geralmente os machos caçam ao ar livre dado que são melhores caçadores, as fêmeas caçam sobretudo nas tocas de roedores. Utiliza as tocas das presas para se abrigar, forra os ninhos das suas crias com a pelagem das presas. Consegue imitar uma vasta gama de sons.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante. Espécie Protegida.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
	-		-
<b>Factores de Ameaça</b>	Predadores naturais (lince-ibérico, a gineta, o gato-bravo, o gato-doméstico e aves de rapina); destruição do seu habitat; pressão humana; atropelamento; caça furtiva.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Campanhas de educação ambiental; recuperação e manutenção do seu habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.024.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	MUSTELIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Mustela</i>
Nome Científico	<i>Mustela putorius</i>	Nome Comum	Toirão
Registo Fotográfico			
Identificação	De corpo alongado e cilíndrico e patas relativamente curtas. A cabeça é pequena e achatada e as suas orelhas são diminutas e arredondadas. A característica morfológica que mais facilmente permite a sua identificação é a cor da pelagem. O dorso é castanho-escuro, os flancos são claros, o ventre quase negro e a cauda é escura. Possui uma mancha branca à volta da boca e queixo e outra entre os olhos e as orelhas, que têm também a extremidade branca. Para além disto a pelagem é lisa, densa e sedosa, sendo a cauda tufada.		
Distribuição	Europa excepto na Península Balcânica, nas ilhas mediterrânicas, Irlanda e Islândia.		
Habitat	Tem preferência por zonas húmidas, explorando especialmente o interface terra/água, mas pode frequentar qualquer tipo de habitat que possua as suas presas.		
Alimentação	Pequenos roedores, aves e répteis.		
Reprodução	Os acasalamentos verificam-se entre Março e Junho, existindo alguns registos de juvenis nascidos em Maio. A gestação dura 41 a 42 dias e os partos ocorrem entre Abril e Junho. Podem nascer entre 1 e 12 crias, mas geralmente nascem entre 3 e 7. O desmame verifica-se no final do primeiro mês e tornam-se independentes aos 3 meses.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.024.00</b>
<b>Comportamento</b>	É um animal solitário com comportamento claramente territorial. A sua actividade é principalmente nocturna e crepuscular, podendo deslocar-se 7.5 Km por noite. Há, no entanto, muitos registos de toirões activos durante o dia, especialmente no Outono e Inverno em climas frios. Quando possui uma fonte abundante de alimento pode ficar a descansar por longos períodos na sua toca.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	DD – Informação Insuficiente.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			III
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem)			B V
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/ destruição do habitat; atropelamentos; controlo de predadores; destruição/perturbação de indivíduos; escassez de presas naturais;hibridação.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Controlo de hibridação; fiscalização da caça; manutenção do mosaico rural; protecção de indivíduos; protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.025.00</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	REPTILIA	<b>Família</b>	COLUBRIDAE
<b>Ordem</b>	SERPENTES	<b>Género</b>	<i>Natrix</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Natrix natrix</i>	<b>Nome Comum</b>	Cobra-de-água-de-colar
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	Cobra de cabeça larga e bem definida e focinho arredondado; possui escamas dorsais fortemente carenadas. A coloração dorsal é variável, podendo ir desde o acinzentado ao verde oliváceo e ao acastanhado. No dorso é frequente a existência de um desenho constituído por pequenas manchas escuras, dispersas irregularmente. Ventralmente é esbranquiçada ou acinzentada, com manchas quadrangulares escuras.		
<b>Distribuição</b>	Ocupa quase toda a Europa, o Norte de África e o Oeste da Ásia. Está ausente na Irlanda e nalgumas ilhas mediterrânicas. Em Portugal está amplamente distribuída, sendo apenas rara nas áreas mais áridas.		
<b>Habitat</b>	Habita uma grande variedade de biótopos, ocorrendo quase sempre junto a cursos de água, lagoas ou charcos, preferencialmente em bosques, zonas agrícolas e matagais. Pode encontrar-se também em águas salobras.		
<b>Alimentação</b>	A sua dieta tem por base anfíbia e pequenos peixes. Só excepcionalmente capturam outros vertebrados, como micromamíferos e aves. Os jovens alimentam-se principalmente de invertebrados e pequenos anfíbios.		
<b>Reprodução</b>	Tem duas épocas de reprodução, uma primaveril e outra outonal. O tempo de incubação varia com a temperatura ambiental, durando cerca de 4 a 11 semanas. A eclosão tem lugar entre Agosto e Setembro. O número de ovos depositados pelas fêmeas varia entre 6 e 50. São brancos e compridos, medindo de 21 a 40 mm de comprimento e de 11 a 24 mm de largura. Com frequência, várias fêmeas põem os ovos no mesmo local (por vezes em amontoados de vegetais em decomposição que ao fermentarem produzem		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.025.00</b>
	calor) chegando a acumular-se alguns milhares de ovo.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	É uma espécie de hábitos essencialmente diurnos que pode exibir também actividade crepuscular e nocturna, sobretudo durante os meses mais quentes. Desenvolve a sua actividade tanto em meio aquático como em meio terrestre. É ágil, veloz e excelente nadadora.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna.		III	
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat; destruição/perturbação de indivíduos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Campanhas de educação ambiental; protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.0026.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	LEPORIDAE
Ordem	LAGOMORPHA	Género	Oryctolagus
Nome Científico	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Nome Comum	Coelho bravo
Registo Fotográfico			
Identificação	É um pequeno herbívoro que mede entre 35 e 50 cm e pesa entre 1,2 e 2,5 Kg. Tem uma pelagem de cor acinzentada com laivos amarelo-acastanhados na nuca e nas patas, e a face anterior esbranquiçada.		
Distribuição	Europa, pelo Norte de África, Austrália, Nova Zelândia, Argentina e Chile.		
Habitat	Tem como habitat preferencial as áreas mistas, do tipo mosaico, com abrigo (matos e bosques temperados) e zonas abertas (pastagens naturais e artificiais, terrenos agrícolas).		
Alimentação	Grande variedade de produtos herbáceos, incluindo variedades hortícolas quando tenras, cereais verdes e frescos, frutos, sementes ou cascas de árvores.		
Reprodução	A taxa de reprodução máxima é verificada nos meses de Janeiro a Maio e normalmente durante os meses de Julho e Setembro não se reproduzem (devido ao clima e falta de alimento).		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Sedentário vive em colónias, nunca se afastando mais de 300 m. No entanto existem dois períodos, um no final da época de reprodução os jovens machos que se dispersam e outro no princípio da época de reprodução, no qual os		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.0026.00
	animais se deslocam procura uma colónia nova.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	NT – Quase Ameaçado.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação	Anexo		
	-		
Factores de Ameaça	Espécie sujeita a duas graves epizootias, mixomatose e dhv, para as quais não foram ainda descobertas vacinas ou outras formas de evitar a sua propagação; perda e degradação do habitat; prática de medidas de gestão cinegética desadequadas como a sobreexploração e o recurso a acções de repovoamento sem um eficiente controlo sanitário e genético.		
Medidas de Conservação	Só é legalmente permitido deter, criar e reproduzir em cativeiro e realizar repovoamentos com indivíduos da subespécie <i>Oryctolagus Cuniculus Algirus</i> ; assegurar a integridade desta subespécie, minimizando as possibilidades de hibridação. Realização de estudos para melhor conhecer a distribuição e efectivo populacional, recuperar os efectivos populacionais, assegurando a exploração adequada dos efectivos existentes.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.027.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	STRIGIDAE
Ordem	STRIGIFORMES	Género	<i>Otus</i>
Nome Científico	<i>Otus scops</i>	Nome Comum	Mocho-de-orelhas
Registo Fotográfico			
Identifica�o	<p>Caracteriza-se pelos pequenos tufos que possui sobre a cabeça, que se assemelham a "orelhas". Tal como a maioria dos membros da sua família, tem hábitos nocturnos e só raramente se v� de dia. O seu canto � monótono, que na Primavera se faz ouvir durante horas a fio � geralmente a melhor forma de localizar esta espécie. Contudo, � importante lembrar que o canto do sapo parteiro � muito semelhante, podendo causar confusão.</p>		
Distribui�o	<p>A sua distribui�o enquanto nidificante estende-se de modo contínuo por grande parte do Paleártico, desde a Pen�sula Ibérica e Marrocos até ao Irão, norte do Paquistão e �ndia e Noroeste da China, por sul, e Ásia Central até ao Lago Baical, por norte. Latitudinalmente, vai da França, Su�a, Áustria, Hungria, República Checa, Ucrânia e metade sul da Rússia europeia, até ao noroeste africano, todas as ilhas do Mediterrâneo, Próximo Oriente, e sul do Paquistão e noroeste da �ndia. Não está presente na Grã-Bretanha, em muitos países centro europeus e na metade norte da região boreal da Eurásia. As popula�es mais meridionais da sua área de distribui�o são completamente migradoras, invernando desde o Mediterrâneo até ao Equador. As do sul são parcialmente migradoras ou mesmo residentes, embora neste caso os efectivos sejam notoriamente mais reduzidos no Inverno, como na Pen�sula Ibérica, conhecendo-se popula�es invernantes em Espanha, Sul de Itália e Grécia e nas ilhas mediterrânicas das Baleares, Córsega e Sicília. Em Portugal, a espécie surge praticamente em todo o território nacional, tendo uma distribui�o mais contínuo nas Beiras interiores, Tr�s-os-Montes e Minho.</p>		





## FICHA DE ECOLOGIA

FAUNA

N.027.00

<b>Habitat</b>	Em Portugal é variado e é constituído por bosques e bosquetes pouco densos, desde manchas de carvalho-negral ( <i>Quercus pyrenaica</i> ), a soutos ( <i>Castanea sativa</i> ) e matas ripícolas, em regra na proximidade de áreas abertas, e ainda parques e jardins urbanos ou quintas. No nordeste algarvio é observado em plantações horto-frutícolas, montados de sobro e azinho pouco densos e vegetação ripícola desenvolvida.
<b>Alimentação</b>	Caçar pequenos roedores mas prefere alimentar-se de insectos e invertebrados.
<b>Reprodução</b>	Geralmente em Maio, a fêmea deposita 2 a 5 ovos que incuba sozinha durante três semanas e meia, sendo alimentada pelo macho. As crias voar antes das três semanas de idade, mas mantêm-se junto dos pais quase até ao final do Verão.
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Migrador reprodutor.
<b>Comportamento</b>	Esta ave de rapina vive normalmente solitária, por vezes em pequenos grupos. Essencialmente noctívaga atingindo o pico de actividade antes da meia-noite. De madrugada retira-se para o seu abrigo sempre bem protegidos passando o dia sem agitação. Formam casais monogâmico e mesmo com a perda precoce do parceiro raramente um novo par.
<b>Voo</b>	Errático.


## CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA

<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	DD – Informação Insuficiente.

## INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)


Designação	Anexo
Convenção de Berna.	II
Convenção de Washington (CITES).	II A

<b>Factores de Ameaça</b>	As ameaças em Portugal não são bem conhecidas. Alteração ou degradação do habitat; utilização dos pesticidas com a concomitante redução de presas e bio-acumulação de substâncias tóxicas; abate a tiro; a perda de árvores adequadas à nidificação; roubo de ninhos e a colisão com automóveis.
<b>Medidas de Conservação</b>	Dinamização de campanhas de sensibilização ambiental; dinamização e aumento dos subsídios e apoios à conservação de habitat; sensibilização dos agricultores, em particular para a adopção de boas práticas agrícolas; reforço da fiscalização relativa ao abate ilegal e roubo de ninhos e aumento das penalizações; realização de censos e monitorizações periódicas, que permitam conhecer melhor o tamanho e tendência da população, e o estudo dos diferentes aspectos da sua biologia e ecologia.
<b>Observações/comentários</b>	-

<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.028.00</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	REPTILIA	<b>Família</b>	LACERTIDAE
<b>Ordem</b>	SAURIA	<b>Género</b>	<i>Podarcis</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Podarcis hispanica</i>	<b>Nome Comum</b>	Lagartixa-ibérica
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identifica�o</b>	Uma lagartixa do género <i>Podarcis</i> de 5-7 cm de comprimento em média medido do focinho até ao ventre.		
<b>Distribui�o</b>	Pode ser encontrada na Pen�sula Ibérica, no noroeste africano e em distritos costeiros em Languedoc-Roussillon, França.		
<b>Habitat</b>	Afloramentos rochosos e falésias interiores, Cidades, povoa�es e zonas industriais, Florestas, Prados mediterrânicos húmidos de herbáceas de pequeno porte.		
<b>Alimenta�o</b>	Espécie insect�vora. Alimenta de presas de pequeno porte, designadamente moscas, mosquitos, centopeias, aranhas, gafanhotos, formigas e escaravelhos.		
<b>Reprodu�o</b>	O período de acasalamento inicia-se em Fevereiro, com lutas territoriais e persegui�es dos machos às fêmeas. As c�pulas estendem-se de Fevereiro até Abril e têm uma dura�o variada, desde poucos minutos até cerca de uma hora. O macho mant�m a fêmea imóvel, mordendo-a no baixo-ventre ou, mais raramente, na base da cauda. As posturas ocorrem entre Abril e Julho, de forma que muitas fêmeas são capazes de realizar duas a três posturas por ano.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Espécie activa durante praticamente todo o ano. � um animal ágil, desconfiado e esquivo., com facilidade em trepar. Refugia-se em fendas, tirando partido da sua peculiar morfologia, com a cabeça e corpo achatados.		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.028.00</b>
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			B, IV
<b>Factores de Ameaça</b>	Não identificados.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Medidas não previstas.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.029.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	PRUNELLIDAE
Ordem	PASSERIFORMES	Género	<i>Prunella</i>
Nome Científico	<i>Prunella collaris</i>	Nome Comum	Ferreirinha-alpina
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Aspecto do tipo pardal, rechonchuda, maior que a ferreirinha-comum. Coroa acinzentada com malhado ligeiro, dorso e asas castanhas com malhas pretas conspícuas e painel proeminente preto e branco nas coberturas alares. Mento e garganta branco sarapintados de preto, formando uma gorjeira, restante parte inferior cinzenta com malhas castanhas conspícuas nos flancos.</p>		
Distribuição	<p>Nas regiões montanhosas da Europa Meridional e Central.</p>		
Habitat	<p>Habita amontoados pedregosos na base dos penhascos de montanha e nas regiões rochosas habitualmente acima da linha das árvores, mas também em áreas semelhantes por entre os prados alpinos. Desce ao sopé das montanhas no Inverno. Facilmente passa despercebida.</p>		
Alimentação	<p>Alimenta-se de insectos e sementes.</p>		
Reprodução	<p>Ninho em forma de taça numa fenda de rocha. Postura entre os meses de Maio e Agostos de 3 a 4 ovos cor azul clara que incubam durante 15 dias.</p>		
Tipo de Ocorrência	<p>Invernante.</p>		
Comportamento	<p>Caminha, levanta voo e pousa no solo.</p>		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.029.00</b>
<b>Voo</b>	Voo directo.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Decrescente.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	NT – Quase Ameaçado. Fundamentação: Espécie com população reduzida (inferior a 1.000 indivíduos maduros). No entanto, por ser um taxon visitante não reprodutor cujas condições não se estão a deteriorar nem fora nem no interior da região, o que leva a admitir um risco de extinção mais reduzido em Portugal, desceu uma categoria na adaptação à escala regional.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
	-		-
<b>Factores de Ameaça</b>	Dado que ocorre em habitats com diferentes características, não sendo por isso possível caracterizar eventuais factores de ameaça para a espécie.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Não necessita de medidas de conservação específicas, para além das que estão estabelecidas para a conservação e protecção das espécies de aves e respectivos habitats; aconselhável elevar o esforço na obtenção de um maior volume de informação, nomeadamente com a monitorização da população da espécie.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.030.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	REPTILIA	Família	LACERTIDAE
Ordem	SAURIA	Género	<i>Psammotromus</i>
Nome Científico	<i>Psammotromus algirus</i>	Nome Comum	Lagartixa-do-mato
Registo Fotográfico			
Identificação	Lagartixa de tamanho médio e de aspecto robusto. Coloração ventral esbranquiçada.		
Distribuição	Espécie ibero-mediterrânica que ocorre em Portugal, Espanha e Sul de França. Em Portugal a sua distribuição apresenta-se algo fragmentada, ocorrendo na bacia do Tejo, na região Oeste, nas Beiras interiores, em Trás-os-Montes e parte do Alentejo e Algarve.		
Habitat	Esta espécie ocorre numa grande variedade de habitats, mas é frequentemente encontrada em pinhais com solo arenoso, e áreas de cobertura arbustiva mais ou menos dispersa.		
Alimentação	A sua dieta baseia-se essencialmente em pequenos invertebrados (formigas, gafanhotos, aranhas, escaravelhos).		
Reprodução	Espécie ovípara. Época de Reprodução de Abril a Junho efectuando geralmente postura de 2-11 ovos.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Espécie de actividade sobretudo diurna, é extremamente ágil e possui notáveis capacidades trepadoras. Só se retira para o seu abrigo quando desaparecem os últimos raios solares. Ao ouvirem um ruído estranho imobilizam-se completamente, podendo permanecer nessa posição durante		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.030.00</b>
	algum tempo. No entanto, se aproximarem dela foge a grande velocidade, refugiando-se nos matos ou trepando por arbustos e árvores.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			III
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/Destruição do habitat.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Protecção do habitat, sensibilização ambiental.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.031.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AMPHIBIA	Família	RANIDAE
Ordem	ANURA	Género	<i>Rana</i>
Nome Científico	<i>Rana iberica</i>	Nome Comum	Rã-ibérica
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Esbelto, pele lisa, por vezes granulosa pequenas saliências dorsais. Com dois cordões glandulares dorso-laterais, desde a parte posterior do olho até à parte posterior do corpo. Cabeça pontiaguda Olhos grandes salientes. Não tem saco vocal, nem glândulas paratóides. A articulação tibio-társica ultrapassa o nível da extremidade do focinho quando se rebatem para diante os membros posteriores. Presença de uma mancha escura na região temporal. Pregas dorso-laterais separadas. Morfologia interna: Dentes voméricos situados após às coanas. Coloração: região dorsal variar de acastanhado claro a escuro com tons esverdeadas e cobreados salpicado manchas mais escuras. Duas bandas estreitas e escuras vindas da cabeça, atravessam os orifícios nasais chegam aos olhos. Os flancos são mais claros que o dorso e podem ter pequenas manchas negras. Sobre as patas tem quase sempre bandas escuras transversais. Patas com bandas escuras transversais. Região ventral cor esbranquiçada. Membros anteriores com 4 dedos. Membros posteriores com 5 dedos e membrana interdigital. Comprimento do corpo. Machos: 30-40 mm; Fêmeas: 40-50 mm, podendo atingir ocasionalmente os 70 mm. Machos mais pequenos com membros anteriores mais robustos e calosidades nupciais no dedo mais interno de cada mão. Soam como um rápido coc-coc-coc. Larva mede até 50 mm. Girinos de cor acastanhada esverdeada e manchas claras na cauda e no dorso com reflexos metálicos. Crista caudal bastante alta e cauda em ângulo agudo. Espiráculo do lado esquerdo e o ânus do lado direito.</p>		
Distribuição	Esta espécie pode ser encontrada no noroeste da Península ibérica e possivelmente nos Pirenéus.		





<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.031.00</b>
<b>Habitat</b>	Apresenta actividade tanto diurna como nocturna. Encontra-se activa durante todo o ano, embora seja menos conspícua nos dias mais frios do Inverno e durante os meses quentes de Verão. Trata-se de uma espécie típica de zonas montanhosas e muito associada à água, ocorrendo junto a ribeiros com vegetação abundante nas margens, cujos biótopos circundantes são frequentemente construídos por bosques caducifólios ou lameiros. Pode ainda ser encontrada numa enorme variedade de habitats desde charcos e lagoas até prados húmidos e terrenos encharcados, com vegetação herbácea abundante, ocorrendo desde o nível do mar até aos 1900 m, na Serra da Estrela.		
<b>Alimentação</b>	A sua dieta baseia-se essencialmente em pequenos invertebrados, tais como aranhas, larvas de insectos, caracóis e escaravelhos.		
<b>Reprodução</b>	O período reprodutivo estende-se por norma de Novembro a Março, variando com a altitude. O acasalamento é mais frequente durante a noite, sendo o amplexo auxiliar. As posturas são reduzidas - cerca de 100-450 ovos - e variam com o tamanho da fêmea. Esta deposita os ovos em massas esféricas e compactas, na vegetação aquática ou entre pedras, em zonas de remanso de ribeiras ou no fundo lamacento de charcos. O desenvolvimento da larva dura cerca de três meses.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Espécie muito ligada à água, podendo contudo afastar-se para as margens dos cursos de água em locais de vegetação de tipo herbáceo ou arbóreo. São basicamente nocturnas, apesar de também se observarem activas durante o dia, dependendo das condições ambientais. O período de actividade varia e depende principalmente da altitude onde se localizam as populações. Em particular a altitudes elevadas, a actividade pode reduzir-se nos meses quentes, principalmente Julho e Agosto.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			B, IV
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat; destruição de locais de reprodução; destruição/perturbação de indivíduos; florestação/desflorestação; intensificação agrícola; introdução de espécies exóticas; poluição industrial; poluição pecuária; regularização de sistemas hídricos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Controlo da poluição; controlo de espécies exóticas; manutenção da agricultura tradicional; ordenamento florestal; prevenção de incêndios; protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.032.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	STRIGIDAE
Ordem	STRIGIFORMES	Género	<i>Strix</i>
Nome Científico	<i>Strix aluco</i>	Nome Comum	Coruja-do-mato
Registo Fotográfico			
Identificação	Forma compacta, asas largas e arredondadas, cabeça grande e olhos pretos. A coloração da sua plumagem em tons de castanhos, entre o castanho acinzentado e o castanho arruivado.		
Distribuição	Encontrada na Europa, África e Ásia.		
Habitat	Bosques e florestas, terrenos agrícolas com árvores (carvalhos antigos). Pode também ser encontrada em jardins e cidades.		
Alimentação	Captura uma grande variedade de presas sobretudo pequenos roedores, aves, répteis e insectos.		
Reprodução	Nidifica em cavidades de árvores, de muros e rochas ou, por vezes, num velho ninho de esquilo ou de gralha. A fêmea deposita 2 ou 4 ovos entre Fevereiro e Abril. Alimentada pelo macho incuba-os num período de cerca de 28 a 30 dias. As crias abandonam o ninho ao fim de 5 ou 6 semanas		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente, nidificante.		
Comportamento	Nocturna, muito sensível à luz com a qual pode ficar totalmente encandeada. Torna-se agressiva se for incomodada durante o período de reprodução. Caçador eficaz sobretudo na escuridão total. Detecta a presa no solo a partir de um poiso.		
Voo	Plano e directo.		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.032.00</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC - Pouco Preocupante. Espécie Protegida.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
Convenção de Washington (CITES).			II A
<b>Factores de Ameaça</b>	Intensificação da agricultura; demolição e reconversão de edifícios antigos; utilização de produtos químicos; utilização de iscos com veneno (rodenticidas) para eliminar roedores prejudiciais à agricultura; colisão com viaturas.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Criação de locais adequados para a nidificação; eliminar a utilização de produtos químicos e de iscos com veneno para a eliminação de roedores.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.033.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	MAMMALIA	<b>Família</b>	SUIDAE
<b>Ordem</b>	ARTIODACTYLA	<b>Género</b>	Sus
<b>Nome Científico</b>	<i>Sus scrofa</i>	<b>Nome Comum</b>	Javali
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>Semelhante ao porco doméstico (que evoluiu a partir do javali), esta espécie pode chegar aos 167 cm de comprimento nos exemplares machos ou 146 cm nas fêmeas. O peso médio é de aproximadamente 130 Kg, tendo sido detectados alguns indivíduos com cerca de 230 Kg na Alemanha. O seu corpo exhibe uma forma arredondada e patas curtas mas fortes, conferindo-lhe um aspecto de grande robustez física. A coloração do pêlo é escura e ostentam os dentes caninos da mandíbula inferior muito desenvolvidos. Estes são denominados Defesas e nos machos são projectados para fora e voltados para cima.</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>Encontra-se amplamente distribuído por toda a Europa Central e Ocidental. Sendo comum em vastas áreas do território continental nacional, é globalmente mais abundante ao longo da fronteira e a Sul do rio Tejo. Em Portugal, o aumento significativo, quer do número de exemplares abatidos na actividade cinegética, bem como da maior área de distribuição onde são caçados, permite inferir que o seu efectivo populacional está em crescendo.</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Distribui-se por vários tipos de habitat, desde bosques de folha caduca e perene a zonas de matagal e áreas agrícolas. Encontra-se com frequência em bosques de folhosas e em áreas agrícolas que apresentam zonas onde se podem abrigar. Frequentemente os indivíduos desta espécie refugiam-se em cavidades pouco profundas e no interior de manchas de vegetação densa.</p>		
<b>Alimentação</b>	<p>Animal omnívoro, alimentando-se de frutos, tubérculos, raízes, cereais, invertebrados e pequenos mamíferos.</p>		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.033.00</b>
<b>Reprodução</b>	A época de reprodução é alargada, de Novembro a Janeiro, ocorrendo os nascimentos entre Fevereiro e Abril, após 110 dias de gestação. Normalmente cada fêmea tem 1 ninhada com 2 a 7 crias, por ano, embora possam ocorrer 2 ninhadas, quando a primeira não sobrevive. O desmame ocorre quando as crias atingem 3-4 meses. Atingem a maturidade sexual com 8 a 10 meses de idade, embora os machos mais jovens estejam impedidos de acasalar pelos machos dominantes mais velhos.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Actividade crepuscular e nocturna. Reúnem-se grupos de fêmeas com crias e juvenis de ambos os sexos (as varas), grupos de machos sub-adultos e machos adultos solitários. Os machos solitários apenas se aproximam dos grupos de fêmeas na época da reprodução. Quando se sente ameaçado emitem grunhidos e range os dentes.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	Pouco Preocupante. Não ameaçada.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
	-		-
<b>Factores de Ameaça</b>	Construção de vias rodoviárias; desflorestação e a perseguição, através da caça furtiva ou do envenenamento accidental ou propositado.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Alteração/ adaptação do traçado rodoviário; fiscalização da caça furtiva e eventuais mortes por envenenamento.		
<b>Observações/comentários</b>	Sendo um animal em que o período activo é principalmente nocturno, será durante esta altura que se torna mais fácil a sua observação.		

<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.034.00</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	AVES	<b>Família</b>	TYTONIDAE
<b>Ordem</b>	STRIGIFORMES	<b>Género</b>	<i>Tyto</i>
<b>Nome Científico</b>	Tyto alba	<b>Nome comum</b>	Coruja-das-torres
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>Ave de rapina nocturna. Plumagem branca no peito e parte inferior das asas, castanha no dorso e parte superior das asas. Ouvidos são assimétricos para detecção exacta da proveniência dos sons. Peso e dimensões: asa-279 a 300 mm; cauda-109 a 124 mm; bico-30 a 33 mm; tarso-54 a 60 mm; peso-240 a 360 g. Os machos apresentam menos manchas escuras na plumagem do peito e parte inferior das asas. Vocalizações: sons pouco melódicos, estridentes, lembrando ressonos ou sopros. Longevidade: máximo conhecido de 21 anos e 4 meses em estado selvagem.</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>Cosmopolita, bem distribuída no continente europeu, onde apenas se encontra ausente no extremo norte, nos Pirenéus e nos Alpes. Os movimentos de maior extensão nas populações do Norte da Europa, levando algumas aves a invernar na Península Ibérica. Em Portugal ocorre por todo o país, sendo aparentemente mais comum no centro e sul.</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Associada a biótopos abertos (pastagens e terrenos agrícolas) ou semi-abertos (montados pouco densos). Nas zonas agrícolas ou em áreas reflorestadas em zonas de pastagens, situadas ao longo das margens de valas de drenagem, rios e sebes. Em áreas mais agricultadas, restolhos de milho e girassol durante o Outono e Inverno. Nidifica em quintas, montes, moinhos, celeiros, ruínas e igrejas, grandes povoações, cavidades nas árvores, fendas nas rochas e pedreiras, telhados, buracos nas paredes e túneis, fardos de feno. Evita florestas, particularmente resinosas.</p>		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.034.00</b>
<b>Alimentação</b>	Alimenta-se sobretudo de pequenos mamíferos, particularmente Muridae, Microtinae e Soricidae e também pequenos pássaros, répteis, anfíbios, peixes e insectos. Existem ocorrências de canibalismo entre irmãos. Espécie essencialmente nocturna, procura alimento quase sempre 1 a 2 horas antes do nascer do sol e depois do anoitecer.		
<b>Reprodução</b>	Ave solitária e territorial. Tamanho do território varia consoante a disponibilidade de alimento. Maioria das aves nidifica com 1 ou 2 ano de idade. Espécie monogâmica, podendo ocasionalmente haver bigamia. A relação parece ser permanente e persiste normalmente durante todo o ano. Em Portugal, a maior parte das posturas tem início em Abril, eclodindo os ovos no início do mês de Maio; os juvenis empreendem os primeiros voos durante a segunda quinzena de Junho; não é rara a ocorrência de segundas posturas; ocasionalmente, um casal pode chegar a efectuar três posturas. Incubação: 29 a 34 dias.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente. Invernante.		
<b>Comportamento</b>	Estudos efectuados em Portugal referem que a espécie se alimenta sobretudo de roedores, podendo as espécies do género Mus assumir particular importância; os mamíferos insectívoros são igualmente presas frequentes, verificando-se também a ocorrência de insectos, aracnídeos, passeriformes e anfíbios na composição da dieta desta ave de rapina nocturna.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro			
Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna			II
Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro)			II-A
<b>Factores de Ameaça</b>	Demolição e reconversão de edifícios antigos e aumento da ocupação humana; Aumento da utilização de agro-químicos, Crescente mecanização na agricultura; Abate ilegal e a pilhagem de ninhos; Colisão com viaturas; Uso de iscos envenenados para eliminar espécies prejudiciais à agricultura.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Promover os sistemas agrícolas extensivos; Diminuir actos de pilhagem de ninhos/juvenis através da vigilância activa no período de nidificação; Acções de esclarecimento sobre a espécie junto do público em geral; Fiscalizar as actividades cinegéticas; Implementar normas de gestão cinegética nas áreas de habitat destas espécies em AC's (Áreas de Caça); Prevenir a mortalidade por colisão nas estradas através da implementação de medidas minimizadoras; Restringir o uso de pesticidas; Monitorização de parâmetros populacionais.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.035.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	REPTILIA	<b>Família</b>	VIPERIDAE
<b>Ordem</b>	SERPENTES	<b>Género</b>	<i>Vipera</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Vipera latastei</i>	<b>Nome Comum</b>	Víbora-cornuda
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>Corpo volumoso e cauda curta. Cabeça triangular de focinho dorsalmente proeminente, formando um típico apêndice nasal. Coloração dorsal variável, cinzenta escura, acastanhada ou quase negra. Desenho dorsal tipicamente com uma banda dorsal disposta em "zig-zag". Na parte superior da cabeça podem existir manchas escuras. Nos lados da cabeça é visível uma banda escura, desde o olho ao pescoço. Ventre esbranquiçado/ acinzentado, com algumas manchas irregulares. A parte inferior da cauda e certas regiões do ventre, evidenciam, por vezes, tons amarelados ou alaranjados. Dimorfismo sexual: os machos têm em geral caudas relativamente maiores.</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>Esta espécie ocorre na Península Ibérica e Norte de África: Portugal, Espanha, Marrocos, Argélia e Tunísia. Em Portugal, distribui-se por todo o território, em núcleos populacionais fragmentados, desde o nível do mar até aos 1.500 m, nas Serras da Estrela e do Gerês. A grande maioria das observações desta víbora provém das zonas montanhosas a norte do rio Tejo (serras do Gerês, Alvão, Montesinho e Estrela). A sul do rio Tejo e nas áreas de maior pressão humana, ocorre em populações isoladas de pequenas dimensões.</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Esta espécie encontra-se em zonas rochosas de montanha, preferindo as encostas declivosas com matos densos. Também ocorre em áreas florestais com cobertura arbustiva. Nas zonas mais baixas e litorais ocorre em matagais, pinhais arenosos e sistemas dunares .</p>		
<b>Alimentação</b>	<p>O seu período de alimentação é relativamente curto. A sua dieta é constituída sobretudo por micromamíferos e lacertídeos, mas pode também incluir algumas aves e artrópodes. Os jovens alimentam-se essencialmente de sáurios e invertebrados.</p>		





<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.035.00</b>
<b>Reprodução</b>	Espécie ovovivípara. O acasalamento tem lugar na Primavera, geralmente no mês de Abril. A fêmea,pare, a partir de Agosto, até 8 crias, com cerca de 20 cm de comprimento.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res –Residente.		
<b>Comportamento</b>	Trata-se de uma espécie de hábitos diurnos. Torna-se todavia crepuscular e nocturna nos meses mais quentes.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Em regressão.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	VU – Vulnerável.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat; atropelamentos; comércio; destruição/perturbação de indivíduos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Campanhas de educação ambiental; estudos de biologia e ecologia; protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.036.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	CANIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Vulpes</i>
Nome Científico	<i>Vulpes vulpes</i>	Nome Comum	Raposa
Registo Fotográfico			
Identificação	Cor geralmente castanho-avermelhada podendo variar até cor-de-areia. A cauda é comprida e espessa. Na época de reprodução, as fêmeas ganham tons rosados no pêlo da zona ventral. A muda, na Primavera, é notória, dando-lhes um aspecto malhado.		
Distribuição	Europa, Ásia, América do Norte, algumas regiões do Norte de África e do Médio Oriente e parte da Austrália.		
Habitat	Matagais em mosaico, florestas e campos agrícolas.		
Alimentação	A raposa é sobretudo nocturna e crepuscular, altura em que procura as presas de que se alimenta. Por possuir uma dieta oportunista, isto é, procura uma grande variedade de presas escolhendo normalmente as mais abundantes, pode consumir desde pequenos roedores até lagomorfos (coelhos e lebres), aves, insectos (principalmente escaravelhos), frutos, etc. Pode escavar tocas para se abrigar ou aproveitar as tocas feitas por coelhos e texugos mas, fora da época de reprodução, o dia é geralmente passado em abrigos à superfície (debaixo de silvados, montes de pedras ou madeira, etc.). Raposa é um mamífero carnívoro. Pontualmente, e se a oportunidade surgir, torna-se necrófago. Os ovos também fazem as delícias das raposas, que procuram		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.036.00</b>
	<p>ninhos de aves silvestres no solo para comê-los. Comem fundamentalmente pequenos roedores, coelhos e aves, como a perdiz. Nas zonas onde existe criação de capoeira, podem muitas vezes introduzir-se dentro das mesmas para aí caçarem as suas presas, criando dificuldades de vizinhança com os humanos por esse motivo.</p>		
<b>Reprodução</b>	<p>Os acasalamentos ocorrem entre Dezembro e Fevereiro, sendo a gestação de 52-53 dias. Os juvenis nascem entre Março e Maio, possuindo nesta altura uma pelagem castanho-escura que só ao fim de cerca de 6 meses se torna idêntica à coloração dos adultos. Ambos os progenitores cuidam das crias mesmo após o desmame. Estas só se tornam completamente independentes no Outono seguinte ao nascimento.</p>		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	<p>Tem, sobretudo, actividade nocturna e crepuscular, mas pode ser diurna em locais isolados. A densidade populacional média é de 1 família por Km<sup>2</sup> de área agrícola. Vive em grupos constituídos por um macho adulto e várias fêmeas. Efectuam marcações odoríferas com urinas e excrementos deixados em locais muito visitados.</p>		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
	-		-
<b>Factores de Ameaça</b>	Caça; utilização de iscos com veneno (rodenticidas) para eliminar roedores prejudiciais à agricultura.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Fiscalização das actividades de caça; eliminar a utilização de iscos com veneno (rodenticidas) para eliminar roedores prejudiciais à agricultura.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

**APOIO À VISITAÇÃO DO SÍTIO SERRA DA ESTRELA NO  
CONCELHO DE MANTEIGAS**

**ROTA DOS POIOS BRANCOS**

**INVENTARIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E REFERENCIAÇÃO  
CARTOGRÁFICA DE ELEMENTOS ECOLÓGICOS  
SIGNIFICATIVOS E DE PONTOS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO  
RELEVANTE NO CONCELHO DE MANTEIGAS**

**FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS**

**CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS**



ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA		FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS	Rota dos Poios Brancos
Código	Nome Científico	Nome Comum	
001.00	<i>Acer pseudoplatanus</i>	Plátano-bastardo	
002.00	<i>Betula celtiberica</i>	Vidoeiro	
003.00	<i>Cedro-deodara</i>	Cedro-dos-Himalaias	
004.00	<i>Centaurea rothmalerana</i>	-	
005.00	<i>Cytisus multiflorus</i>	Giesta-branca	
006.00	<i>Echinopartum ibericum pulviniformis</i>	Caldoneira	
007.00	<i>Erica arborea</i>	Urze	
008.00	<i>Erica ciliaris</i>	Urze-carapaça	
009.00	<i>Erica umbellata</i>	Torga	
010.00	<i>Genista cinerascens</i>	-	
011.00	<i>Halimium alyssoides</i>	Sargaço	
012.00	<i>Nardus stricta</i>	Cervum	
013.00	<i>Orobanche rapum-genistae</i>	Erva-toira grande	
014.00	<i>Pinus nigra</i>	Pinheiro-negro	
015.00	<i>Pinus pinaster</i>	Pinheiro-bravo	
016.00	<i>Pinus sylvestris</i>	Pinheiro-de-casquinha	
017.00	<i>Potentilla erecta</i>	Consolda-vermelha	
018.00	<i>Pseudotsuga menziesii</i>	Pinheiro-do-oregon	
019.00	<i>Salix atrocinerea</i>	Salgueiro	
020.00	<i>Salix salviifolia</i>	Salgueiro-branco	
021.00	<i>Secale cereale</i>	Centeio	
022.00	<i>Sorbus aucuparia</i>	Tramazeira	



**FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS**

**N.001.00**

**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

**Projecto** Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas

**Rota** Rota dos Poios Brancos **Coordenadas** 007°32'0,95" W  
40°20'40,18" N

**CARACTERIZAÇÃO GERAL**

<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Rutales	<b>Subclasse</b>	Malvidae
<b>Espécie</b>	Acer pseudoplatanus	<b>Família</b>	Sapindaceae

**Tipo Fisionómico** Mesofanerófito

**Nome Científico** *Acer pseudoplatanus* **Nome Comum** Plátano-bastardo

**Registo Fotográfico**



**Distribuição** Centro e Sul da Europa e é subespontânea em Portugal.

**Habitat** Matos e ruderal.

**Estatuto de Protecção** -

**Raridade em Portugal** Rara.


**Floração** Março – Abril.

**Observações/comentários** -



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.002.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°34'23,92" W 40°19'30,49" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Betulales	<b>Subclasse</b>	Hamamelididae
<b>Espécie</b>	<i>Betula alba</i>	<b>Família</b>	Betulaceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Mesofanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Betula celtiberica</i>	<b>Nome Comum</b>	Vidoeiro
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Europa e Centro e Sul da Ásia.		
<b>Habitat</b>	Rupícola e matos.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Rara.		
<b>Floração</b>	Abril – Maio.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.003.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007�34'31,11" W 40�19'24,45" N
<b>CARACTERIZA�O GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Pinatae	<b>Subdivisão</b>	Coniferophytina
<b>Ordem</b>	Pinales	<b>Subclasse</b>	Pinidae
<b>Espécie</b>	<i>Cedrus deodara</i>	<b>Família</b>	Pinaceae
<b>Tipo Fision�mico</b>	Megafaner�fite		
<b>Nome Científico</b>	<i>Cedrus deodara</i>	<b>Nome Comum</b>	Cedro-dos-Himalaias
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribui�o</b>	Este do Afeganistão, China (Sudoeste Xizang) e Noroeste Himalaias (Índia, Este Nepal e Nordeste do Paquistão).		
<b>Habitat</b>	Ornamental.		
<b>Estatuto de Protec�o</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Flora�o</b>	Setembro – Dezembro.		
<b>Observa�es/comentários</b>	-		






FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.004.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°34'41,087" W 40° 18' 58,953" N
<b>CARACTERIZA�O GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	-	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	-	<b>Subdivisão</b>	-
<b>Ordem</b>	-	<b>Subclasse</b>	-
<b>Espécie</b>	<i>Centaurea rothmalerana</i>	<b>Família</b>	<i>Asteraceae (Compositae)</i>
<b>Tipo Fision�mico</b>	-		
<b>Nome Científico</b>	<i>Centaurea rothmalerana</i>	<b>Nome Comum</b>	-
<b>Registo Fotográfico</b>	Sem registo fotográfico.		
<b>Distribui�o</b>	Endemismo lusitano – Serra da Estrela.		
<b>Habitat</b>	Abaixo dos 1 600 m, ocorre em arrelvados montanhosos e clareiras de matas caducifólia.		
<b>Estatuto de Protec�o</b>	VU – Vulnerável - Decreto-Lei n� 140/99, de 24 de Abril – Anexos B-II, b) e B-IV, b). Directiva 92/43/CEE – Anexos II, b) e IV, b).		
<b>Raridade em Portugal</b>	Rara.		
<b>Flora�o</b>	Abril – Agosto.		
<b>Observa�es/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.005.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos	Coordenadas	007°34'31,61" W 40°19'19,92" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Magnoliopsida	Subdivisão	Magnoliophytina (Angiospermae)
Ordem	Fabales	Subclasse	Rosidae
Espécie	<i>Cytisus multiflorus</i>	Família	Leguminosae (Fabaceae)
Tipo Fisionómico	Nanofanerófito		
Nome Científico	<i>Cytisus multiflorus</i>	Nome Comum	Giesta-branca
Registo Fotográfico			
Distribuição	Península Ibérica, introduzida no Norte América, Austrália e Oeste Europa.		
Habitat	Matos, matagais e rupícola.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Abril – Junho.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.006.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°31'30,84" W 40°21'12,25" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	<i>Echinopartum ibericum ibericum</i>
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Fabales	<b>Subclasse</b>	Rosidae
<b>Espécie</b>	<i>Echinopartum ibericum</i>	<b>Família</b>	Leguminosae (Fabaceae)
<b>Tipo Fisionómico</b>	Nanofanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Echinopartum ibericum ibericum</i>	<b>Nome Comum</b>	Caldoneira
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Noroeste e centro da Península Ibérica.		
<b>Habitat</b>	Terrenos incultos e rupícola, predomina em locais de menor altitude comparativamente com a subespécie <i>Echinopartum ibericum pulviniformis</i> , habita solos secos e rochosos suporta variações de temperatura elevadas e ventos fortes.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril – Anexo B-1; Habitat 4090 Charnecas oromediterrânicas endémicas com giestas espinhosas da Directiva 92/43/CEE – Anexo I.		
<b>Raridade em Portugal</b>	Rara.		
<b>Floração</b>	Junho – Julho.		
<b>Observações/comentários</b>	Endemismo ibérico pontual nas montanhas mais elevadas de Portugal.		



**FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS**

**N.007.00**

**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°34'31,61" W 40°19'19,92" N

**CARACTERIZAÇÃO GERAL**

<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Ericales	<b>Subclasse</b>	Asteridae
<b>Espécie</b>	<i>Erica arborea</i>	<b>Família</b>	Ericaceae

<b>Tipo Fisionómico</b>	Nanofanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Erica arborea</i>	<b>Nome Comum</b>	Urze

**Registo Fotográfico**



<b>Distribuição</b>	Região Mediterrânica, Macaronésia, Norte e Este da África.
<b>Habitat</b>	Matos, matagais e ripícola.
<b>Estatuto de Protecção</b>	-
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.
<b>Floração</b>	Fevereiro – Agosto.
<b>Observações/comentários</b>	-



**FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS**

**N.008.00**

**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°34'31,61" W 40°19'19,92" N

**CARACTERIZAÇÃO GERAL**

<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Ericales	<b>Subclasse</b>	Asteridae
<b>Espécie</b>	<i>Erica ciliaris</i>	<b>Família</b>	Ericaceae

<b>Tipo Fisionómico</b>	Vários		
<b>Nome Científico</b>	<i>Erica ciliaris</i>	<b>Nome Comum</b>	Urze-carapaça

**Registo Fotográfico**



<b>Distribuição</b>	Oeste da Europa e Norte de África.
<b>Habitat</b>	Matagais.
<b>Estatuto de Protecção</b>	-
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.
<b>Floração</b>	Maió – Dezembro.
<b>Observações/comentários</b>	Caméfito ou nanofanerófito.



**FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS**

**N.009.00**

**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

**Projecto** Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas

**Rota** Rota dos Poios Brancos **Coordenadas** 007°33'5.02" W  
40°20'14.40" N

**CARACTERIZAÇÃO GERAL**

<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Ericales	<b>Subclasse</b>	Asteridae
<b>Espécie</b>	<i>Erica umbellata</i>	<b>Família</b>	Ericaceae

**Tipo Fisionómico** Nanofanerófito

**Nome Científico** *Erica umbellata* **Nome Comum** Torga

**Registo Fotográfico**



**Distribuição** Península Ibérica e Noroeste de África.

**Habitat** Matos e matagais.

**Estatuto de Protecção** -

**Raridade em Portugal** Comum.

**Floração** Março – Agosto.

**Observações/comentários** -



**FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS**

**N.010.00**

**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

**Projecto** Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas

**Rota** Rota dos Poios Brancos

**Coordenadas** 007°31'30,84" W  
40°21'12,25" N

**CARACTERIZAÇÃO GERAL**

**Divisão** Spermatophyta

**Subespécie** -

**Classe** Magnoliopsida

**Subdivisão** Magnoliophytina (Angiospermae)

**Ordem** Lamiales

**Subclasse** Lamiidae

**Espécie** *Orobanche rapum-genistae*

**Família** Orobanchaceae

**Tipo Fisionómico** Geófito

**Nome Científico** *Orobanche rapum-genistae*

**Nome Comum** Erva-toira grande

**Registo Fotográfico**



**Distribuição** Oeste da Europa, provavelmente até ao Noroeste de África.

**Habitat** Matos e matagais.


**Estatuto de Protecção** -

**Raridade em Portugal** Comum.

**Floração** Abril – Agosto.

**Observações/comentários** -



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.011.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°34'27,71" W 40°19'21,53" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Fabales	<b>Subclasse</b>	Rosidae
<b>Espécie</b>	<i>Genista cinerascens</i>	<b>Família</b>	Leguminosae (Fabaceae)
<b>Tipo Fisionómico</b>	Nanofanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Genista cinerascens</i>	<b>Nome Comum</b>	-
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Centro e Centro oeste da Península Ibérica.		
<b>Habitat</b>	Matagais e rupícola.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Maio – Julho.		
<b>Observações/comentários</b>	-		





FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.012.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°31'30,84" W 40°21'12,25" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Malvales	<b>Subclasse</b>	Malvidae
<b>Espécie</b>	<i>Halimium lasianthum</i>	<b>Família</b>	Cistaceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Nanofanerófito		
<b>Nome Científico</b>	Halimium alyssoides	<b>Nome Comum</b>	Sargaço
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Noroeste da Península Ibérica e Sudoeste da França.		
<b>Habitat</b>	Matos, matagais e terrenos incultos.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Abril – Maio.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



**FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS**

**N.013.00**

**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°34'31,61" W 40°19'19,92" N

**CARACTERIZAÇÃO GERAL**

<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Poales	<b>Subclasse</b>	Commelinidae
<b>Espécie</b>	Nardus stricta	<b>Família</b>	Gramineae (Poaceae)

<b>Tipo Fision�mico</b>	Hemicriptófito		
<b>Nome Científico</b>	Nardus stricta	<b>Nome Comum</b>	Cervum

**Registo Fotográfico**




<b>Distribui�o</b>	Grande parte Europa até Cáucaso e Sibéria e Macaronésia (Açores).
<b>Habitat</b>	Relvados húmidos.
<b>Estatuto de Protec�o</b>	Decreto-Lei n� 140/99 de 24 de Abril – Anexo B-1.; Directiva 92/43/CEE – Anexo I - Habitat prioritário.
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.
<b>Flora�o</b>	Maios – Agosto.
<b>Observa�es/comentários</b>	-



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.014.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos	Coordenadas	007°34'27,71" W 40°19'21,53" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Divisão	Spermatophyta	Subespécie	-
Classe	Pinatae	Subdivisão	Coniferophytina
Ordem	Pinales	Subclasse	Pinidae
Espécie	<i>Pinus nigra</i>	Família	Pinaceae
Tipo Fisionómico	Megafanerófito		
Nome Científico	<i>Pinus nigra</i>	Nome Comum	Pinheiro-negro
Registo Fotográfico			
Distribuição	Europa (excepto no Norte), de Espanha até Turquia e Norte de África (Argélia e Marrocos); introduzido Portugal, Ilhas Britânicas, Austrália, Nova Zelândia e Nordeste EUA.		
Habitat	Ornamental.		
Estatuto de Protecção	-		
Raridade em Portugal	Comum.		
Floração	Março – Maio.		
Observações/comentários	Cultivado pela madeira.		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.015.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°34'21,50" W 40°19'32,47" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Pinatae	<b>Subdivisão</b>	Coniferophytina
<b>Ordem</b>	Pinales	<b>Subclasse</b>	Pinidae
<b>Espécie</b>	<i>Pinus pinaster</i>	<b>Família</b>	Pinaceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Megafanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Pinus pinaster</i>	<b>Nome Comum</b>	Pinheiro-bravo
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Oeste da região mediterrânica e zonas atlânticas do Sul a Europa.		
<b>Habitat</b>	Matos, matagais e terrenos incultos.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Março.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.016.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°34'21,50" W 40°19'32,47" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Pinatae	<b>Subdivisão</b>	Coniferophytina
<b>Ordem</b>	Pinales	<b>Subclasse</b>	Pinidae
<b>Espécie</b>	<i>Pinus sylvestris</i>	<b>Família</b>	Pinaceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Megafanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Pinus sylvestris</i>	<b>Nome Comum</b>	Pinheiro-de-casquinha
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Eurásia, frequentemente cultivado na Região Mediterrânica.		
<b>Habitat</b>	Matos e matagais.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Rara.		
<b>Floração</b>	Março.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



**FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS**

**N.017.00**

**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°34'31,61" W 40°19'19,92" N

**CARACTERIZAÇÃO GERAL**

<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Rosales	<b>Subclasse</b>	Rosidae
<b>Espécie</b>	<i>Potentilla erecta</i>	<b>Família</b>	Rosaceae

<b>Tipo Fisionómico</b>	Hemicriptófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Potentilla erecta</i>	<b>Nome Comum</b>	Consolda-vermelha

**Registo Fotográfico**



<b>Distribuição</b>	Euroasiática, Oeste Sibéria, Cáucaso, Anatólia, Noroeste África e Macaronésia.
<b>Habitat</b>	Matagais e relvados húmidos.
<b>Estatuto de Protecção</b>	Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril – Anexo B-1. Directiva 92/43/CEE – Anexo I – Habitat prioritário.
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.
<b>Floração</b>	Maior – Agosto.
<b>Observações/comentários</b>	-



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.018.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°34'27,71" W 40°19'21,53" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Pinatae	<b>Subdivisão</b>	Coniferophytina
<b>Ordem</b>	Pinales	<b>Subclasse</b>	Pinidae
<b>Espécie</b>	<i>Pseudotsuga menziesii</i>	<b>Família</b>	Pinaceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Megafanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Pseudotsuga menziesii</i>	<b>Nome Comum</b>	Pinheiro-do-oregon
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Oeste dos EUA e foi introduzida em Portugal.		
<b>Habitat</b>	Matos e ornamental.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Rara.		
<b>Floração</b>	Março – Maio.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



**FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS**

**N.019.00**

**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

<b>Projecto</b>	Apoyo à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°33'57,42" W 40°20'00,14" N

**CARACTERIZA O GERAL**

<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Violales	<b>Subclasse</b>	Rosidae
<b>Espécie</b>	<i>Salix atrocinerea</i>	<b>Família</b>	Salicaceae

<b>Tipo Fision�mico</b>	Microfaner�fito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Salix atrocinerea</i>	<b>Nome Comum</b>	Salgueiro

**Registo Fotográfico**



<b>Distribui�o</b>	A espécie tem distribui�o na Europa atlântica e oeste da Região Mediterrânica.
<b>Habitat</b>	Os habitats preferenciais são relvados húmidos e áreas rupicolas.
<b>Estatuto de Protec�o</b>	-
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.
<b>Flora�o</b>	Fevereiro – Março.
<b>Observa�es/comentários</b>	-





FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.020.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoyo à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°31'05,84" W 40°20'54,45" N
<b>CARACTERIZA�O GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Violales	<b>Subclasse</b>	Rosidae
<b>Espécie</b>	<i>Salix salvifolia</i>	<b>Família</b>	Salicaceae
<b>Tipo Fision�mico</b>	Microfaner�fita		
<b>Nome Científico</b>	<i>Salix salvifolia</i>	<b>Nome Comum</b>	Salgueiro-branco
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribui�o</b>	A espécie tem distribui�o na Europa, Oeste, Sudoeste e Centro da Ásia, Mediterrâneo, naturalizado nos EUA.		
<b>Habitat</b>	O habitat preferencial � ripícola e relvados húmidos.		
<b>Estatuto de Protec�o</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Flora�o</b>	Março – Abril.		
<b>Observa�es/comentários</b>	Linha de água com vegeta�o ripícola fragmentada.		



<b>FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS</b>	<b>N.021.00</b>
---	-----------------

### CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO

<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	40�20'59,99" W 007�32'54,43" N

### CARACTERIZA O GERAL

<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Liliatae (Monocotyledoneae)	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Poales	<b>Subclasse</b>	Commelinidae
<b>Espécie</b>	<i>Secale cereale</i>	<b>Família</b>	Gramineae (Poaceae)

<b>Tipo Fision�mico</b>	Ter�frito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Secale cereale</i>	<b>Nome Comum</b>	Centeio



<b>Distribui�o</b>	Este Rússia, Cáucaso, Oeste da Ásia e Paquistão; introduzido e naturalizado em muitas outras áreas.
<b>Habitat</b>	Ruderal, terrenos cultivados e incultos.
<b>Estatuto de Protec�o</b>	-
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.
<b>Flora�o</b>	Abril – Junho.
<b>Observa�es/comentários</b>	Cultivado para forragem e panifica�o.



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.022.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Coordenadas</b>	007°34'21,50" W 40°19'32,47" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Rosales	<b>Subclasse</b>	Rosidae
<b>Espécie</b>	<i>Sorbus aucuparia</i>	<b>Família</b>	Rosaceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Mesofanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Sorbus aucuparia</i>	<b>Nome Comum</b>	Tramazeira
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Europa, Ásia menor; Próximo Oriente, Islândia e Gronelândia.		
<b>Habitat</b>	Matos e matagais.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Rara.		
<b>Floração</b>	Maio.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



APOIO À VISITAÇÃO DO SÍTIO SERRA DA ESTRELA NO  
CONCELHO DE MANTEIGAS

ROTA DOS POIOS BRANCOS

INVENTARIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E REFERENCIAÇÃO  
CARTOGRÁFICA DE ELEMENTOS ECOLÓGICOS  
SIGNIFICATIVOS E DE PONTOS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO  
RELEVANTE NO CONCELHO DE MANTEIGAS

HABITATS

CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS



## ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA HABITATS

Rota dos Poios  
Branços

Código	Código do Habitat/ Habitat Subtipo		Habitat/ Habitat Subtipo
004.00	4030		<b>Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias</b>
004.01	4030	pt1	Tojais e urzais-tojais aero-halófilos mediterrânicos
004.02	4030	pt2	Tojais e urzais-tojais galaico-portugueses não litorais
004.03	4030	pt3	Urzais, urzais-tojais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais
006.00	4090		<b>Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas oromediterrânicas endémicas com giestas espinhosas</b>
007.00	5120		<b>Matos esclerófilos (Matos submediterrânicos e temperados) – Formações montanas de <i>Cytisus purgans</i></b>
008.00	6160		<b>Formações herbáceas naturais e seminaturais (Prados naturais) – Prados oro-ibéricos de <i>Festuca indigesta</i></b>
008.01	6160	pt1	Prados psicroxerófilos estrelenses
008.02	6160	pt2	Matos rasteiros acidófilos temperados e mediterrânicos
008.03	6160	pt3	Matos rasteiros silibasófilos
008.04	6160	pt4	Matos rasteiros de leitos de cheias rochosos de grandes rios
009.00	6220*		<b>Formações herbáceas naturais e semi-naturais (Formações herbáceas secas seminaturais e fâcies arbustivas) – Subestepes de Gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i></b>
009.01	6220*	pt1	Arrelvados anuais neutrobasófilos
009.02	6220*	pt2	Malhadais
009.03	6220*	pt3	Arrelvados vivazes neutrobasófilos de gramíneas altas
009.04	6220*	pt4	Arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas
009.05	6220*	pt5	Arrelvados vivazes silicícolas de <i>Brachypodium phoenicoides</i>



## ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA HABITATS

### Rota dos Poios Brancos

Código	Código do Habitat/ Habitat Subtipo		Habitat/ Habitat Subtipo
010.00	6230*		Formações herbáceas naturais e seminaturais (Prados naturais) – Formações herbáceas de <i>Nardus</i> , ricas em espécies, em substratos siliciosos das zonas montanas (e das zonas submontanas da Europa continental)
011.00	6410		Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos ( <i>Molinia caerulea</i> )
011.01	6410	pt1	Comunidades derivadas de <i>Molinia caerulea</i>
011.02	6410	pt2	Juncais acidófilos de <i>J. acutiflorus</i> , <i>J. conglomeratus</i> e/ou <i>Juncus effusus</i>
011.03	6410	pt3	Juncais acidófilos termófilos de <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i>
011.04	6410	pt4	Juncais de <i>Juncus valvatus</i>
012.00	6510		Formações herbáceas naturais e seminaturais (Prados mesófilos) – Prados de feno pobres de baixa altitude ( <i>Alopecurus pratensis</i> , <i>Sanguisorba officinalis</i> )
014.00	8130		Habitats rochosos e grutas (Depósitos de vertente rochosos) – Depósitos mediterrânicos ocidentais e termófilos
014.01	8130	pt1	Cascalheiras calcárias
014.02	8130	pt2	Cascalheiras siliciosas orófilas
014.03	8130	pt3	Cascalheiras siliciosas não orófilas
015.00	8220		Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica
015.01	8220	pt1	Afloramentos rochosos siliciosos com comunidades casmofíticas
015.02	8220	pt2	Biótopos de comunidades comofíticas
015.03	8220	pt3	Biótopos de comunidades comofíticas esciófilas ou de comunidades epifíticas
016.00	8230		Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Rochas siliciosas com vegetação pioneira da <i>Sedo-Scleranthion</i> ou da <i>Sedo albi-Veronicion dillenii</i>



## ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA HABITATS

Rota dos Poios  
Branços

Código	Código do Habitat/ Habitat Subtipo		Habitat/ Habitat Subtipo
016.01	8230	pt1	Tomilhais galaico-portugueses
016.02	8230	pt2	Comunidades estrelenses de <i>Sedum anglicum</i> subsp. <i>pyrenaicum</i>
016.03	8230	pt3	Comunidades derivadas de <i>Sedum sediforme</i> ou <i>Sedum album</i>
003.00	9260		<b>Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Florestas de <i>Castanea sativa</i></b>
003.01	9260	pt1	Castiçais abandonados
003.02	9260	pt2	Soutos antigos



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.001.00												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos														
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Habitat	Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias		4030												
Descrição Sucinta	Matos baixos, de elevado grau de cobertura, dominados por nanofanerófitos. Espécies mais frequentes pertencentes às famílias das ericáceas (gén. <i>Daboecia</i> , <i>Erica</i> e <i>Calluna</i> ), cistáceas (gén. <i>Halimium</i> , <i>Helianthemum</i> , <i>Tuberaria</i> e, pontualmente, <i>Cistus</i> ), leguminosas (gén. <i>Genista</i> , <i>Stauracanthus</i> , <i>Pterospartum</i> e <i>Ulex</i> ). Plantas características estritamente heliófilas, formadoras de húmus do tipo mor e adaptadas a ciclos curtos de recorrência do fogo. Solos derivados de rochas ácidas – pontualmente derivados calcários em territórios muito chuvosos (e.g. calcários estremenhos) – oligotróficos, ácidos, delgados (leptosolos), com um horizonte. Macrobioclima temperado ou mediterrânico com características oceânicas; andares termoclimáticos inferiores ao orotemperado (em Portugal); ombroclima pelo menos sub-húmido com um óptimo fitossociológico sob um ombroclima húmido a ultra-hiper-húmido. Mosaicos mais frequentes com prados anuais.														
Distribuição Geral	Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Itália, Irlanda, Portugal e Reino Unido.														
Habitat(s) Subtipo(s)	Tojais e urzais-tojais aero-halófilos mediterrânicos		4030pt1												
	Tojais e urzais-tojais galaico-portugueses não litorais		4030pt2												
	Urzais, urzais-tojais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais		4030pt3												
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>															
Designação			Anexo												
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.												
Directiva 92/43/CEE.			I.												
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação		Resiliência da Vegetação				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global			
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
		X			X				X		X				X
Estado de Conservação				Geralmente em bom estado de conservação.											
Observações/comentários				-											





FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.001.01
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
Habitat	Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias	4030	
Habitat Subtipo	Tojais e urzais-tojais aero-halófilos mediterrânicos **	4030pt1	
** Potencialmente existente			
Descrição Sucinta	Tojais e urzais-tojais aero-halófilos amoitados mediterrânicos dominados por <i>Ulex jussiaei</i> subsp. <i>congestus</i> . Próprios de plataformas rochosas litorais, com possível existência de escarpas sobranceiras. São interpretados como comunidades permanentes.		
Factores de Ameaça	Destruição física através da construção de infra-estruturas e habitações; pisoteio.		
Medidas de Conservação	Construção de passadiços; desvio do interesse dos visitantes; interdição à construção de habitações e de outras infra-estruturas.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.001.02
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
Habitat	Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias	4030	
Habitat Subtipo	Tojais e urzais-tojais galaico-portugueses não litorais **	4030pt2	
** Potencialmente existente			
Descrição Sucinta	Tojais e urzais-tojais mesófilos dominados por <i>Ulex europaeus</i> subsp. <i>latebracteatus</i> e/ou <i>U. minor</i> . Territórios graníticos termo-mesotemperados, húmidos a hiper-húmidos. Subseriais de bosques caducifólios de <i>Quercus robur</i> .		
Factores de Ameaça	À persistência e melhoria do habitat actual: progressão sucessional; plantas invasoras, sobretudo <i>Cortaderia selloana</i> , <i>Acacia dealbata</i> e <i>A. melanoxylon</i> ; destruição física do habitat através de arborizações e da construção de infraestruturas.		
Medidas de Conservação	Para a persistência e melhoria do habitat actual: controle de invasoras; bloqueio da progressão sucessional com fogo controlado com ciclos de recorrência que evitem a acumulação excessiva de combustível; manutenção da pastorícia extensiva de percurso.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.001.03
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias</b>	<b>4030</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Urzais, urzais-tojais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais **</b>	<b>4030pt3</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Urzais, urzais-tojais ou urzais-estevais mesófilos; Andares bioclimáticos termo, meso, ou supramediterrânicos, pontualmente meso-supratemperados, subhúmidos a hiper-húmidos.</p> <p>Composição florística variável; Subseriais de bosques acidófilos decíduos (classe <i>Quercus-Fagetea</i>, ou de bosques esclerófilos ou marchescentes [ordem <i>Quercetalia ilicis</i> (classe <i>Quercetea ilicis</i>), sobretudo de sobreirais (aliança <i>Quercion broteroi</i>, somente a Sul do sistema central.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Plantas invasoras, sobretudo a <i>Acacia de albata</i> , a <i>Melanoxylon</i> e <i>hackea sericea</i> ; aumento da severidade dos incêndios.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Controle de invasoras; bloqueio da progressão sucessional com fogo controlado com ciclos de recorrência que evitem a acumulação excessiva de combustível; manutenção da pastorícia extensiva de percurso.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.002.00												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos														
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Habitat	Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas oromediterrânicas endémicas com giestas espinhosas		4090												
Descrição Sucinta	<p>Comunidades arbustivas de baixo grau de cobertura.</p> <p>Dominância do <i>Echinopartum ibericum</i>, um arbusto espinhoso da tribo das <i>Cytiseae</i> (família das leguminosas), com fisionomia de almofada e raramente com mais de 0,5 m de altura. A caldoneira é tanto mais pequena, e reduzida a uma densa almofada, quanto mais alto e exposto ao vento for o seu habitat; as plantas das cotas mais elevadas da Serra da Estrela, onde o efeito da altitude e exposição é mais nítido, são incluídas por alguns autores na f. <i>pulviniformis</i>. Comunidade permanente. Frequentemente em mosaico com comunidades pioneiras de caméfitos (ricas em endemismos de distribuição restrita. Estritamente heliófila, própria de cristas rochosas e outros relevos convexos (“meios em fase de morfogénese”), particularmente expostos ao vento, com solos esqueléticos derivados de rochas ácidas leptossolos líticos); muitos dos biótopos de caldoneira culminam vales apertados onde as massas de ar são aceleradas pelo “efeito de Venturi”. Ótimo ecológico nos andares supramediterrânico ou supratemperado submediterrânico, sub-húmido a hiper-húmido, altitudes entre 700 m e os 1750 m, descendo ao horizonte superior do andar mesomediterrânico (&gt; ca. 500 m altitude) no canhão do rio Douro internacional.</p>														
Distribuição Geral	Espanha, França, Grécia, Itália e Portugal.														
Habitat(s) Subtipo(s)	Sem subtipos		-												
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS</b>															
Designação			Anexo												
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.												
Directiva 92/43/CEE.			I.												
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação			Resiliência da Vegetação				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global		
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X				X			X			X				X



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>HABITATS</b>	<b>N.002.00</b>
<b>Estado de Conservação</b>	Geralmente em bom estado de conservação.		
<b>Factores de Ameaça</b>	Pontualmente existem riscos de destruição física do habitat através de arborizações e da abertura ou alargamento de caminhos florestais, embora os biótopos de caldoneiral sejam extraordinariamente desfavoráveis para as árvores.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionamento de actividades que conduzam à destruição directa do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.003.00												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos														
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Habitat	Matos esclerófilos (Matos submediterrânicos e temperados) – Formações montanas de <i>Cytisus purgans</i>		5120												
Descrição Sucinta	<p>Matos baixos acidófilos, heliófilos, orófilos, até 2 m de altura. Dominados pelo <i>Cytisus oromediterraneus</i> (sin. <i>C. purgans</i> auct.), por vezes acompanhado por <i>Genista florida</i> subsp. <i>polygalaephylla</i>, muito raramente por <i>Genista cinerascens</i>; Dominância de <i>C. oromediterraneus</i> favorecida por um regime intenso de perturbação pelo fogo associado à pastorícia de percurso tradicional; Matos de elevada resiliência e resistência dada a escassez de diásporos de árvores climácicas e o regime de fogo a que está submetida a Serra da Estrela. Com frequência em mosaico com urzais-zimbrais e caldoneirais (comunidades de <i>Echinopartum ibericum</i> e/ou matos rasteiros acidófilos. Admite-se que maioritariamente sejam subseriais de carvalhais de <i>Quercus pyrenaica</i>; pontualmente, comunidades permanentes nas escarpas graníticas mais abrigadas, próximo do andar orotemperado. Horizonte superior do andar supramediterrânico hiper-húmido; muito pontual, e aparentemente em expansão, no andar orotemperado.</p>														
Distribuição Geral	Espanha, França e Portugal.														
Habitat(s) Subtipo(s)	Sem subtipos		-												
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS</b>															
Designação			Anexo												
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.												
Directiva 92/43/CEE.			I.												
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação		Resiliência da Vegetação				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global			
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X				X			X			X				X
<b>Estado de Conservação</b>				Geralmente em bom estado de conservação.											
<b>Factores de Ameaça</b>				À persistência e melhoria do habitat actual: progressão sucessional por redução da perturbação pelo fogo.											



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>HABITATS</b>	<b>N.003.00</b>
<b>Medidas de Conservação</b>	Bloqueio da progressão sucessional com fogo controlado; manutenção da pastorícia extensiva de percurso.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>HABITATS</b>		<b>N.004.00</b>											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		Rota dos Poios Brancos													
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Habitat</b>		Formações herbáceas naturais e seminaturais (Prados naturais) – Prados oro-ibéricos de <i>Festuca indigesta</i>		6160											
<b>Descrição Sucinta</b>		Comunidades xerófilas de baixo grau de cobertura. Dominância de pequenos arbustos (caméfitos) e hemcriptófitos cespitosos, muito deles da família das gramíneas. Pioneiras de solos esqueléticos ou de fendas de afloramentos rochosos, normalmente próximos da horizontalidade. Favorecidas por todos os tipos de perturbação (e.g. fogo e pastoreio) que desnudem o solo e facilitem o trabalho erosivo do vento e da chuva.													
<b>Distribuição Geral</b>		Espanha e Portugal.													
<b>Habitat(s) Subtipo(s)</b>		Prados psicroxerófilos estrelenses		6160pt1											
		Matos rasteiros acidófilos temperados e mediterrânicos		6160pt2											
		Matos rasteiros silibasófilos		6160pt3											
		Matos rasteiros de leitos de cheias rochosos de grandes rios		6160pt4											
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>															
<b>Designação</b>				<b>Anexo</b>											
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.				B-1.											
Directiva 92/43/CEE.				I.											
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação			Resiliência da Vegetação				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global		
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X				X			X				X			X
<b>Estado de Conservação</b>		Geralmente em bom estado de conservação.													
<b>Observações/comentários</b>		-													





FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.01
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>Habitat</b>	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Prados naturais) – Prados oro-ibéricos de <i>Festuca indigesta</i>	6160	
<b>CARACTERIZAÇÃO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> ** Potencialmente existente	Prados psicroxerófilos estrelenses **	6160pt1	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Dominância de <i>Minuartia recurva</i> subsp. <i>juressi</i> e de <i>Festuca summilusitana</i>.</p> <p>Comunidades permanentes psicroxerófilas. Afloramentos graníticos convexos do planalto orotemperado estrelense. Contactos catenais mais frequentes com os zimbrais orotemperados estrelenses e comos cervunais de <i>Festuca henriquesii</i>.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	À persistência e melhoria do habitat actual: progressão sucessional por redução da perturbação pelo fogo.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Para a persistência e melhoria do habitat actual: bloqueio da progressão sucessional com fogo controlado; manutenção da pastorícia extensiva de percurso.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.02
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat</b>	Formações herbáceas naturais e seminaturais ( Prados naturais) – Prados oro-ibéricos de <i>Festuca indigesta</i>	6160	
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	Matos rasteiros acidófilos temperados e mediterrânicos **	6160pt2	
<b>Descrição Sucinta</b>	Dominância de <i>Plantago radicata</i> , <i>Festuca summilusitana</i> , <i>Arenaria querioides</i> subsp. <i>querooides</i> e/ou <i>Minuartia recurva</i> . Comunidades supratemperadas submediterrânicas ou supramediterrânicas, pontualmente mesomediterrânicas. Normalmente subseriais de bosques de <i>Quercus pyrenaica</i> . Frequentemente em mosaico com comunidades plantas anuais (classe <i>Helianthemetea</i> ) ou arrelvadosvivazes de <i>Agrostis</i> sp. pl.		
<b>Factores de Ameaça</b>	Progressão sucessional.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Para a persistência e melhoria do habitat actual: bloqueio da progressão sucessional com fogo controlado; manutenção da pastorícia extensiva de percurso.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>HABITATS</b>	<b>N.004.03</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Formações herbáceas naturais e seminaturais (Prados naturais) – Prados oro-ibéricos de <i>Festuca indigesta</i></b>	<b>6160</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Matos rasteiros silibasófilos **</b>	<b>6160pt3</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Comunidades estritamente silibasófilas.</p> <p>Dominância de <i>Plantago radicata</i> e de um conjunto variável de endemismos serpentinícolas. Subseriais de azinhais edafófilos silibasófilos. Frequentemente em mosaico com comunidades de plantas anuais (classe <i>Helianthemetea</i>) ou arrelvados vivazes de <i>Agrostis</i> sp. pl.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	À persistência e melhoria do habitat actual: extracção de inertes; construção de habitações e infraestruturas; arborizações; progressão sucessional.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Proibição de arborizações e de novas extracções de inertes em rochas ultrabásicas. Condicionamento à construção de infraestruturas e habitações. Embora a progressão sucessional esteja em curso nos afloramentos ultrabásicos, no curto prazo não é necessária uma gestão activa deste habitat. Manutenção da pastorícia extensiva de percurso.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.04
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat</b>	Formações herbáceas naturais e seminaturais ( Prados naturais) – Prados oro-ibéricos de <i>Festuca indigesta</i>	6160	
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	Matos rasteiros de leitos de cheias rochosos de grandes rios**	6160pt4	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Comunidades permanentes.</p> <p>Dependência de um forte regime de perturbação cíclica pelas cheias invernais. Contactos catenais frequentes com diferentes etapas seriais de séries climatófilas ou edafoxerófilas e, em direcção ao talvegue, com diferentes tipos de vegetação higrófila. Mosaicos com diversos tipos de vegetação arbustiva entre aos quais as comunidades de buxo e de <i>Flueggea (Securinega) tinctoria</i>.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Destruição física do habitat e alteração do regime de perturbação natural de cheias e enxurradas com a construção de barragens e açudes.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Interdição dos empreendimentos hidráulicos que afectem o habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.00														
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>																	
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas																
Rota	Rota dos Poios Brancos																
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>																	
Habitat	Formações herbáceas naturais e semi-naturais (Formações herbáceas secas seminaturais e fâcies arbustivas) – Subestepes de Gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i>		6220*														
Descrição Sucinta	Arrelvados xerófilos de floração primaveril ou estival, dominados por gramíneas anuais e/ou vivazes de porte variável e submetidos a uma pressão variável de pastoreio. Solos oligo a mesotróficos, mais ou menos profundos (excepto subtipo 6220pt1).																
Distribuição Geral	Espanha, França, Grécia, Itália e Portugal.																
Habitat(s) Subtipo(s)	Arrelvados anuais neutrobasófilos		6220*pt1														
	Malhadais		6220*pt2														
	Arrelvados vivazes neutrobasófilos de gramíneas altas		6220*pt3														
	Arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas		6220*pt4														
	Arrelvados vivazes silicícolas de <i>Brachypodium phoenicoides</i>		6220*pt5														
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>																	
Designação			Anexo														
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.														
Directiva 92/43/CEE.			I.														
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>																	
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação		Resiliência da Vegetação			Valor Faunístico			Valor Ecológico Global						
Pouca	Diversidade	Diversidade	Muita	Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
			X				X			X			X				X
Estado de Conservação				Geralmente em bom estado de conservação.													
Observações/comentários				-													



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.01
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Formações herbáceas naturais e semi-naturais – Subestepes de Gramíneas e anuais da Thero-Brachypodietea</b>	<b>6220*</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Arrelvados anuais neutrobasófilos **</b>	<b>6220*pt1</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Arrelvados anuais primocolonizadores, heliófilos e efémeros, de elevada diversidade específica.</p> <p>Composição florística muito variável. Correspondem a etapas de substituição muito regressivas de bosques (climatófilos ou edafoxerófilos) perenifólios ou marchescientes da <i>Quercetea ilicis</i>. Normalmente, dispõem-se em mosaico com matos baixos matos neutrobasófilos da classe <i>Cisto-Lavanduletea</i> ou matos calcícolas da classe <i>Rosmarinetea</i> ou com arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas. Iniciam o seu ciclo biológico com as primeiras chuvas outonais, passam o Inverno sob a forma de plântulas e, consoante a duração das chuvas de Primavera, florescem e entram em senescência entre o início da Primavera e o início do Verão. Colonizam solos calcários argilosos ricos em carbonatos, assim como solos derivados de rochas máficas (e.g. anfibólitos) ou ultramáficas (serpentinias e peridotitos), normalmente delgados, de reacção neutra abásica, bem drenados e pobres em matéria orgânica. São favorecidos pelos mesmos padrões de perturbação que garantem a persistência de paisagens dominadas por matos baixos (i.e. matos neutrobasófilos e matos baixos calcícolas de <i>Rosmarinetea</i>. Pressões de pastoreio muito elevadas implicam a sua substituição, total ou parcial, por comunidades herbáceas nitrófilas e subnitrófilas de <i>Stellarietea mediae</i> ou por malhadais. A mobilização do solo também favorece a penetração das plantas de <i>Stellarietea mediae</i>. Andares termo a supramediterrânico (ainda que muito pontualmente possam ocorrer no termo e mesotemperado); ombroclima seco a húmido.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Expansão das formações arbustivas em detrimento das áreas de clareira como resultado da dinâmica sucessional; mobilização dos solos; pastoreio intensivo; construção de infraestruturas.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Gestão activa para a manutenção do habitat do uso do fogo controlado; manutenção da pastorícia extensiva de percurso; definição de áreas de exclusão à implementação de infraestruturas; condicionamento à mobilização dos solos, eventualmente através da contratualização com os proprietários.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.02
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Habitat</b>	Formações herbáceas naturais e semi-naturais – Subestepes de Gramíneas e anuais da Thero-Brachypodietea	6220*	
<b>Habitat Subtipo</b> ** Potencialmente existente	Malhadais **	6220*pt2	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Composição florística: Malhadais acidófilos: dominância de <i>Poa bulbosa</i>; presença frequente de <i>Astragalus cymbaecarpos</i>, <i>pelecinus</i> subsp. <i>pelecinus</i>, <i>Carex divisa</i>, <i>Chamaemelum nobile</i>, <i>Erodium</i> sp. pl., <i>Parentucellia latifolia</i>, <i>Trifolium gemellum</i>, <i>T. glomeratum</i>, <i>T. scabrum</i>, <i>T. subterraneum</i>, <i>T. tomentosum</i> e ainda de plantas características de prados anuais acidófilos (<i>Helianthemalia</i>, classe <i>Helianthemetea</i>): Malhadais neutrobásófilos: dominância de <i>Poa bulbosa</i> (nas pastagens mais bem conservadas); presença frequente de <i>Astragalus echinatus</i>, <i>A. sesameus</i>, <i>A. stella</i>, <i>Erodium</i> sp.pl., <i>Hyoseris scabra</i>, <i>Medicago</i> sp.pl., <i>Parentucellia latifolia</i>, <i>Plantago serraria</i>, <i>Trifolium tomentosum</i> e ainda de plantas características de arrelvados anuais neutrobásófilos; a taxa de produção de biomassa é máxima no Inverno e no início da Primavera, reduz-se praticamente a zero no início do Verão e é retomada com as primeiras chuvas outonais. Mosaicos frequentes com prados anuais (classe <i>Helianthemetea</i>), com comunidades subnitrófilas anuais de solos compactados pelo pisoteio (classe <i>Polygono-Poetea annuae</i>), como comunidades subnitrófilas anuais de <i>Brometalia rubenti-tectorum</i> (classe <i>Stellarietea mediae</i>) e com arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas (classe <i>Stipo giganteae-Agrostietea castellanae</i>). A sua persistência depende da manutenção de um pastoreio extensivo, sobretudo de ovinos, que deverá ser suspenso ou atenuado entre o final da Primavera e as primeiras chuvas outonais de modo a permitir a reprodução de algumas espécies anuais (e.g. <i>Trifolium subterraneum</i>). Necessitam de solos moderadamente compactados e com um horizonte superficial rico em matéria orgânica, tanto derivados de rochas ácidas como de rochas carbonatadas ou básicas. Andares termo a supramediterrânico; ombroclima seco a húmido.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Redução da pressão de pastoreio; bioindicadores: empobrecimento em <i>poa bulbosa</i> ; mobilização do solo; progressão sucessional.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Promoção da actividade pastoril, e.g.:limpeza de caminhos tradicionais; valorização dos produtos animais associados à pastorícia; políticas de apoio directo ao pastoreio; gestões de matos através de métodos que não perturbem o solo.		
<b>Observações/comentários</b>	Pese embora a sua origem antrópica os malhadais têm um elevado interesse para a conservação e, por conseguinte, deverá ser prioritária a sua valorização.		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.03
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>Habitat</b>	Formações herbáceas naturais e semi-naturais – Subestepes de Gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i>	6220*	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> ** Potencialmente existente	Arrelvados vivazes neutrobasófilos de gramíneas altas **	6220*pt3	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Arrelvados vivazes, heliófilos, xerófilos e neutrobasófilos, dominados por gramíneas de médio e grande porte profundamente enraizadas.</p> <p>Composição florística: dominância de <i>Brachypodium retusum</i>, <i>Hyparrhenia hirta</i>, <i>H. sinaica</i>, <i>Stipa lagascae</i>, <i>S. offneri</i> ou <i>S. tenacissima</i>; presença de <i>Eryngium dilatatum</i>, <i>Lathyrus clymenum</i>, <i>Leuzea conifera</i>, <i>Ophrys bombyliflora</i>, <i>O. dyris</i>, <i>O. lutea</i>, <i>O. tenthredinifera</i>, <i>Phlomis lychnitis</i>, <i>Serratula</i> sp. pl. O efeito da perturbação pelo fogo depende, genericamente, da profundidade do solo: a perturbação pelo fogo é tanto mais favorável quanto mais profundo for o solo; em solos delgados e/ou muito susceptíveis à erosão, os ciclos curtos de recorrência favorecem a sua substituição por prados anuais (<i>Helianthemetea</i>). Prosperam sobre solos argilosos (à excepção das comunidades de <i>S. lagascae</i> que são preferencialmente psamófilas), mais ou menos profundos, mesotróficos, sem fenómenos de hidromorfismo e frequentemente pedregosos à superfície. Representam etapas de substituição dos bosques e formações arbustivas da <i>Quercetea ilicis</i>. Andares termo a supramediterrânico; ombroclima semiárido a sub-húmido.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Progressão sucessional; destruição física do habitat através da construção de infraestruturas; redução do pastoreio extensivo; invasão por flora exótica		
<b>Medidas de Conservação</b>	Promoção da actividade pastoril; controlo de invasoras e gestão de matos; gestões de matos, através de métodos que não perturbem o solo; definição de áreas de exclusão à instalação e construção de infraestruturas.		
<b>Observações/comentários</b>	-		





FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.04
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>Habitat</b>	Formações herbáceas naturais e semi-naturais – Subestepes de Gramíneas e anuais da Thero-Brachypodietea	6220*	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> ** Potencialmente existente	Arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas **	6220*pt4	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Arrelvados vivazes, silicícolas, dominados por gramíneas heliófilas (à excepção da <i>Festuca elegans</i> que suporta a sombra dos bosques) de grande porte.</p> <p>Composição florística: dominância de <i>Arrhenatherum elatius</i> subsp. <i>baeticum</i>, <i>Agrostis castellana</i>, <i>Festuca elegans</i> e/ou <i>Stipa gigantea</i>; Presença em diferentes combinações de <i>Allium guttatum</i>, <i>Armeria beirana</i>, <i>A. gaditana</i>, <i>A. pinifolia</i>, <i>A. transmontana</i>, <i>Asphodelus bento-rainhae</i> subsp. <i>bento-rainhae</i>, <i>Centaurea paniculata</i>, <i>Dactylis hispanica</i>, <i>Elaeoselinum gummiferum</i>, <i>Euphorbia oxyphylla</i>, <i>Festuca ampla</i>, <i>F. paniculata</i>, <i>Gaudinia fragilis</i>, <i>Phalacrocarpon oppositifolium</i> subsp. <i>oppositifolium</i>, <i>Phalacrocarpon oppositifolium</i> subsp. <i>hoffmannseggi</i>, <i>Sanguisorba verrucosa</i>, <i>Serapias lingua</i>, <i>Thapsia minor</i>, <i>Thapsia villosa</i>. Subseriais dos bosques perenifólios (classe <i>Quercetea ilicis</i>) ou caducifólios de <i>Quercus pyrenaica</i> (classe <i>Querceto-Fagetalia</i> p.p.). Mosaicos frequentes com prados anuais silicícolas (<i>Helianthemalia</i>, classe <i>Helianthemetea</i>) e com giestais (classe <i>Cytisetetea scopario-striati</i>). Contactos catenais frequentes com prados vivazes higrófilos (classe <i>Molinio-Arrhenatheretea</i>; Efeito do fogo.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Progressão sucessional; invasão de exóticas; agricultura intensiva; redução do pastoreio extensivo.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Promoção da actividade pastoril, na área de ocupação a manter; controlo de invasoras; gestão selectiva de matos, através de métodos que não perturbe o solo.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.05
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Formações herbáceas naturais e semi-naturais (Formações herbáceas secas seminaturais e fâcies arbustivas) – Substepes de Gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i></b>	<b>6220*</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Arrelvados vivazes silicícolas de <i>Brachypodium phoenicoides</i>**</b>	<b>6220*pt5</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Arrelvados vivazes, silicícolas, heliófilos, densos, dominados por <i>Brachypodium phoenicoides</i>.</p> <p>Dominados por <i>Brachypodium phoenicoides</i>, espécie frequentemente acompanhada por <i>Dactylis glomerata</i> subsp. <i>lusitanica</i> e <i>Pseudoarrhenatherum longifolium</i>.</p> <p>Subseriais de bosques perenifólios da <i>Quercetalia ilicis</i>.</p> <p>Prosperam em solos profundos, mesotróficos, mais ou menos bem estruturados.</p> <p>Andares termo a mesomediterrânico; ombroclima sub-húmido a húmido.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Destruição física do habitat através da construção de infraestruturas; progressão sucessional; redução do pastoreio extensivo; invasão por flora exótica.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Promoção da actividade pastoril, na área de ocupação a manter; controlo de invasoras; controlo de matos, através de métodos que não perturbem o solo; fogo controlado; definição de áreas de exclusão à implementação de infraestruturas.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>	<b>HABITATS</b>	<b>N.006.00</b>
--------------------------	-----------------	-----------------

### CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO

<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>

### CARACTERIZAÇÃO GERAL

<b>Habitat</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Formações herbáceas naturais e seminaturais (Formações herbáceas secas seminaturais e fâcies arbustivas) – Formações herbáceas de <i>Nardus</i>, ricas em espécies, em substratos silicosos das zonas montanas (e das zonas submontanas da Europa continental) **</b>	<b>6230*</b>
<b>Descrição Sucinta</b>	Comunidades herbáceas perenes, densas e cespitosas. Dominância da gramínea <i>Nardus stricta</i> (cervum), acompanhada por um número variável de espécies características de <i>Nardetea</i> (vd. Bioindicadores) e, a menor altitude e sob a influência do pastoreio de bovinos, de numerosas espécies de pastagens meso-higrófilas (classe <i>Molinio-Arrhenatheretea</i> ) raramente meso-xerófilas (classe <i>Stipo-Agrostietea castellanae</i> ). Os cervunais do andar superior da serra da Estrela (orotemperado) são interpretados como comunidades permanentes; a restante maioria são subseriais de bosques higrófilos mistos de <i>Betula celtiberica</i> e <i>Quercus pyrenaica</i> e/ou <i>Q. robur</i> ou de bosques climatófilos de <i>B. celtiberica</i> (ou <i>B. carpatica</i> ). A persistência dos cervunais subseriais depende das pulsações de elevada perturbação por herbivoria entre a Primavera e o Verão e/ou da fenação. A dominância quase absoluta do <i>Nardus stricta</i> nos cervunais subseriais da serra da Estrela é, muito provavelmente, o resultado de uma longa história de herbivoria com ovinos. Ocupam solos profundos, oligotróficos, com elevados teores de matéria orgânica, encharcados durante uma parte significativa do ano e hidricamente compensados no estio (água com origem no escoamento superficial ou subsuperficial ou ainda devida ao degelo da neve acumulada). Frequentes em condições planálticas sobre umbrissolos, regossolos úmbricos ou solos com propriedades hidromórficas (gleissolos); no horizonte superior dos andares supratemperado e supramediterrânico podem ainda desenvolver-se na base de encostas e planuras adjacentes em solos derivados de coluviões ou depósitos de encosta, sempre próximo de cabeceiras planálticas.	
<b>Distribuição Geral</b>	Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Irlanda, Itália, Holanda, Portugal e Reino Unido.	
<b>Habitat(s) Subtipo(s)</b>	<b>Sem subtipos</b>	-

### INSTRUMENTOS LEGAIS

<b>Designação</b>	<b>Anexo</b>
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.	B-1.
Directiva 92/43/CEE.	I.

### CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA

Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação			Resiliência da Vegetação				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global		
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X				X			X			X				X



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>HABITATS</b>	<b>N.006.00</b>
<b>Estado de Conservação</b>	Geralmente em bom estado de conservação.		
<b>Factores de Ameaça</b>	Regressão da pastorícia invasão por arbustivas; destruição física do habitat; eutrofização, sobretudo através do uso de adubos azotados e/ou de correctivos calcários		
<b>Medidas de Conservação</b>	Promoção da actividade pastoril; gestão activa dos cervunais; uso parcimonioso do sal nas vias públicas, durante o inverno; eliminação das ameaças de destruição física do habitat; concentração espacial do turismo; condicionamento à abertura e ao alargamento de estradas e caminhos; limpeza de resíduos resultantes da actividade turística; reforço da fiscalização sobre a deposição de resíduos; reintrodução de espécies indígenas de herbívoros actualmente extintas; introdução do pastoreio com bovinos nos cervunais subseriais serranos.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.007.00														
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>																	
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas																
Rota	Rota dos Poios Brancos																
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>																	
Habitat	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos ( <i>Molinion caeruleae</i> )		6410														
Descrição Sucinta	Juncais higrófilos, não nitrófilos e não halófilos de <i>Juncus acutiflorus</i> , <i>J. effusus</i> , <i>J. rugosus</i> , <i>J. valvatus</i> ou <i>J. valvatus</i> ou prados dominados por <i>Molinia caerulea</i> . Em ambos os casos, comunidades de solos espessos, permanentemente húmidos, quando não encharcados com água estagnada e com evidências gleização no perfil do solo.																
Distribuição Geral	Atlântica: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Irlanda, Itália, Portugal e Reino Unido.																
Habitat(s) Subtipo(s)	Comunidades derivadas de <i>Molinia caerulea</i>		6410pt1														
	Juncais acidófilos de <i>J. acutiflorus</i> , <i>J. conglomeratus</i> e/ou <i>Juncus effusus</i>		6410pt2														
	Juncais acidófilos termófilos de <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i>		6410pt3														
	Juncais de <i>Juncus valvatus</i>		6410pt4														
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>																	
Designação			Anexo														
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.														
Directiva 92/43/CEE.			I.														
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>																	
Diversidade Florística				Grau de Equilíbrio da Vegetação				Resiliência da Vegetação				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global		
Pouca	Diversidade	Diversidade	Muita	Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
			X			X				X				X		X	
Estado de Conservação				Muito variável.													
Observações/comentários				-													



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.007.01
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos (<i>Molinion caeruleae</i>)</b>	<b>6410</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Comunidades derivadas de <i>Molinia caerulea</i> **</b>	<b>6410pt1</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Comunidades derivadas herbáceas perenes dominadas pela graminea cespitosa <i>Molinia caerulea</i>.</p> <p>A <i>Molinia caerulea</i> está particularmente adaptada a solos espessos com elevados teores em matéria orgânica sujeita a uma rápida mineralização, causada por uma transição rápida de condições redutoras (anóxia) para condições oxidantes (arejamento do solo).</p> <p>São comuns nestas comunidades espécies como <i>Peucedanum lancifolium</i>, <i>Gentiana pneumonanthe</i>, <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>acutiflorus</i>, <i>Cirsium palustre</i> e <i>Angelica sylvestris</i>.</p> <p>As comunidades em causa são usualmente subseriais de amieais pantanosos (habitat 91E0) com solos profundos (aluviossolos antigos e solos hidromórficos) submetidos a curtos períodos de encharcamento, nos quais o amieiro (<i>Alnus glutinosa</i>) é acompanhado por carvalho-alvarinho (<i>Quercus robur</i>).</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Drenagem; eutrofização da água a montante; perturbação excessiva pelo pastoreio.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Interdição à drenagem; controlo de despejo de efluentes não tratados; reforço da qualidade e da extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais; condicionamento do pastoreio; conservação dos amieais palustres associados a este habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.007.02
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>Habitat</b>	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos ( <i>Molinion caeruleae</i> )	6410	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> ** Potencialmente existente	Juncais acidófilos de <i>J. acutiflorus</i> , <i>J. conglomeratus</i> e/ou <i>Juncus effusus</i> **	6410pt2	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Prados-juncais e juncais dominados por <i>J. acutiflorus</i>, <i>J. conglomeratus</i> e/ou <i>Juncus effusus</i>.</p> <p>Presença frequente de: espécies características de turfeiras em solos mal drenados, nos territórios temperados mais elevados e chuvosos; plantas pratenses nos juncais menos húmidos e mais pastados.</p> <p>Ocupam solos profundos sempre húmidos, encharcados durante a maior parte do ano, frequentemente com sinais de hidromorfia (gleissolos), meso-oligotróficos, derivados de rochas ácidas (pontualmente básicas).</p> <p>São raramente fertilizados; quando situados na vizinhança de lameiros meso-higrófilos são segados para feno e, apesar de serem dominados por espécies de baixa palatabilidade, são extensivamente pastados.</p> <p>Estes juncais normalmente são subseriais de bosques edafo-higrófilos ou ripícolas (amiais ripícolas ou bidoais-salgueirais, habitat 91E0).</p> <p>Mosaicos frequentes com juncais glaucos nitrófilos (<i>Paspalo-Heleochoetalia</i>, classe <i>Molinio-Arrhenatheretea</i>), com comunidades de lameiros meso-higrófilos (inc. habitat 6510), comunidades pioneiras higrónitrófilas de leitos de cheias (classe <i>Bidentetea</i>), amiais ripícolas (habitat 91E0), turfeiras (habitat 7140).</p> <p>Mais abundantes nos andares mesotemperado, supratemperado e supramediterrânico, sub-húmido a hiper-húmido; progressivamente mais raros à medida que se desce no andar mesomediterrânico. Nos territórios mediterrânicos mais secos e quentes, sobretudo na vizinhança de linhas de água temporárias, são substituídos por juncais mediterrânicos da aliança <i>Molinio-Hosloschoenion</i> (classe <i>Molinio-Arrhenatheretea</i>, habitat 6420).</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Drenagem; redução da perturbação por pastoreio, fenação ou roça; perturbação excessiva pelo pastoreio; eutrofização da água a montante.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionamento dos trabalhos de drenagem; controlo por fenação ou roça mecânica de espécies arbustivas e arbóreas (o fogo tem também um efeito favorável na redução do grau de cobertura das espécies arbustivas e arbóreas mas o impacto do seu uso a longo prazo não está avaliado); condicionamento do pastoreio, orientado para a manutenção do pastoreio extensivo; controlo de despejo de efluentes não tratados; reforço da qualidade e da extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.007.03
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>Habitat</b>	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos ( <i>Molinia caeruleae</i> )	6410	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> ** Potencialmente existente	Juncais acidófilos termófilos de <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i> **	6410pt3	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Prados-juncais e juncais termomediterrânicos com <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i>. São dominados, consoante as fitocenoses, por diferentes combinações dos seguintes taxa: <i>Cirsium palustre</i>, <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i>, <i>Juncus effusus</i>, <i>Lotus pedunculatus</i>, <i>Molinia caerulea</i> subsp. <i>arundinacea</i>.</p> <p>Ocorrem em arrozais abandonados; solos turfosos encharcados durante todo o ano e submetidos a anóxia intensa; em solos arenosos não orgânicos oligotróficos, hidromórficos profundos, com horizonte <i>pseudogley</i> ou <i>gley</i> em profundidade e com água estagnada quase permanente.</p> <p>Estes prados-juncais e juncais são subseriais de freixiais termófilos (habitat 91B0), salgueirais arbóreos psamófilos de <i>Salix atrocinerea</i> (habitat 92A0), de salgueirais paludosos (habitat 91E0) e, mais raramente, de amiais ripícolas (habitat 91E0).</p> <p>Nos mosaicos de vegetação de que fazem parte podem surgir: juncais mediterrânicos de <i>Juncus maritimus</i> <i>el</i> ou <i>J. acutus</i> (<i>Holoschoenetalia</i>, habitat 6420), urzais-tojais higrófilos (habitat 4020), comunidades de turfeiras baixas (habitats 7140 e 7150) e comunidades de <i>Utricularia</i> sp.pl. (habitat 3160).</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Drenagem; cultivo de arrozais; perturbação excessiva pelo pastoreio; eutrofização da água a montante.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionamento da drenagem; condicionamento do cultivo do arroz na área de ocupação actual do habitat; condicionamento do pastoreio, orientado para a manutenção de um pastoreio extensivo; controlo de despejo de efluentes não tratados; reforço da qualidade e da extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais; conservação dos <i>microgeosimeta</i> turfófilos.		
<b>Observações/comentários</b>	-		





FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.007.04
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
Habitat	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos ( <i>Molinion caeruleae</i> )	6410	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
Habitat Subtipo ** Potencialmente existente	Juncais de <i>Juncus valvatus</i>		6410pt4
Descrição Sucinta	<p>Juncais mesotróficos de <i>Juncus valvatus</i> de solos encharcados derivados de calcários dolomíticos.</p> <p>O endemismo lusitano <i>J. valvatus</i> é o <i>taxon</i> diferenciador destas comunidades, sendo ainda frequente a presença de <i>Carex flacca</i>, <i>Phleum bertolonii</i> e <i>Oenanthe fistulosa</i>; o <i>J. acutiflorus</i> subsp. <i>acutiflorus</i> está geralmente presente, chegando a ser dominante.</p> <p>Geralmente estas comunidades ocupam pequenas depressões mal drenadas, muitas vezes de formação recente (e.g. um sulco aberto num caminho argiloso que por compactação se tornou impermeável é suficiente para o seu estabelecimento), situadas na base de encosta e abastecidas em água a partir de superfícies de escorrência vizinhas. As comunidades de <i>J. valvatus</i> surgem por vezes também a meia encosta, em pequenas surgências estacionais onde a água flui lentamente numa fina camada.</p> <p>Estas comunidades desenvolvem-se em ambiente de <i>Arisaro-Querceto broteroi</i> S.. Frequentemente, dispõem-se em mosaico com as comunidades de <i>Brachypodium phoenicoidis</i>. Podem contactar ainda com formações da <i>Molinio-Arrenatheretea</i>, designadamente da <i>Plantaginetaia majoris</i> sempre que há pastoreio, e com formações da <i>Isoeto-Nanojuncetea</i>, designadamente da aliança <i>Cicendion</i>, na margem temporariamente encharcada da depressão onde se forma o juncal.</p> <p>Ocorrem em solos derivados de substratos básicos, no entanto as condições de baixos potenciais redox e a quelatização do cálcio e magnésio pelos ácidos húmicos permitem uma reacção ácida no meio e a acumulação de matéria orgânica.</p>		
Factores de Ameaça	Impermeabilização dos caminhos rurais, através do uso de materiais como o betão ou o alcatrão, em detrimento da compactação; impermeabilização de bermas, valetas e valas de drenagem através do uso de materiais como o betão ou o alcatrão; aprofundamento de bermas, valetas e valas de drenagem.		
Medidas de Conservação	Condicionar a impermeabilização de caminhos rurais; condicionar a impermeabilização e o aprofundamento das bermas, valetas e valas de drenagem que os marginam.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.008.00	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>				
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas			
Rota	Rota dos Poios Brancos			
<b>CARACTERIZA�O GERAL</b>				
Habitat	Forma�es herbáceas naturais e seminaturais (Prados mesófilos) – Prados de feno pobres de baixa altitude ( <i>Alopecurus pratensis</i> , <i>Sanguisorba officinalis</i> )		6510	
Descri�o Sucinta	<p>Prados com <i>Arrhenatherum elatius</i> subsp. <i>bulbosum</i> dominados por esta espécie ou por <i>Agrostis castellana</i>, <i>A. capillaris</i>, <i>A. x fouilladei</i> (<i>A. castellana</i> x <i>A. capillaris</i>), <i>Festuca nigrescens</i> ou <i>F. rothmaleri</i>.</p> <p>Elenco flor�stico muito variável: nas áreas de menor altitude, e/ou mais secas, s�o frequentes plantas anuais e elementos perenesn mesoxer�filos (e.g. <i>Agrostis castellana</i>, <i>Galium verum</i> e <i>Trifolium dubium</i>); nas áreas temperadas submediterr�nicas, e/ou a maior altitude, desaparecem as plantas anuais e abundam espécies meso-higrófilas (e.g. <i>Agrostis capillaris</i>, <i>Holcus lanatus</i>, etc.); se emersos numa matriz de bosque, são frequentes plantas com flores ou inflorescências de grande dimensão da classe <i>Trifolio-Geranieatea</i> (e.g. <i>Ornithogalum orthophyllum</i> subsp. <i>baeticum</i> e <i>Paradisea lusitanica</i>).</p> <p>Usualmente subseriais de bosques climatófilos, tanto como perenifólios (sobretudo sobreirais sobre solos profundos, por vezes algo hidricamente compensados).</p> <p>Dispõem-se em mosaico com outras comunidades pratenses: nos solos mais húmidos contactam com prados de pasto e feno (aliança <i>Cynosurion</i>) ou juncais (<i>Juncion acutiflori</i>) (habitat 6410); nos solos mais secos em territórios mediterrânicos contactam com lameiros de secadal (<i>Agrostion castellanae</i>) nas cotas mais altas são frequentes os contactos com cervunais.</p> <p>Mais frequentes no andar supramediterrânico, sub-húmido a húmido, progressivamente mais raros � medida que se desce no andar mesomediterrânico.</p> <p>Exigem solos profundos, bem drenados, de trofia variável, derivados de rochas ácidas (pontualmente básicas).</p> <p>São prados raramente fertilizados, beneficiados pela proximidade das árvores, anualmente segados para feno, não pastoreados ou fechados ao pastoreio logo no início da Primavera.</p>			
Distribui�o Geral	Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália Portugal e Reino Unido.			
Habitat(s) Subtipo(s)	Sem subtipos	-		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS</b>				
Designa�o			Anexo	
Decreto-Lei n� 140/99 de 24 de Abril.			B-1.	
Directiva 92/43/CEE.			I.	
<b>CARACTERIZA�O ESPECÍFICA</b>				
Diversidade Florística	Grau de Equilíbrio da Vegeta�o	Resiliência da Vegeta�o	Valor Faunístico	Valor Ecológico Global



FICHA DE ECOLOGIA				HABITATS								N.008.00			
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X				X			X			X			X	
<b>Estado de Conservação</b>				Genericamente, o estado de conservação dos lameiros está a evoluir de forma negativa.											
<b>Factores de Ameaça</b>				As ameaças mais relevantes, por ordem de importância, à conservação da estrutura e funções dos lameiros de feno são as seguintes: abandono (fim de fenação); manejo descuidado; substituição da fenação por silagem; plantação de árvores; uso de fertilizantes; substituição por outras culturas agrícolas; alargamento do período de pastoreio primaveril.											
<b>Medidas de Conservação</b>				Nos lameiros as medidas de gestão têm efeitos muito diversos nos serviços prestados por este habitat e existem <i>trade-offs</i> complexos entre diferentes efeitos a diferentes escalas temporais, e.g.: muitas das medidas tendentes a aumentar produtividade podem ter um efeito perverso na $\alpha$ -diversidade e nas populações de espécies raras, no entanto, uma redução da produtividade pode-se pagar com um mais rápido abandono.											
<b>Observações/comentários</b>				-											



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.009.00	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>				
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas			
Rota	Rota dos Poios Brancos			
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>				
Habitat	Habitats rochosos e grutas (Depósitos de vertente rochosos) – Depósitos mediterrânicos ocidentais e termófilos		8130	
Descrição Sucinta	<p>Depósitos não consolidados de fragmentos rochosos de forma e dimensão diversas, de litologia e mobilidade variáveis, normalmente localizados em pendentes de inclinação moderada a forte. Nestes depósitos os fragmentos rochosos de maiores dimensões têm tendência a acumular-se na base das pendentes, enquanto que os de menores dimensões são mais frequentes no topo.</p> <p>A mobilidade dos fragmentos rochosos é condicionada por factores como o arrastamento pela água, o efeito mecânico da chuva, a alternância de gelo e degelo e a acção humana (e.g. desestabilização através da construção ou alargamento de estradas ou da destruição da vegetação).</p> <p>A gelifracção foi o processo mais determinante na génese das cascalheiras portuguesas.</p> <p>A instabilidade do substrato, a frequente ausência de solo à superfície e as enormes variações sazonais e diurnas da temperatura fazem das cascalheiras habitats muito desfavoráveis e selectivos para a vida vegetal.</p> <p>Em Portugal somente nas cascalheiras orófilas da Serra da Estrela se configuram comunidades vasculares especializadas, i.e. com espécies características da classe <i>Thlaspietea rotundifolii</i> (8130pt2).</p> <p>A vegetação líquénica e briofítica assumem uma enorme importância neste habitat.</p>			
Distribuição Geral	Espanha, França, Itália e Portugal.			
Habitat(s) Subtipo(s)	Cascalheiras calcárias	8130pt1		
	Cascalheiras siliciosas orófilas	8130pt2		
	Cascalheiras siliciosas não orófilas	8130pt3		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS</b>				
Designação			Anexo	
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.	
Directiva 92/43/CEE.			I.	
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>				
Diversidade Florística	Grau de Equilíbrio da Vegetação	Resiliência da Vegetação	Valor Faunístico	Valor Ecológico Global



FICHA DE ECOLOGIA											HABITATS		N.009.00		
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X							X				X			X
<b>Estado de Conservação</b>				Geralmente em bom estado de conservação.											
<b>Observações/comentários</b>				-											

<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>HABITATS</b>	<b>N.009.01</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitats</b>			
<b>Habitat</b>	<b>Habitats rochosos e grutas (Depósitos de vertente rochosos) – Depósitos mediterrânicos ocidentais e termófilos</b>	<b>8130</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Cascalheiras calcárias</b>	<b>8130pt1</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	Não colonizadas por vegetação vascular devido à instabilidade do substrato e à ausência de solo à superfície que permita a germinação de sementes e posterior colonização.		
<b>Factores de Ameaça</b>			
	Desestabilização antrópica das cascalheiras (e.g. construção ou alargamento de estradas e caminhos na base das cascalheiras); destruição directa do habitat, nomeadamente através de: exploração de inertes; construções; aterros; abertura de estradas.		
<b>Medidas de Conservação</b>			
	Interdição de actividades que impliquem a destruição directa do habitat; interdição de actividades que conduzam à desestabilização das cascalheiras.		
<b>Observações/comentários</b>			
	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.009.02
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota dos Poios Brancos		
Habitat	Habitats rochosos e grutas (Depósitos de vertente rochosos) – Depósitos mediterrânicos ocidentais e termófilos	8130	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
Habitat Subtipo <small>** Potencialmente existente</small>	Cascalheiras siliciosas orófilas **		8130pt2
Descrição Sucinta	<p>Cascalheiras graníticas supratemperadas a orotemperadas de corologia estrelense.</p> <p>•As plantas vasculares mais frequentes nestas cascalheiras são perenes, frequentemente estolhosas, rizomatosas ou providas de um sistema radicular longo profundante ou paralelo à superfície do solo. Em termos fitossociológicos são consideradas como características da classe <i>Thlaspietea rotundifolii</i>, e.g.: <i>Arrhenatherum elatius</i> subsp. <i>carpetanus</i>, <i>Coincya monensis</i> subsp. <i>orophila</i>, <i>Digitalis purpurea</i> subsp. <i>carpetana</i>, <i>Doronicum carpetanum</i>, <i>Dryopteris expansa</i>, <i>D. oreades</i>, <i>Eryngium duriaei</i> subsp. <i>duriaei</i>, <i>Lactuca viminea</i> subsp. <i>viminea</i>, <i>Leontodon hispidus</i> subsp. <i>bourgaeanus</i>, <i>Linaria saxatilis</i> subsp. <i>saxatilis</i>, <i>Paronychia polygonifolia</i>, <i>Phalacrocarpum oppositifolium</i> subsp. <i>oppositifolium</i>, <i>Reseda gredensis</i>, <i>Rumex suffruticosus</i>, <i>Scophularia herminii</i>, <i>Senecio pyrenaicus</i> subsp. <i>caespitosus</i>, <i>Silene foetida</i> subsp. <i>foetida</i>, <i>Solidago virgaurea</i> subsp. <i>fallit-tirones</i>, <i>Trisetaria hispida</i>.</p> <p>Nas cascalheiras são ainda frequentes elementos florísticos de cervunal (vd. habitat 6230 "Formações herbáceas de <i>Nardus</i>, ricas em espécies, em substratos siliciosos das zonas montanas (e das zonassubmontanas da Europa continental)") e de prados psicroxerófilos (habitat 6160 "Prados oro-ibéricos de <i>Festuca indigesta</i>").</p> <p>Nas cascalheiras siliciosas orófilas foram identificadas três fitocenoses de <i>Thlaspietea rotundifolii</i> com distintas exigências no que respeita ao abastecimento em água e à mobilidade e dimensão dos fragmentos rochosos.</p> <p>Na Serra da Estrela a vegetação de <i>Thlaspietea rotundifolii</i> pode ainda, pontualmente, surgir em moreias e caos de blocos, devendo estes habitats ser também interpretados no âmbito deste subtipo.</p>		
Factores de Ameaça	Desestabilização antrópica das cascalheiras, nomeadamente através de: construção ou alargamento de estradas e caminhos; construção ou instalação de canais e sistemas de condutas de barragens na base das cascalheiras.		
Medidas de Conservação	Manutenção da área de ocupação; manutenção do estado de conservação; Interdição de actividades que conduzam à desestabilização das cascalheiras.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.009.03
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Habitats rochosos e grutas (Depósitos de vertente rochosos) – Depósitos mediterrânicos ocidentais e termófilos</b>	<b>8130</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Cascalheiras siliciosas não orófilas **</b>	<b>8130pt3</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Cascalheiras de meia encosta, de mobilidade variável, normalmente contíguas a relevos de resistência (e.g., cabeços quartzíticos).</p> <p>Estas cascalheiras têm uma vegetação esparsa, incaracterística e variável, onde se mesclam comófitos não nitrófilos (características da classe <i>Phagnalo-Rumicetea indurati</i>), comófitos nitrófilos (características da classe <i>Parietarietea</i>), plantas anuais não nitrófilas (características da classe <i>Helianthemetea guttatae</i>, vd. habitat 6220), herbáceas perenes mesoxerófilas (classe <i>Stipo-Agrostietea castellanae</i>, vd. habitat 6220), plantas anuais escionitrófilas (características da classe <i>Cardamino hirsutae-Geranietea purpurei</i>), plantas anuais nitrófilas (características da classe <i>Stellarietea mediae</i>) e casmófitos da classe <i>Asplenietea trichomanis</i> (habitat 8220). A abundância de plantas nitrófilas explicase pelo facto das cascalheiras serem um excelente refúgio para animais e de facilmente acumularem folhas mortas e outros detritos. Têm uma distribuição meso-supramediterrânica.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Desestabilização antrópica das cascalheiras (e.g. construção ou alargamento de estradas e caminhos na base das cascalheiras).; destruição directa do habitat, nomeadamente através de: exploração de inertes; construções; aterros; abertura de estradas.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Interdição de actividades que impliquem a destruição directa do habitat; interdição de actividades que conduzam à desestabilização das cascalheiras.		
<b>Observações/comentários</b>	-		





FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.009.00												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos														
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Habitat	Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica		8220												
Descrição Sucinta	Afloramentos de rochas siliciosas, mais ou menos escarpados, percorridos por uma rede complexa de fendas terrosas ou não, com ou sem acumulações terrosas em plataformas rochosas, colonizados por vegetação vascular rupícola, i.e. casmofítica e/ou comofítica, especializada. Incluem-se ainda neste habitat taludes terrosos e muros colonizados por vegetação vascular comofítica especializada e os biótopos de vegetação epifítica. As comunidades rupícolas e epifíticas são pobres em espécies vasculares (baixa $\alpha$ diversidade) no entanto, sobretudo no âmbito da classe <i>Asplenietea trichomanis</i> , são ricas em endemismos ou plantas raras de distribuição restrita. Os musgos e os líquenes constituem elementos importantes das fitocenoses rupícolas (com excepção das comunidades pertencentes à classe <i>Phagnalo-Rumicetea indurati</i> ) e epifíticas, em muitos casos com um elevado nível de endemismo.														
Distribuição Geral	Espanha, França, Irlanda, Itália, Portugal e Reino Unido.														
Habitat(s) Subtipo(s)	Afloramentos rochosos siliciosos com comunidades casmofíticas		8220pt1												
	Biótopos de comunidades comofíticas		8220pt2												
	Biótopos de comunidades comofíticas esciófilas ou de comunidades epifíticas		8220pt3												
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>															
Designação			Anexo												
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.												
Directiva 92/43/CEE.			I.												
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação			Resiliência da Vegetação			Valor Faunístico			Valor Ecológico Global			
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X				X			X			X				X



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>HABITATS</b>	<b>N.009.00</b>
<b>Estado de Conservação</b>	Geralmente em bom estado de conservação.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.009.01
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica</b>	<b>8220</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>**Potencialmente existente</small>	<b>Afloramentos rochosos siliciosos com comunidades casmofíticas *</b>	<b>8220pt1</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Afloramentos rochosos siliciosos, ácidos a ultrabásicos, fissurados e colonizados por comunidades casmofíticas.</p> <p>Estas comunidades têm um escasso grau de cobertura e uma composição florística muito variável. Bioindicadores) onde se destaca a presença frequente de relíquias paleotropicalis xéricas (e.g. <i>Cheilanthes</i> sp.pl., <i>Notholaena marantae</i>, <i>Cosentinia vellea</i>) e de alguns endemismos (<i>Silene acutifolia</i>). Andares termo a supramediterrânico, atingindo o andar orotemperado na Serra da Estrela (<i>Saxifragion willkommiana</i>); ombroclima seco a hiper-húmido.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Destruição directa do habitat, nomeadamente através de: construções; aterros; abertura ou alargamento de estradas; exploração de inertes; arborização.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionar alterações ao uso do solo na área de ocupação, nomeadamente: abertura ou alargamento de vias e caminhos; aterros; construção; exploração de inertes; arborização.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.009.02
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica</b>	<b>8220</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>**Potencialmente existente</small>	<b>Biótopos de comunidades comofíticas **</b>	<b>8220pt2</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Afloramentos rochosos siliciosos com grandes fissuras terrosas, taludes ou plataformas rochosas com uma camada delgada de solo colonizados por comunidades rupícolas comofíticas, tendencialmente esciófilas.</p> <p>Caracterizam-se pela dominância de <i>Saxifraga fragosoi</i> (= <i>S. continentalis</i>), <i>taxon</i> que surge acompanhado por um número variável de espécies, e.g. <i>Antirrhinum meonanthum</i>, <i>Phalacrocarpum oppositifolium</i> subsp. <i>hoffmannseggii</i>, <i>P. oppositifolium</i> subsp. <i>oppositifolium</i> e <i>Sedum hirsutum</i>. Andares (meso)supramediterrânico e meso ou supratemperado; ombroclima sub-húmido a hiper-húmido.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Destrução directa do habitat, nomeadamente através de: construções; aterros; abertura ou alargamento de vias de comunicação; exploração de inertes; arborização. Invasão por neófitos, e.g. <i>Erigeron karvinskianus</i> .		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionar alterações ao uso do solo na área de ocupação, nomeadamente: abertura ou alargamento de vias e caminhos; aterros; construção; exploração de inertes; arborização. Controle da invasão por exóticas		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.009.03
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica</b>	<b>8220</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>**Potencialmente existente</small>	<b>Biótopos de comunidades comofíticas esciófilas ou de comunidades epifíticas **</b>	<b>8220pt3</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Afloramentos rochosos siliciosos, muros e taludes com comunidades comofíticas ombrófilas, ricas em fetos, briófitos e algumas plantas com flor. São ainda incluídos neste subtipo os biótopos de comunidades epifíticas de <i>Anomodonto-Polypodieta</i>.</p> <p>Apresentam o seu óptimo ecológico em territórios chuvosos (temperados e mediterrânicos) oceânicos e hiperoceânicos. Combinações florísticas muito variáveis com <i>Annogramma leptophylla</i>, <i>Davallia canariensis</i>, <i>Polypodium cambricum</i>, <i>P. intergetum</i>, <i>P. x shivasiae</i>, <i>Selaginella denticulata</i>. Andares termo-mesomediterrâneo e termo-mesotemperado; ombroclima sub-húmido a hiper-húmido.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	<p>Destruição directa do habitat, nomeadamente através de: construções; aterros; abertura ou alargamento de estradas; exploração de inertes; abate ou corte de árvores; arborização; limpezas de muros.</p> <p>Aumento da insolação através da modificação do coberto arbóreo e arbustivo. Invasão por neófitos, e.g. <i>Erigeron karvinskianus</i>.</p>		
<b>Medidas de Conservação</b>	<p>Condicionar alterações ao uso do solo na área de ocupação, nomeadamente derivadas de: abertura ou alargamento de vias e caminhos; aterros; construção; exploração de inertes; arborização. Condicionar abate e corte de árvores.</p>		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.010.00												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos														
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Habitat	Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Rochas siliciosas com vegetação pioneira da <i>Sedo-Scleranthion</i> ou da <i>Sedo albi-Veronicion dillenii</i>		8230												
Descrição Sucinta	<p>Superfícies rochosas e solos esqueléticos, normalmente de natureza granítica ou xistosa, colonizados por vegetação pioneira habitualmente dominada por crassuláceas suculentas (em Portugal, maioritariamente do género <i>Sedum</i>).</p> <p>As formações vegetais que caracterizam este habitat possuem tipicamente baixas cobertura e diversidade específica.</p> <p>Os musgos e os líquenes constituem elementos importantes da composição florística típica das fitocenoses de <i>Sedo-Scleranthetea</i>.</p>														
Distribuição Geral	Alemanha, Espanha, França, Grécia e Portugal.														
Habitat(s) Subtipo(s)	Tomilhais galaico-portugueses		8230pt1												
	Comunidades estrelenses de <i>Sedum anglicum</i> subsp. <i>pyrenaicum</i>		8230pt2												
	Comunidades derivadas de <i>Sedum sediforme</i> ou <i>Sedum album</i>		8230pt3												
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>															
Designação			Anexo												
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.												
Directiva 92/43/CEE.			I.												
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação			Resiliência da Vegetação				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global		
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X			X				X			X			X	
Estado de Conservação				Variável.											
Observações/comentários				-											



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.010.01
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>Habitat</b>	Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Rochas siliciosas com vegetação pioneira da <i>Sedo-Scleranthion</i> ou da <i>Sedo albi-Veronicion dillenii</i>	8230	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> **Potencialmente existente	Tomilhais galaico-portugueses		8230pt1
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Formações de nanocaméfitas (“tomilhais”) dominadas pelo tomilho <i>Thymus caespititius</i>, pela gramínea cespitosa <i>Agrostis truncatula</i> subsp. <i>commista</i>, por uma ou mais espécies perenes do género <i>Sedum</i> (<i>S. anglicum</i> subsp. <i>pyrenaicum</i>, <i>S. brevifolium</i>, <i>S. pruinaum</i>) e por diversas geófitas bulbosas (<i>Leucojum autumnale</i>, <i>Narcissus bulbocodium</i>, <i>Ornithogalum broteroi</i>, <i>Scilla monophyllos</i>, etc.).</p> <p>Constituem mosaicos de vegetação com comunidades terofíticas da classe <i>Helianthemetea</i> (habitat 6220), nas clareiras de tojais e urzais mesofíticos da classe <i>Calluno-Ulicetea</i> (habitat 4030).</p> <p>Colonizam solos esqueléticos de natureza granítica ou xistosa. São particularmente frequentes em áreas convexas e em encostas moderada a acentuadamente declivosas, no domínio climácico dos carvalhais de <i>Quercus robur</i> (habitat 9230). Territórios meso-supramediterrânicos ou meso-supratemperados submediterrânicos (hiper)oceânicos de ombroclima sub-húmido a hiper-húmido.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Comunidades subseriais não sujeitas a ameaças significativas.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Manutenção da área de ocupação dos tomilhais com <i>Sedum pruinaum</i> . Exceptuando os tomilhais com <i>Sedum pruinaum</i> , é admissível a conversão até 25% da área de ocupação, atendendo ao carácter subserial e à relativa vulgaridade da composição florística. Manutenção do estado de conservação.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.010.02
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>Habitat</b>	Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Rochas siliciosas com vegetação pioneira da <i>Sedo-Scleranthion</i> ou da <i>Sedo albi-Veronicion dillenii</i>	8230	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> **Potencialmente existente	Comunidades estrelenses de <i>Sedum anglicum</i> subsp. <i>pyrenaicum</i>	8230pt2	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Comunidades crassifólias dominadas por <i>Sedum anglicum</i> subsp. <i>pyrenaicum</i> onde, entre outras espécies, estão presentes a gramínea <i>Agrostis trunctatula</i> subsp. <i>trunctatula</i> e diversas geófitas bulbosas (<i>Narcissus triandrus</i>, <i>Gagea bohemica</i> subsp. <i>saxatilis</i>, <i>Ornithogalum concinnum</i>, etc.).</p> <p>Desenvolvem-se em fendas terrosas e sombrias de afloramentos graníticos ou em pequenas superfícies, mais ou menos planas, na vizinhança de blocos graníticos. As comunidades estrelenses de <i>Sedum anglicum</i> subsp. <i>pyrenaicum</i> atingem o seu óptimo termoclimático no horizonte superior do andar supramediterrânico. Frequentemente, dispõem-se em mosaico com comunidades orófilas da classe <i>Festucetea indigestae</i> (habitat 6160), com comunidades rupícolas casmofíticas (<i>Asplenietea trichomanis</i>, habitat 8220) e com comunidades de <i>Agrostis trunctatula</i> subsp. <i>trunctatula</i>. Nas catenas de vegetação actual, são substituídas em direcção a solos mais profundos por cervunais (habitat 6230).</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Destruição directa do habitat, nomeadamente através de: construções; aterros; abertura ou alargamento de estradas ou caminhos; instalação de pistas de esqui.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionar a alteração do uso do solo, nomeadamente devida a: expansão urbana (e.g. edificação, aterros; abertura ou alargamento de vias de comunicação); expansão turística (e.g. instalação de pistas de esqui).		
<b>Observações/comentários</b>	-		





FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.010.03
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota dos Poios Brancos		
<b>Habitat</b>	Habitats rochosos e grutas (Vertentes rochosas com vegetação casmofítica) – Rochas siliciosas com vegetação pioneira da <i>Sedo-Scleranthion</i> ou da <i>Sedo albi-Veronicion dillenii</i>	8230	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> **Potencialmente existente	Comunidades derivadas de <i>Sedum sediforme</i> ou <i>Sedum album</i>	8230pt3	
<b>Descrição Sucinta</b>	Comunidades derivadas crassifólias dominadas por <i>Sedum sediforme</i> ou <i>S. album</i> de composição florística muito variável consoante o território biogeográfico, o substrato, exposição à luz, disponibilidade de solo, humidade, etc. Presentes em substratos ácidos ou básicos, sendo particularmente frequentes em muros abandonados e taludes de estrada pedregosos em territórios meso e termomediterrânicos, com um solo normalmente rico em bases de troca. Frequentemente, dispõem-se em mosaico com comunidades rupícolas seminitrófilas (classe <i>Parietariea</i> ) e com comunidades comofíticas da classe <i>Phagnalo-Rumicetea</i> .		
<b>Factores de Ameaça</b>	Comunidades não sujeitas a ameaças significativas; o abandono agrícola potencia a regressão deste subtipo através da colonização dos taludes e muros (por exemplo de vinhas e amendoais) por vegetação arbustiva.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Melhoria do grau de conservação.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>	<b>HABITATS</b>	<b>N.011.00</b>
--------------------------	-----------------	-----------------

### CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO

<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>

### CARACTERIZAÇÃO GERAL

<b>Habitat</b>	<b>Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i></b>	<b>92A0</b>
<b>Descri�o Sucinta</b>	<p>Bosques ou matagais (salgueirais arbustivos) maioritariamente ripícolas, densos, muitas vezes impenetr�veis, caducif�lios, de �ptimo mediterr�nico.</p> <p>Esp�cies dominantes pertencentes �s fam�lias das Salic�ceas (g�ns. <i>Salix</i> e <i>Populus</i>), Betul�ceas (g�n. <i>Alnus</i>). Sub-bosque constituído por: lianas (e.g. <i>Hedera</i> sp. pl., <i>Rubus</i> sp. pl. e <i>Rosa</i> sp. pl.); herbáceas vivazes escio-higr�filas (e.g. <i>Bellis</i> sp. pl., <i>Agrimonia</i> sp. pl.); herbáceas vivazes esciófilas (e.g. <i>Poa nemoralis</i>, <i>Stellaria holostea</i>, <i>Silene latifolia</i>, <i>Viola riviniana</i>); herbáceas escionitr�filas anuais (e.g. <i>Geranium</i> sp. pl., <i>Torilis</i> sp. pl.) ou perenes (e.g. <i>Urtica dioica</i>, <i>Chaerophyllum temulum</i>). Prefer�ncia por solos de reac�o �cida derivados de material aluvionar (fluvissolos) ou coluvionar (regossolos). Andares termo a supramediterr�nico, e ombroclima seco a húmido, pontualmente mesotemperado.</p>	
<b>Distribui�o Geral</b>	Espanha, França, Gr�cia, Itália e Portugal.	
<b>Habitat(s) Subtipo(s)</b>	<b>Salgueirais-choupais algarvios de choupos-brancos</b>	<b>92A0pt1</b>
	<b>Salgueirais-choupais de choupos-negros e/ou salgueiros-brancos</b>	<b>92A0pt2</b>
	<b>Salgueirais arb�reos psam�filos de <i>Salix atrocinerea</i></b>	<b>92A0pt3</b>
	<b>Salgueirais arbustivos de <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>Salviifolia</i></b>	<b>92A0pt4</b>
	<b>Salgueirais arbustivos de <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>australis</i></b>	<b>92A0pt5</b>

### INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)

<b>Designa�o</b>	<b>Anexo</b>
Decreto-Lei n� 140/99 de 24 de Abril.	B-1.
Directiva 92/43/CEE.	I.

### CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA

Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegeta�o			Resiliência da Vegeta�o				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global		
Pouca	Diversidade	Muita	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
		X	X				X				X			X	



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>HABITATS</b>	<b>N.011.00</b>
<b>Estado de Conservação</b>	Variável, frequentemente muito degradados.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>HABITATS</b>	<b>N.011.01</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i></b>	<b>92A0</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Salgueirais-choupais algarvios de choupos-brancos **</b>	<b>92A0pt1</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Choupais-salgueirais de grande porte dominados pelo choupo-branco (<i>Populus alba</i>).</p> <p>Desenvolvidos em pequenas depressões com solos argilosos, mais ou menos hidromórficos, submetidos a inundações periódicas durante um escasso período de tempo. Os bosques actuais têm um carácter residual e dispõem-se em mosaico com fragmentos de freixiais, salgueirais arbustivos, silvados e loendrais. Andar termomediterrânicos seco a sub-húmido.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Corte de árvores dominantes; limpeza mecânica de linhas de água.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionalmente ao corte de árvores; interdição à limpeza mecânica das linhas de água com máquinas pesadas, na área de ocupação do habitat; limpeza manual de silvados e extracção de árvores mortas, evitando a resistência do canal à circulação da água e os consequentes efeitos erosivos em áreas vizinhas.		
<b>Observações/comentários</b>	Galerias ribeirinhas mediterrânicas dominadas por choupos e/ou salgueiros.		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>HABITATS</b>	<b>N.011.02</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i></b>	<b>92A0</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Salgueirais-choupais de choupos-negros e/ou salgueiros-brancos **</b>	<b>92A0pt2</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Salgueirais ou salgueirais-choupais dominados por choupo-negro (<i>Populus nigra</i>) e/ou salgueiro-branco (<i>Salix neotricha</i>).</p> <p>Próprios de terraços aluvionares ou coluviões, localizados de margens de rios e ribeiras, valas de drenagem ou mesmo margens de lameiros. Andares termo a supramediterrânico.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Corte de árvores dominantes; limpeza mecânica de linhas de água.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionamento ao corte de árvores; interdição à limpeza mecânica das linhas de água com máquinas pesadas, na área de ocupação do habitat; limpeza manual de silvados e extração de árvores mortas, evitando a resistência do canal à circulação da água e os consequentes efeitos erosivos em áreas vizinhas.		
<b>Observações/comentários</b>	Galerias ribeirinhas mediterrânicas dominadas por choupos e/ou salgueiros.		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.011.03
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i></b>	<b>92A0</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Salgueirais arbóreos psamófilos de <i>Salix atrocinerea</i> **</b>	<b>92A0pt3</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	Salgueirais arbóreos de borrazeira-negra ( <i>Salix atrocinerea</i> ) com <i>Vitis vinifera</i> subsp. <i>sylvestris</i> . Solos ácidos arenosos localizados na margem, ou na proximidade (pequenas depressões), de linhas de água permanentes. Andar termomediterrânico sub-húmido a húmido.		
<b>Factores de Ameaça</b>	Corte de árvores dominantes; limpeza mecânica de linhas de água.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionamento ao corte de árvores; interdição à limpeza mecânica das linhas de água com máquinas pesadas, na área de ocupação do habitat; limpeza manual de silvados e extracção de árvores mortas, evitando a resistência do canal à circulação da água e os consequentes efeitos erosivos em áreas vizinhas.		
<b>Observações/comentários</b>	Galerias ribeirinhas mediterrânicas dominadas por choupos e/ou salgueiros.		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.011.04
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i></b>	<b>92A0</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Salgueirais arbustivos de <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>salviifolia</i> **</b>	<b>92A0pt4</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Salgueirais arbustivos dominados por <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>salviifolia</i>.</p> <p>Ocupam as margens de linhas de água permanentes, normalmente oligotróficas, de regime torrencial. Em vales muito estreitos localizam-se nos leitos de cheias fustigados pelas águas torrenciais durante a época das chuvas, catenalmente entre os amiais ripícolas e a vegetação serial climatófila. Nos vales mais abertos têm tendência a ocupar os segmentos de geomorfologia mais instável: curvas pronunciadas dos rios e depósitos fluviais grosseiros a descoberto durante o estio. Rareiam ou estão ausentes dos troços finais dos grandes rios sendo aí substituídos pelos amiais paludosos, salgueirais-choupais ou salgueirais arbóreos. Distribuem-se pelos andares meso e supramediterrânico, seco a húmido normalmente sobre substratossiliciosos.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Habitat muito resistente à perturbação e às eventuais ameaças: corte de árvores dominantes; limpeza mecânica de linhas de água.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Habitat muito resistente à perturbação, só ocasionalmente necessitando de gestão activa: condicionamento ao corte de árvores; interdição à limpeza mecânica das linhas de água com máquinas pesadas, na área de ocupação do habitat; limpeza manual de silvados e extracção de árvores mortas, evitando a resistência do canal à circulação da água e os consequentes efeitos erosivos em áreas vizinhas.		
<b>Observações/comentários</b>	Galerias ribeirinhas mediterrânicas dominadas por choupos e/ou salgueiros.		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.011.05
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i></b>	<b>92A0</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b>	<b>Salgueirais arbustivos de <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>australis</i> **</b>	<b>92A0pt5</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Salgueirais arbustivos dominados por <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>australis</i>.</p> <p>Localizam-se em leitos siliciosos de linhas de água de regime torrencial, em leitos frequentemente secos durante o Verão. Ótimo sinecológico no andar termomediterrânico sob ombroclima seco. Contactos mais frequentes com comunidades de <i>Nerium oleander</i> e <i>Tamarix africana</i> (classe <i>Nerio-Tamaricetea</i>).</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Habitat muito resistente à perturbação e às eventuais ameaças: corte de árvores dominantes; limpeza mecânica de linhas de água		
<b>Medidas de Conservação</b>	Habitat muito resistente à perturbação, só ocasionalmente necessitando de gestão activa: condicionamento ao corte de árvores; interdição à limpeza mecânica das linhas de água com máquinas pesadas, na área de ocupação do habitat; limpeza manual de silvados e extracção de árvores mortas, evitando a resistência do canal à circulação da água e os consequentes efeitos erosivos em áreas vizinhas.		
<b>Observações/comentários</b>	-		





FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.012.00												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos														
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Habitat	Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Florestas de <i>Castanea sativa</i>		9260												
Descrição Sucinta	Formações dominadas por <i>Castanea sativa</i> , quer para produção de varas, quer para produção de castanha com árvores velhas. Andares supramediterrânico e supratemperado podendo atingir os andares mesomediterrânico (pontualmente) e mesotemperado. Ombroclima sub-húmido a húmido. Solos ácidos de textura diversa.														
Distribuição Geral	Espanha e França. Grécia, Itália e Portugal. Em Portugal somente marginal.														
Habitat(s) Subtipo(s)	Castiçais abandonados		9260pt1												
	Soutos antigos		9260pt2												
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>															
Designação			Anexo												
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.												
Directiva 92/43/CEE.			I.												
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação			Resiliência da Vegetação				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global		
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X				X			X			X				X
Estado de Conservação			Geralmente em bom estado de conservação.												
Observações/comentários			-												



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.012.01
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>			
<b>Habitat</b>	<b>Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Florestas de <i>Castanea sativa</i></b>	<b>9260</b>	
<b>CARACTERIZA�O DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Castinais abandonados **</b>	<b>9260pt1</b>	
<b>Descri�o Sucinta</b>	<p>Talhadas de <i>Castanea sativa</i> abandonadas e, por isso, parcialmente invadidas por <i>Quercus</i> autóctones (<i>Quercus robur</i>, <i>Q. pyrenaica</i> ou <i>Q. faginea</i> subsp. pl.).</p> <p>Estratos arbustivo e herbáceo com uma composi�o florística semelhante aos bosques autóctones.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Corte e/ou limpeza.		
<b>Medidas de Conserva�o</b>	Aceitável a conversão até 25% da área de ocupa�o (modifica�o de técnicas culturais); manuten�o do grau de conserva�o.		
<b>Observa�es/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.012.02
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Florestas de <i>Castanea sativa</i></b>	<b>9260</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Soutos antigos **</b>	<b>9260pt2</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Formações dominadas por <i>Castanea sativa</i>, quer para produção de varas, quer para produção de castanha com árvores velhas.</p> <p>Andares supramediterrânico e supratemperado podendo atingir os andares mesomediterrânico (pontualmente) e mesotemperado. Ombroclima sub-húmido a húmido. Solos ácidos de textura diversa.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Doença da tinta (doença provocada por um minúsculo fungo, denominado <i>Phytophthora cambivora</i> (Petri)); cancro do castanheiro; corte.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Para a manutenção da área actual de ocupação: desenvolvimento de instrumentos financeiros de apoio à conservação deste habitat. Para a melhoria do grau de conservação da área de ocupação: combate à tinta e ao cancro do castanheiro.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



APOIO À VISITAÇÃO DO SÍTIO SERRA DA ESTRELA NO  
CONCELHO DE MANTEIGAS

ROTA DOS POIOS BRANCOS

INVENTARIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E REFERENCIAÇÃO  
CARTOGRÁFICA DE ELEMENTOS ECOLÓGICOS  
SIGNIFICATIVOS E DE PONTOS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO  
RELEVANTE NO CONCELHO DE MANTEIGAS

PAISAGEM

CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS



## ÍNDICE DAS FICHAS DE PAISAGEM PAISAGEM

Rota dos  
Poios Brancos


Código	Tipologias de Paisagem	Descrição da Paisagem
	<b>Paisagem natural</b>	
001.01	Paisagem natural	Vista panorâmica do Covão d'Ametade e dos Cântaros Magro, Gordo e Raso
001.02	Paisagem natural	Floresta após incêndio
001.03	Paisagem natural	Povoamento de <i>Pinus pinaster</i> e <i>Pinus sylvestris</i>
001.04	Paisagem natural	Floresta após incêndio de 2005
	Paisagem natural	Vista panorâmica dos aspectos característicos das paisagens graníticas.
001.05	Paisagem natural	Poios Brancos
001.06	Paisagem natural	Vista para os Cântaros Magro, Gordo e Raso
001.07	Paisagem natural	Vista para a linha de água torrencial - Ribeira de Beijames
001.08	Paisagem natural	Bosquete de <i>Betula celtiberica</i>
001.09	Paisagem natural	Vista para as Candeeirinhas
001.10	Paisagem natural	Vista panorâmica com plano de fundo o Vale Glaciar do Zêzere
001.11	Paisagem natural	Vale Glaciar do Zêzere
001.12	Paisagem natural	Vista panorâmica da lagoa seca
001.13	Paisagem natural	Lagoa seca
001.14	Paisagem natural	Vista panorâmica das cascalheiras
001.15	Paisagem natural	Vista para o Vale Glaciar do Zêzere
001.16	Paisagem natural	Floresta mista
001.17	Paisagem natural	Cadeira do Viriato
001.18	Paisagem natural	Vista para o Aguilhão
001.19	Paisagem natural	Prado de montanha (Cervunal) – Nave de Santo António / Argenteira
	<b>Paisagem natural humanizada</b>	
002.01	Paisagem natural humanizada	Abrigo dos pastores – Nave de Santo António/ Argenteira
002.02	Paisagem natural humanizada	Fontanário–Nave de Santo António/ Argenteira




## ÍNDICE DAS FICHAS DE PAISAGEM PAISAGEM

Rota dos  
Poios Brancos

Código	Tipologias de Paisagem	Descrição da Paisagem
002.03	Paisagem natural humanizada	Ruínas de um teleférico experimental
002.04	Paisagem natural humanizada	Vista para o Vale Glaciar do Zêzere com a Vila de Manteigas ao fundo
002.05	Paisagem natural humanizada	Mariola
002.06	Paisagem natural humanizada	Mariola
002.07	Paisagem natural humanizada	Vista para o Covão da Abelha
	<b>Paisagem humanizada rural agrícola</b>	
003.01	Paisagem humanizada rural agrícola	Socalcos
003.02	Paisagem humanizada rural agrícola	Charca e cultivo de centeio
003.03	Paisagem humanizada rural agrícola	Cultivo de centeio e casa típica da Serra
003.04	Paisagem humanizada rural agrícola	Cultivo de centeio na assentada
003.05	Paisagem humanizada rural agrícola	Cultivo de centeio
	<b>Paisagem humanizada rural pastoril</b>	
004.01	Paisagem humanizada rural pastoril	Gado caprino e ovino a pastar junto aos lameiros
	<b>Paisagem humanizada</b>	
005.01	Paisagem humanizada	Alminhas
	<b>Paisagem humanizada urbana</b>	
006.01	Paisagem humanizada urbana	Vista panorâmica da Vila de Manteigas.

FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.01											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota dos Poios Brancos</b>		<b>Canal visual</b>											
				007°34'21,50" W 40°19'32,47" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem natural.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Vista panorâmica do Covão d'Ametade e dos Cântaros Magro, Gordo e Raso.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>
			X				X			X					X
<b>Observações/comentários</b>				<p>O Covão d'Ametade é o encontro com um pequeno paraíso terrestre; sobre o covão glaciário erguem-se os Cântaros Gordo, Magro e Raso; entre um bosque denso de videiros/bétulas correm os regatos que vão gerar o rio. Cobrindo os rochedos um musgo cor de púrpura (<i>Bryum alpinum</i>) anunciam os jardins miniatura, onde a micro-fauna e micro-flora da Serra revela a sua formidável biodiversidade, com as coroas amarelas dos narcisos, com plantas endémicas raras e um manto alourado de <i>Holcus gayanus</i>, que parece uma pequena erva-molar. (<i>Património Natural e Cultural da Serra da Estrela</i>, 2008)</p>											




FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.02											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°34'29.21" W 40°19'29.68" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Floresta após incêndio de 2005.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
	X				X					X			X		
Observações/comentários				-											





FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.03											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
Rota		Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°34'21,50" W 40°19'32,47" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem		Paisagem natural.													
Descrição da Paisagem		Povoamento de <i>Pinus pinaster</i> e <i>Pinus sylvestris</i> .													
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X			X					X
Observações/comentários				-											




FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.04											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°34'21,50" W 40°19'32,47" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Floresta após incêndio.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X				X				X	
Observações/comentários				-											




FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM	N.001.05												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°33'03,72" W 40°20'19,17" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Vista panorâmica dos aspectos característicos das paisagens graníticas.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X			X					X
Observações/comentários				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.05											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°33'29,74" W 40°19'51,99" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Poios Brancos.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X			X					X
Observações/comentários				Os Poios Brancos correspondem a um <i>Tor</i> – forma granítica típica em que os blocos se acumulam <i>in situ</i> , respeitando o sistema de diaclases do granito.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.06											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°33'21,74" W 40°20'23,51" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Vista para os Cântaros Magro, Gordo e Raso.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X					X			X	
Observações/comentários															




FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.07											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°30'49.28" W 40°20'42.52" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Vista para a linha de água torrencial – Ribeira de Beijames.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X			X					X
Observações/comentários				O Vale de Beijames, no Parque Natural da Serra da Estrela, e tem características de um vale glacial tal como o "vizinho" vale do Zêzere a montante de Manteigas. A Ribeira de Beijames um afluente do Zêzere, desaguando na margem direita deste rio entre Vale de Amoreira e Valhelhas.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.08											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°34'23,92" W 40°19'30,49" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Bosquete de <i>Betula celtiberica</i> .														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X			X					X
Observações/comentários				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.09											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°33'45,18" W 40°20'56,28" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Vista para as Candeeirinhas.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X			X					X
Observações/comentários				-											





FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.10											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota dos Poios Brancos</b>		<b>Canal visual</b>											
				07°34'14,03" W 40°19'36,73" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem natural.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Vista panorâmica com plano de fundo o Vale Glaciar do Zêzere.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>
			X				X			X					X
<b>Observações/comentários</b>				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.11											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota dos Poios Brancos</b>		<b>Canal visual</b>											
				007°33'45,18" W 40°20'56,28" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem natural.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Vale Glaciar do Zêzere.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>
			X				X			X					X
<b>Observações/comentários</b>				O Vale Glaciar do Zêzere é um dos melhores exemplos da modelação da paisagem pelos glaciares. A forma em "U" deve-se aos gelos que formaram uma cúpula no cimo da montanha de onde divergiam línguas que escoavam pelos vales periféricos. Apesar de se tratar de um vale glaciar e por isso muito aberto, as encostas são muito íngremes, cobertas de bolas graníticas e caos de blocos, principalmente na base das linhas de água.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.12											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota dos Poios Brancos</b>		<b>Canal visual</b>											
				007°33'5.62" W 40°20'13.66"N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem natural.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Vista panorâmica da lagoa seca.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>
			X				X			X					X
<b>Observações/comentários</b>				A Lagoa Seca constitui um dos locais mais interessantes da Serra da Estrela, do ponto de vista geomorfológico, sendo muito importante para o estudo da dinâmica glaciária do Vale do Zézere.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM	N.001.13												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	07°33'21,74" W 40°20'23,51" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Lagoa seca.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X				X				X	
<b>Observações/comentários</b>				A Lagoa Seca constitui um dos locais mais interessantes da Serra da Estrela, do ponto de vista geomorfológico, sendo muito importante para o estudo da dinâmica glaciária do Vale do Zêzere.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.14											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota dos Poios Brancos</b>		<b>Canal visual</b>											
				007°30'53.13" W 40°20'42.61" W											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem natural.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Vista panorâmica das cascalheiras.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>
			X				X				X				X
<b>Observações/comentários</b>				Cascalheiras são depósitos de fragmentos rochosos grosseiros, não consolidados, de litologia e mobilidade variáveis, normalmente localizados em pendentes de inclinação moderada a forte, colonizados ou não, por vegetação vascular.											




FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.15											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°33'41.79" W 40°20'49.66" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Vista para o Vale Glaciar do Zêzere.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X				X				X	
Observações/comentários				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.15											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		Rota dos Poios Brancos		Canal visual											
				007°34'24,17" W 40°19'03,87" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem natural.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Vista panorâmica nas imediações de Piornos.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X				X				X	
<b>Observações/comentários</b>				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM	N.001.16												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°30'46.70" W 40°22'22.62" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Floresta mista.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X				X				X	
Observações/comentários				-											





FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM	N.001.17												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°33'29,74" W 40°19'51,99" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Cadeira do Viriato.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X				X				X	
<b>Observações/comentários</b>				A cadeira de Viriato é um autêntico trono, feito pelas mãos da natureza.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.19											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°30'49,28" W 40°20'42,52" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Vista para o Aguilhão.														
															
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico		Valor Natural		Valor Humano		Qualidade da Paisagem									
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X				X				X	
Observações/comentários		O Aguilhão corresponde a um monólito de granito existente na confluência de duas linhas de água, nas cabeceiras da Ribeira de Beijames. A fracturação desenvolvida no local, bem expressa pelo alinhamento das linhas de água, leva à existência de um local em que a densidade de fracturação é menor, oferecendo por isso maior resistência aos fenómenos erosivos.													



<b>FICHA DE PAISAGEM</b>	<b>PAISAGEM</b>	<b>N.001.20</b>
--------------------------	-----------------	-----------------

### CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO

<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Canal visual</b>	007°35'19,23" W 40°18'57,46" N

### CARACTERIZAÇÃO GERAL

<b>Tipologias de Paisagem</b>	Paisagem natural.
<b>Descrição da Paisagem</b>	Prado de montanha (Cervunal) – Nave de Santo António / Argenteira.



### CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA

Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X			X					X				X

<b>Observações/comentários</b>	<p>A nave de Santo António é uma depressão aplanada de origem glaciária situada entre o planto da torre e os piornos que se apresenta coberta por um extenso prado de montanha. Nave de Santo António ou Argenteira [denominação que tem origem na tonalidade das rochas que envolvem a nave as quais assumem uma tonalidade prateada.</p> <p><i>“No alto d’esta Serra pastam mais de doze mil ovelhas desde a Primavera, em que vêm do Alemtejo, onde vão ter o Inverno, até ao Outono, em que tornam para lá sem para tão grande número de gados faltarem por todo este tempo pastos, porque d’elles é a Serra povoada na mais excessiva abundância, em tal forma, que só em uma relva sita ao pé da Ermida de Santo António de Argenteira, acima relatada, chamada por esta razão a Nave de Santo António, por todo este referido tempo pastam mais de quinhentas ovelhas sem pelo mesmo tempo sentirem a mínima falta de pastos. E se conta, que os pastos são tão puros, que não só são alimentares para os gados, mas também medicina para curar os achaques que elles padecem, os quaes se lhes desfazem com o uso de taes pastos. Há tão bem nesta serra criação de lobos, raposas, coelhos, perdizes e de Águias Reaes, que vivem nas penhas d’ellas.”</i> – P. Manuel Cabral de Pina em Memória sobre a fundação da F.N.I.L.</p> <p>O cervunal começa a ficar invadido por uma espécie (<i>Calunia vulgaris</i>) devido à falta de pastoreio o qual controlava esta situação.</p>
--------------------------------	---




FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.002.01											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota do Glaciar</b>		<b>Canal visual</b>											
				007°34'38,31" W 40°19'06,29" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem natural humanizada.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Abrigo dos pastores – Nave de Santo António / Argenteira.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>
		X			X						X				X
<b>Observações/comentários</b>				<p>Construção criada como objectivos religiosos os quais nunca foram concretizados.</p> <p>"(...)No alto da Serra da Estrela (Nave de Santo António ou Argenteira) erguia-se, ainda não há muito tempo, donairosa e simples, a encantadora capelinha de Santo António da Argenteira que, infelizmente, hoje está abandonada, em ruínas. O Povo não sabe a razão erudita porque foi construída a capela naquele ermo, mas tece-lhe imediatamente a lenda de que o asceta Santo António ali aparecera, (...), a salvar um rebanho de gado da voracidade das feras.(...)" – www.joraga.net</p>											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.002.02											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota dos Poios Brancos</b>		<b>Canal visual</b>											
				007°34'38,31" W 40°19'06,29" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem natural humanizada.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Fontanário – Nave de Santo António / Argenteira.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>
			X		X						X				X
<b>Observações/comentários</b>				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.002.03											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota dos Poios Brancos</b>		<b>Canal visual</b>											
				007°34'38,31" W 40°19'06,29" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem natural humanizada.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Ruínas de um teleférico experimental.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
	X				X				X				X		
<b>Observações/comentários</b>				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.002.04											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota dos Poios Brancos</b>		<b>Canal visual</b>											
				007°34'21,50" W 40°19'32,47" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem natural humanizada.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Vista para o Vale Glaciar do Zêzere com a Vila de Manteigas ao fundo.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>
			X				X				X			X	
<b>Observações/comentários</b>				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.002.05											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°33'10,34" W 40°20'25,59" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural humanizada.														
Descrição da Paisagem	Mariola.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X			X	
Observações/comentários				Mariolas – marcações deixadas pelos pastores para identificar os percursos que efectuavam de modo a não se perderem na imensidão da Serra.											





<b>FICHA DE PAISAGEM</b>	<b>PAISAGEM</b>	<b>N.002.06</b>
--------------------------	-----------------	-----------------

**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Canal visual</b>	007°33'5.98" W 40°20'13.13" N

**CARACTERIZAÇÃO GERAL**

<b>Tipologias de Paisagem</b>	Paisagem natural humanizada.
<b>Descrição da Paisagem</b>	Mariola.

<b>Registo Fotográfico</b>	
----------------------------	---

**CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA**

Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X			X	

<b>Observações/comentários</b>	Mariolas – marcações deixadas pelos pastores para identificar os percursos que efectuavam de modo a não se perderem na imensidão da Serra.
--------------------------------	--



<b>FICHA DE PAISAGEM</b>	<b>PAISAGEM</b>	<b>N.002.07</b>
--------------------------	-----------------	-----------------

**CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO**

<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota dos Poios Brancos</b>	<b>Canal visual</b>	007�31'00,53" W 40�20'58,78" N

**CARACTERIZA O GERAL**

<b>Tipologias de Paisagem</b>	Paisagem natural humanizada.
<b>Descri�o da Paisagem</b>	Vista para o Covão da Abelha.



**CARACTERIZA O ESPECÍFICA**

Valor C�nico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X			X	

<b>Observa�es/comentários</b>	-
-------------------------------	---



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.003.01											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota dos Poios Brancos</b>		<b>Canal visual</b>											
				007°30'50.66" W 40°22'20.53" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem humanizada rural agrícola.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Socalcos.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X				X
<b>Observações/comentários</b>				Socalcos – cortes, bancos ou aterros horizontais feitos ao longo de encostas para reduzir a erosão, melhorar as colheitas, reter as águas, melhorar a infiltração das chuvas ou preencher qualquer outra função de conservação.											




FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.003.02											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°32'54,43" W 40°20'59,99" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rural agrícola.														
Descrição da Paisagem	Charca e cultivo de centeio.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X				X				X	
Observações/comentários															



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.003.03											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
Rota		Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°32'54,43" W 40°20'59,99" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem		Paisagem humanizada rural agrícola.													
Descrição da Paisagem		Cultivo de centeio e casa típica da Serra.													
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X					X			X	
Observações/comentários															



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM	N.003.04												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°31'30,84" W 40°21'12,25" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rural agrícola.														
Descrição da Paisagem	Cultivo de centeio na assentada.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X					X			X	
Observações/comentários				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM	N.003.05												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	7°33'48.26" W 40°20'48.10" N												
<b>CARACTERIZA�O GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rural agrícola.														
Descri�o da Paisagem	Cultivo de centeio.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZA�O ESPECÍFICA</b>															
Valor C�nico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X				X
Observa�es/comentários				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.004.01											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota dos Poios Brancos</b>		<b>Canal visual</b>											
				7°33'48.26" W 40°20'48.10" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem humanizada rural pastoril.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Gado caprino e ovino a pastar junto aos lameiros.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X				X
<b>Observações/comentários</b>				Lameiros – campos de cultivo e pastagens permanentes estendem geralmente por vales, sendo providos de um sistema de rega tradicional que utiliza a força da gravidade para conduzir a água proveniente dos cursos de água ou de nascentes (levadas).											





FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.005.01											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota dos Poios Brancos</b>		<b>Canal visual</b>											
				7°34'14,03" W 40°19'36,73" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem humanizada.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Alminhas.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>
		X				X				X				X	
<b>Observações/comentários</b>				Alminhas – pequenos monumentos religiosos e são um dos vestígios mais importantes da arte popular portuguesa.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM	N.006.01												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota dos Poios Brancos	Canal visual	007°32'2.82" W 40°22'44.40" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada urbana.														
Descrição da Paisagem	Vista panorâmica da Vila de Manteigas.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X				X
Observações/comentários				<p>“Reconhece-se sem qualquer dificuldade que a Vila de Manteigas se apresenta com uma óptima localização, em relação ao seu enquadramento natural. Bem exposta a nascente e sul, protegida dos ventos dominantes, próxima do fundo do vale, mas suficientemente dele afastada para não sofrer os efeitos da humidade e ter as comunicações facilitadas, situadas no cruzamento dos eixos longitudinal e transversal do vale e, factor importantíssimo, com abundância de água da vila. Não admira pois que os primitivos povoadores tivessem escolhido o local.” – <i>Dispersália – Estudos vários Locais e Regionais</i>, Edição Câmara Municipal de Manteigas, Batista J. D. L., (2005).</p>											

